

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPESP
MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

FRANCISCA KEILA DE FREITAS AMOÊDO

ENSINO DAS CIÊNCIAS: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE
PARINTINS/AM

Orientador: Prof. Dr. José Camilo Ramos de Souza

Manaus
2017

FRANCISCA KEILA DE FREITAS AMOÊDO

ENSINO DAS CIÊNCIAS: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE
PARINTINS/AM

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. José Camilo Ramos de Souza

Manaus
2017

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca CESP- UEA

A523Amoêdo, Francisca Keila de Freitas

Ensino das ciências: diálogo na educação infantil e a aprendizagem da criança surda, na cidade de Parintins/AM. / Francisca Keila de Freitas Amoêdo. – Parintins: UEA, 2017.

vx, 128p. : il color ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Camilo Ramos de Souza.

Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia)-
Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2017.

1. Criança surda- educação 2. Ensino das ciências 3. Educação infantil I.
Souza, José Camilo Ramos de . II Título.

FRANCISCA KEILA DE FREITAS AMOÊDO

ENSINO DAS CIÊNCIAS: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS/AM

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em
Educação e Ensino de Ciências na
Amazônia, da Universidade do Estado do
Amazonas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. José Camilo Ramos de Souza
Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Orientador)

Prof^o. Dr. José Vicente de Souza Aguiar
Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Membro Interno)

Prof^a. Dra. Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira
Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Membro Externo)

Dedico este trabalho especialmente às crianças surdas e ouvintes que me ensinaram acerca da infância inclusiva. E a todos que acreditam na educação inclusiva como forma de emancipação da criança surda.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pai celestial, que me munuiu de força, sabedoria e discernimento nos momentos difíceis deste estudo!

A minha família, minhas filhas Jéssica (21anos),Maitê (13 anos) e Eloá (05 anos) razão do meu viver, obrigada pela compreensão carinho e amor.Obrigada por suportarem minha ausência nas viagens. Obrigada pelo sorriso e questionamentos tais como: “Já vai de novo?” (Eloá (05 anos), “Você está estudando muito, mamãe!”. Vocês me inspiraram, me ensinaram a ouvir as crianças. Amo vocês!

A minha mãe Marta e o meu irmão Kedson por todo apoio, sou feliz por ter vocês ao meu lado.

Ao meu marido, André Amoedo, amigo, amante,companheiro e cúmplice. Obrigada por seu apoio incondicional e incentivo nesta caminhada, por ter cuidado das nossasfilhas na minha ausência para que eu pudesse concluir este curso de mestrado.Obrigada pela compreensão e por todo amor que dedica a nossa família. Sem a sua ajuda não teria conseguido. Que nosso Deus te recompense por tudo!

Ao meu querido orientador, José Camilo, a quem tenho muito respeito! Obrigada pela paciência e incentivo durante este percurso e principalmente por acreditar em uma pesquisa que ainda nos dias atuais é um desafio.

À Universidade do Estado do Amazonas, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, que oportunizou ampliar minhas expectativas acadêmicas, no desenvolvimento deste projeto, que assevera minhas convicções sobre a forma de ver o ser humano no mundo com respeito às diferenças e igualdade nos direitos e deveres.

Aos amigos do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, que me ajudaram nesta caminhada. Em especial aos colegas professores do Colegiado de Pedagogia (CESP/UEA), pela compreensão, paciência e incentivo.

A todos os professores que colaboraram com minha formação, propiciando a (re) construção de um olhar mais crítico sobre o processo de aprendizagem da criança surda. Agradeço a todos com carinho.

Às turmas de Pedagogia, a qual ministro aulas e que me impulsionam, como professora, a buscar sempre a renovação do conhecimento, vislumbrando o aprimoramento do processo de formação docente.

Aos amigos que consegui durante este processo, pelos momentos de descontração e conhecimentos compartilhados.

À Secretaria de Educação do Município de Parintins por permitir a realização da pesquisa em uma de suas escolas.

A todos os envolvidos que contribuíram direta ou indiretamente para realização desta pesquisa.

Agradeço a todos de coração, nada é fácil, todos os dias são de superação e lutas e só alcança quem realmente acredita. Pois “a única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível” (CORROLL, 1865).

*“Quando eu aceito a língua de outra pessoa eu aceito a pessoa”.
Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa, porque a língua é parte de nós
mesmos.
Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre
em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los,
devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permiti-lhes ser surdo.”*

Tarje Basilier

RESUMO

Este trabalho intitulado: “O ensino das ciências: diálogo na Educação Infantil e a aprendizagem da criança surda, na cidade de Parintins/Am” tem como objetivo compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências, considerando o exercício mental executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula. Busca construir um quadro teórico a respeito do ensino das ciências para dialogar sobre o processo de ensino e aprendizagem da criança surda na Educação Infantil, assim como descrever como as crianças surdas aprendem os conteúdos trabalhados em determinado Centro de Educação Infantil, analisando como o ensino das ciências contribui para o processo de ensino aprendizagem dessas crianças no Centro de Educação Infantil. As reflexões permitiram analisar a educação da criança surda, no processo ensino e aprendizagem, por acreditar que são capazes de superar as barreiras que limitam seu aprender e há exigência de ensino de qualidade dentro de escola bilíngue para surdos ou escola que esteja preparada para atuar dentro do processo inclusivo, respeitando a língua e vontade identitária do próprio sujeito, que queira ser surdo ou deficiente auditivo; a sociedade deve respeitar os sujeitos surdos que ainda são vistos e julgados como incapazes. Essa reflexão analítica foi construída a partir dos procedimentos metodológicos de pesquisa qualitativa, alicerçada na fenomenologia; os percursos de coleta de dados se apoiaram nos instrumentos e técnicas de observações sistemáticas em sala de aula e nas dependências da escola; entrevistas semiestruturadas, realizadas com duas professoras, sendo uma do ensino regular e a outra do ensino especial. Com a criança surda foram desenvolvidas atividades de escrita e desenhos para adentrar no universo de aprendizagem e assim tentar ver a forma e o grau do aprender da criança surda. A efetivação dos direitos do estudante surdo ganhará mais espaços quando for efetivado o respeito ao sujeito, a língua e a identidade do surdo, com escolas bilíngues ou escolas que estejam preparadas para o processo inclusivo, para que ocorra o desejado: interação social e escolar.

Palavras- chave: Ensino das Ciências. Criança Surda. Educação Infantil.

ABSTRACT

This work entitled: "The teaching of science: dialogue in Early Childhood Education and the learning of the deaf child in the city of Parintins / Am" aims to understand how teaching and learning of deaf children occurs in Early Childhood Education, based on the Teaching of science, considering the mental exercise performed by the child to assimilate the multiple contents taught in the classroom. It seeks to construct a theoretical framework regarding the teaching of the sciences to discuss the teaching and learning process of the deaf child in Early Childhood Education, as well as to describe how deaf children learn the contents worked in a particular Early Childhood Education Center, analyzing how the teaching of Sciences contributes to the learning process of these children in the Early Childhood Education Center. The reflections allowed us to analyze the education of the deaf child in the teaching and learning process, believing that they are able to overcome the barriers that limit their learning and there is a need for quality teaching within a bilingual school for the deaf or school that is prepared to act in Of the inclusive process, respecting the language and identity of the subject, who wants to be deaf or hearing impaired; Society must respect deaf subjects who are still seen and judged as incapable. This analytical reflection was built from the methodological procedures of qualitative research, based on phenomenology; The data collection paths were based on the instruments and techniques of systematic observations in the classroom and on the premises of the school; Semistructured interviews with two female teachers, one from regular education and the other from special education. With the deaf child, writing and drawing activities were developed to enter the learning universe and thus try to see the form and degree of learning of the deaf child. The realization of the deaf students' rights will gain more space when respect for the subject, language and identity of the deaf, with bilingual schools or schools that are prepared for the inclusive process, so that the desired social and school interaction takes place.

Keys-word: Science Teaching. Deaf child. ChildEducation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

TABELA 01: Meios para facilitar a comunicação de surdos.....	42
--	----

IMAGENS

IMAGEM 01: Oficina de desenho.....	53
IMAGEM 02: Desenho da criança.....	54
IMAGEM 03: Crianças durante atividades.....	82
IMAGEM 04: Crianças realizando atividade externa na escola regular.....	89
IMAGEM 05: Crianças realizando atividade na escola regular.....	91
IMAGEM 06: Atividade em LIBRAS e em Língua Portuguesa realizada em sala de aula.....	93
IMAGEM 07: Criança em atividade sobre libras e língua portuguesa.....	94

FIGURAS

FIGURA 01: Características pedagógicas dos professores.....	75
FIGURA 02: Características do professor de AEE.....	84

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
1PROCESSOS HISTÓRICOS, EDUCATIVOS E SOCIAIS DO SURDO (NO BRASIL).....	20
1.1 O ENSINO DAS CIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO DOS SURDOS COMO PROCESSO LIBERTADOR	23
1.2 A ESCOLA COMO ENCONTRO DO SURDO COM O CONHECIMENTO FORMAL DAS CIÊNCIAS	32
1.3 ESCOLA BILÍNGUE: FACILITANDO A COMUNICAÇÃO E A APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS PARA OS SURDOS	42
2ENSINO DAS CIÊNCIAS E A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM PARINTINS.....	50
2.1 ESCOLA ESPECIAL: AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DAS CIÊNCIAS ATRAVÉS DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CRIANÇAS SURDAS 51	
2.2 ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS DIFICULDADES DE COMUNICAR CIÊNCIAS À CRIANÇA SURDA	57
2.3 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL 65	
3CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL: O ENSINO DAS CIÊNCIAS E O ESTUDANTE SURDO DE PARINTINS/AM.....	72
3.1 O ENSINO DAS CIÊNCIAS PARA A CRIANÇA SURDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM PARINTINS	73
3.2 O ENSINO DAS CIÊNCIAS PARA ESTUDANTE SURDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA PÚBLICA EM PARINTINS	83
3.3 APRENDIZAGEM, DIFICULDADE E PROGRESSO DO ESTUDANTE SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	107
ANEXOS.....	127

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu de inquietações a partir das percepções durante os trabalhos de docência, em tempos pretéritos, com estudantes surdos em escolas públicas de Parintins. A vivência como docente despertou a preocupação em desenvolver pesquisa a respeito do processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo, para entender como ocorre a comunicação educativa na sala de aula.

Esse desafio se apresenta dentro da disciplina de Ciências e as formas de comunicação com outras disciplinas do ensino fundamental I, onde os conteúdos são totalmente abstratos para os estudantes surdos, que precisam compreender o sentido do que é ensinado. Por não compreender os conteúdos, pela falta de comunicação, os estudantes surdos já foram e ainda são vistos como incapazes de aprender.

A visão de incapacidade conduz ao processo de exclusão em sala de aula, pois não há comunicação no ensino e nem compreensão para aprendizagem, devido os sujeitos (professor e estudante) não realizarem o processo de comunicação, haja vista que um não escuta o que o outro fala e o outro sujeito não domina a língua do surdo, a LIBRAS.

O estudante surdo se sente fora do processo de ensino e de aprendizagem porque tudo que é relacionado ao ensino, em termos de conteúdos, não chega a ser entendido e, como o surdo é visual precisa se apoderar dos termos para ressignificar os conteúdos ensinados para passar a aprender e compreender o sentido e a importância de cada componente curricular e seus inúmeros conteúdos.

A interação entre professor e estudante acontece no âmbito escolar por meio da fala, no caso com o surdo pelo contato e com a expressão das mãos. Por isso, faz-se necessário compreender o universo educativo da criança surda e as suas múltiplas relações escolares na vida educacional, social e cultural, assim como os processos de interação e socialização, ao ensino e à aprendizagem. Pensando em propiciar ao estudante surdo à possibilidade de interagir ativamente tanto com crianças surdas como com as ouvintes, sem imposição ou determinação.

Diversos estudos discutem a inclusão da pessoa com surdez no âmbito escolar e, por conseguinte, o seu processo de interação com as pessoas ouvintes, assim como os reflexos do Ensino das Ciências para o desenvolvimento cognitivo da

criança surda, os quais apontam a relevância do ensino da LIBRAS no desenvolvimento de sua cognição, como Fernandes (2003); Strobel(2006); Capovila (2010); Damázio (2007); Vargas (2011).

Entre os recursos existentes para a comunicação da pessoa surda, a LIBRAS se constitui como um importante instrumento para o desenvolvimento da socialização educativa e social da criança. Considerada a língua materna das pessoas surdas, possibilita uma aprendizagem mais eficaz.

Os recursos anteriormente impostos para educação do surdo o submetia a torturas, ele era reprimido e, ainda, precisava incorporar os meios de comunicação dos ouvintes. Este processo confuso não respeitou a natureza do surdo causando efeitos negativos na história do mesmo. O surdo foi obscurecido socialmente sem, contudo, estagnar sua luta por seus direitos.

O desígnio central deste trabalho é compreender como ocorre o Ensino das Ciências e o diálogo entre escolas de Educação Infantil durante a aprendizagem das crianças surdas, considerando o exercício cognitivo executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula, na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto que ocorre nas relações sociais e educativas na cidade de Parintins/AM.

Pesquisamos a criança surda e o ensino e aprendizagens especificamente a partir de duas escolas, sendo uma regular e uma que possui atendimento diferenciado de múltiplas deficiências, na especificidade o surdo. Observando como a criança surda se desenvolve em ambas escolas, fez-se necessário realizar a pesquisa a partir de questionamentos: Como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da criança surda nas escolas regulares e escolas com atendimento diferenciado? O que os professores pensam a respeito do ensino da criança surda? Em alguns momentos, faz-se necessário averiguarmos valores na literatura e na ciência, quando os estudiosos voltados ao ensino, à educação, à família e à vida em sociedade dos surdos não poderiam deixar de mencionar o processo de ensino e aprendizagem dos mesmos.

Compreender o ensino e a aprendizagem, principalmente o Ensino das Ciências, requer esforço intelectual para entender o processo de construção de conhecimentos, seja em sala de aula, seja na sua aplicação prática nas relações diárias da vida em sociedade. O desafio maior se apresenta quando envolve

crianças surdas, que possuem um mundo abstrato, requerendo um esforço maior na maneira de ensinar.

O ato de ensinar exige uma construção mental voltada a diversas questões. Desta maneira, como foi trabalhado determinado conteúdo de Ciências? E isto se torna ainda mais exigente quando se tem crianças surdas envolvidas no processo da aprendizagem. Como ensinar? O que ensinar? Por que ensinar? Questões que exigem reflexões analíticas do educador que deve se preocupar, não só com o ato de repassar conteúdos, mas também com o ato de ensinar.

Nesse contexto, o professor necessita ter a preocupação de encontrar mecanismos que possam servir como base para a inserção do estudante surdo no processo da aprendizagem, porque isso requer dedicação e tempo para construir as estratégias e práticas de ensino que transformem o conteúdo do Ensino das Ciências que é abstrato, em concreto. Há de se considerar que a criança surda tem sua maneira de ver, de sentir e de perceber o mundo ou a sua realidade vivida e construída nas relações diárias. A compreensão dessa visão da criança surda conduz ao processo do que ensinar e como ensinar os conteúdos do Ensino de Ciências ministrados nas escolas.

O ensino para os estudantes surdos no processo educacional infantil precisa estar intimamente ligado aos seus conhecimentos prévios ou ensinamentos que adquiriu em seu contexto social, na relação com as pessoas com as quais convive e se comunica, aspecto que facilitará a junção dos conhecimentos originados deste contexto, com os adquiridos na sala de aula e nas múltiplas relações sociais que desenvolverá.

É necessário considerar que as famílias possuem função primordial no processo de socialização das crianças surdas com o meio social e educacional, sendo importante que elas apresentem uma concepção clara sobre a surdez, mostrando que esta criança deve ser aceita em suas diversidades e ser membro da sociedade, participar, vivenciar, estar entre outros surdos, viver normalmente com os ouvintes, interagir e ser aceita em todos os âmbitos sociais. Importante frisar que os gestos comunicam, mas que todos aprendam LIBRAS para haver uma verdadeira comunicação.

Além do âmbito social é necessário adentrar no universo da Educação Infantil, pois é importante para projetar discussões e reflexões para que seja repensado o que foi construído sobre o surdo, devido o mesmo ser estereotipado

como “incapaz de aprender”. Os avanços da comunicação (LIBRAS), mostrou o quanto são capazes de avançarem nos estudos, demonstrando domínio de aprendizagem e compreensão de leitura de mundo.

Ensinar as crianças ouvintes sobre uma árvore, a qual tem como componentes seus galhos, folhas, cores, frutos, e outros elementos, pode ser de fácil compreensão, porque entendem o significado das palavras, tomando sentido sobre o que está sendo ensinado, porém para a criança surda, cuja forma de pensar se diferencia de outras crianças, essa mesma forma de ensino pode remeter a equívocos, tornando a compreensão e a aprendizagem dos conteúdos muito mais difíceis. Logo, é necessário vivenciar a realidade do estudante surdo para conhecer e compreender como ele organiza e constrói sua aprendizagem.

Admitimos que o ensino e a aprendizagem das Ciências desde a Educação Infantil é fundamental para que a criança surda consiga desenvolver capacidades cognoscitivas que favoreçam os estudos posteriores, além de permitir que novas questões relacionadas ao estudante surdo apareçam para serem refletidas em decorrência deste estudo. Com isso, há um questionamento consistente: como a criança está inserida/incluída em sala de aula? Que concepção de ensino e de aprendizagem o professor respalda sua prática no ensino às crianças surdas? É importante incluir ou deixar que o surdo conviva especificamente com outras crianças surdas? Surgem ainda questões voltadas a necessidades da inserção das relações sociais além da família? Quais valores e atitudes que diferenciam uma criança surda de uma ouvinte? Onde ambos por muitas vezes negam seus valores, engessando em comportamentos preconceituosos.

Com intuito de responder algumas dessas indagações é necessário considerar que o comportamento preconceituoso surge de relações sociais, educacionais e familiares mal estabelecidas no que se refere principalmente ao contexto da criança surda na Educação Infantil.

A Educação Infantil proporciona o conjunto de elementos que são à base das ciências e do conhecimento científico, assim deve-se compreender o Ensino de Ciências, além de um merocomponente da matriz curricular. Pois, é necessário que a criança com surdez adquira estes fundamentos científicos, a partir do que é trabalhado em sala, onde o conjunto de informações faz com que a mesma possa crescer a cada dia em conhecimento por está sendo estimulada mentalmente,

através de atividades construídas para uma interação visual que atentem ao processo de aprendizagem social, educacional e familiar.

Podemos dizer que os componentes curriculares de Matemática, Português, Artes, Ciências, Geografia dentre as demais utilizadas de maneira interdisciplinar no processo de aprendizagem da criança surda na Educação Infantil parte inicialmente da efetivação da Língua de Sinais, que é uma língua visual gestual.

A LIBRAS no processo de aprendizagem viabiliza o Ensino das Ciências, na Educação Infantil considerando os estímulos com jogos matemáticos, material concreto como, por exemplo, o estudo de uma folha faz com que o ato de aprender da criança surda ocorra de maneira não disciplinar, mas como conhecimento.

Diante dessas indagações, discute-se a necessidade de uma pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças surdas na Educação Infantil no Município de Parintins, por acreditar que seria o primeiro passo para que a criança surda seja inserida nas relações sociais, através do reconhecimento dos seus valores, para que possa assim construir o conhecimento de seus direitos, enquanto surdo tendo liberdade de convívio na esfera social e ser respeitado enquanto uma pessoa com deficiência.

Este processo educacional voltado ao ensino e aprendizagem da criança surda, instigou-nos a pesquisar, através do Ensino das Ciências, quais metodologias, de forma visual, os professores estão utilizando para que atenda às necessidades dessas crianças. Visão esta que se encontra integrada às práticas escolares.

No que tange este compromisso social e educacional da escola com o estudante surdo, para sob o professor a responsabilidade de criar estratégias de ensinar e aprender, que possam ser evidenciadas possíveis maneiras de como aplicar os conteúdos de Ciências de forma que as oportunidades de ensino e aprendizagem sejam iguais para crianças surdas e ouvintes.

A Educação Infantil é a base para uma educação de qualidade e, acreditando que a criança surda tem os mesmos direitos que uma criança ouvinte, mais ainda, levando em consideração que a sua deficiência não a impede de ter uma aprendizagem de qualidade, optou-se por verificar de que maneira este processo está ocorrendo o que justifica o interesse em pesquisar acerca do tema: Ensino das Ciências: diálogo na Educação Infantil e aprendizagem da criança surda, na Cidade de Parintins/AM. Considerando por esta proposta que as crianças surdas

têm chegado à escola bastante cedo, trazendo consigo uma questão importante que pode transformar todo o processo de ensino e aprendizagem, assim como a estrutura deste espaço escolar, onde os mesmos iniciam sua vida educacional fez-se necessário abordar esta temática.

Afinal, por que pesquisar crianças surdas? A resposta a esta questão está conectada ao fato de lidarmos com essa realidade quase que diariamente. Por isso, o fato de incluir a criança nesta pesquisa não é mera escolha de preferência, mas sim porque o estudo permite perceber como ela se comporta subjetivamente diante da realidade imposta a ela, no intuito de apontar caminhos para que a criança possa compreender a sociedade nas formas de ver e de agir como pessoa com surdez.

Uma das principais inquietações desta pesquisa é: como acontece a aprendizagem da criança surda na Educação Infantil? Para atendimento desta questão central, delineou-se como objetivo geral: o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, baseado no Ensino das Ciências, considerando o exercício cognitivo realizado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula e na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto.

Diante deste foco, a pesquisa foi direcionada por três objetivos específicos: construir quadro teórico a respeito do Ensino das Ciências para dialogar sobre o processo de ensino e aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil. Assim como, também descrever como as crianças surdas aprendem os conteúdos trabalhados em sala de aula, por meio da LIBRAS e, ainda, analisar como o Ensino de Ciências contribui no processo de ensino e aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil da cidade de Parintins/AM.

A construção do trabalho nos possibilita a compreensão da realidade, a partir das representações construídas pelos sujeitos, ou seja, a criança surda, este estudo tem como norte a pesquisa qualitativa. Desta forma, Sandín-Esteban (2010, p. 27) descreve esta abordagem como “uma ação sistemática e dirigida à compreensão em fundura de fenômenos educativos e sociais”.

A pesquisa se constitui em um estudo de caso, onde se acompanhou a rotina, durante dois meses, de duas professoras que atuam uma no ensino regular e outra na educação especial na cidade de Parintins/AM. Compreendemos que o estudo de caso requer uma toda uma abordagem do processo investigado, pois o mesmo se constitui e sofre as influências do local onde ocorre.

Esse tipo de estudo “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (TRIVIÑOS, 2008, p. 133-134). Com isso, além das duas professoras, foram observados todos os que se envolvem direta ou indiretamente com o processo educacional da estudante surda para que se pudesse compreender como de fato acontece sua integração educativa e social.

Em busca de possíveis respostas às questões inicialmente levantadas, a pesquisa está alicerçada na fenomenologia, pois através desta descreve-se e se interpreta as experiências vivenciadas no decorrer de todas as observações realizadas, levando em consideração a imersão em aspectos do cotidiano escolar do sujeito pesquisado e supostos fenômenos a ele conexos. Diante disso, o sujeito precisa externar seus sentimentos, compartilhar seus conhecimentos, a fim de que se possa alcançar parte da essência destes fenômenos. Para Merleau-Ponty (1999):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (p. 03).

Em linhas gerais, a base fenomenológica permitiu perceber e desvendar o fenômeno na busca das não evidências. Como resultado, pode-se chegar a novas interpretações sobre fenômeno já observado, produzindo alternativas de compreensão sobre o processo de ensino e aprendizagem da criança surda no contexto educacional infantil.

A principal técnica utilizada para a coleta de dados foi entrevista com duas professoras que atuam na Educação Infantil e atendem estudantes com surdez, em duas escolas na cidade de Parintins, sendo uma escola de educação regular e outra de educação especial. Estas entrevistas foram com perguntas fechadas por meio de questionários.

A realização dessa técnica nos permitiu a comunicação direta com os sujeitos da pesquisa: entrevistador e entrevistado, enfatizando a compreensão dos sujeitos. Além disso, permitiu-nos mais que a descrição dos fenômenos sociais, adicionalmente, proporcionou sua explicação e compreensão de sua totalidade (TRIVIÑOS, 2008).

Também foi aplicada na pesquisa a técnica de observação sistemática, a qual para Andrade (2009) é a possibilidade de elencar o pesquisador como peça do

percurso, uma vez que ele se fará presente, não apenas no desenvolvimento, mas também quando planejada, estruturada e na observação participante.

Já na tabulação dos dados coletados, os mesmos foram estruturados na expectativa de consolidar e interpretar o que foi descrito por estas categorias no decorrer da entrevista e associar estes dados às observações realizadas em sala de aula com o comportamento dos estudantes surdos e com os ouvintes, como forma de comparar o processo de ensino e a aprendizagem de ambas as crianças, a partir dos conhecimentos do Ensino das Ciências desenvolvidos na Educação Infantil, na busca de significado para pesquisa.

A identificação dos sujeitos se deu com as letras do alfabeto A e B, sendo a professora A da escola de educação regular e a professora B da escola de educação especial, os quais foram enumerados a partir das falas no contexto global, considerado as leituras sucessivas do material e dos critérios a serem propostos a cada categoria, com os quais se pretende fazer a relação com a literatura pertinente a este processo de ensino e à aprendizagem da criança surda.

Os dados alcançados e analisados consistem na essência dos investigados. Este aspecto que permite a composição coesa de tantas idas e vindas a campo, já que proporcionaram uma constante interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, cuja meta é a aquisição do conhecimento científico, tornando, assim, a pesquisa dinâmica. Tudo isso resulta na submissão aos devidos julgamentos em todos seus percursos e etapas, alterando a perspectiva quantas vezes se tornarem necessárias e produtivas, o que, a nosso ver, favorecerá a credibilidade da mesma.

Deste modo, esta dissertação está estruturada em três consistentes capítulos que abordam o Ensino das Ciências e o processo de aprendizagem da criança surda. Logo, este estudo expressa os distintos significados e potencialidades que podem ser desenvolvidos a partir do ensino bilíngue, apontando para caminhos que superem as barreiras da ótica preconceituosa que se estigmatizou historicamente a pessoa com surdez.

1 PROCESSOS HISTÓRICOS, EDUCATIVOS E SOCIAIS DO SURDONO BRASIL

Os processos históricos que impulsionaram a luta pelos direitos dos surdos no Brasil são marcados ainda pelo preconceito e pela exclusão da pessoa com deficiência no meio social.

O olhar da sociedade lançado sobre a pessoa surda distorce a visão sobre o surdo, considerando-o como um ser incapaz e anormal, com limitações que não pode fazer parte plenamente dessa sociedade considerada normal, onde ainda é visualizado pelo prisma da deficiência, estigmatizado pela ausência de habilidades comuns ao homem, impedindo sua participação do meio de produção social ao qual está inserido. Ainda sobre a pessoa com deficiência, Nozu e Bruno (2014, p.43-44) dizem que:

Historicamente, a deficiência foi estabelecida em relação a não deficiência. Em outras palavras, os sujeitos com deficiência eram/são identificados por aquilo que não possuem em relação à pessoa sem deficiência: a visão, a audição, o intelecto, a mobilidade, etc. Assim, os sujeitos com deficiência, estigmatizados pelo déficit e pela incapacidade, são dispostos à margem da faixa arbitrária da normalidade.

Ao longo dos tempos, a análise sobre a pessoa com deficiência foi difundida sob a ótica do preconceito. Em um cenário que reforça o preconceito e a rejeição social, a pessoa com deficiência ficava à margem da sociedade, sem a atenção adequada e as mesmas não se enquadravam aos padrões de normalidade do qual a sociedade considerava correto.

Assim, a pessoa surda fazia parte desse painel de anormalidade do qual a sociedade discriminava e ainda discrimina, considerando que a ausência da audição é decorrente dessa anormalidade, uma vez que a ausência da fala a tornava como sujeito que não poderia ser considerado capaz de conviver em sociedade.

Muitos desses preconceitos são culturalmente marcados pelos mitos advindos de tempos antigos, os quais as tribos indígenas justificavam a presença da deficiência no ser humano como castigo, punição divina. Onde demônios habitavam os seus corpos. De acordo com Andrade (2007, p. 16).

Algumas tribos acreditavam que os maus espíritos habitavam nas pessoas deficientes e nelas se aquietavam, o que tornava possível a normalidade para os demais membros da tribo. Com essa crença os deficientes eram protegidos pelos demais membros da sociedade, pois enquanto eles vivessem, todos estariam livres de maus espíritos, considerando que esses já haviam encontrado sua morada. Outras tribos eliminavam os descendentes que possuíssem qualquer anormalidade, uma vez que acreditavam que o contato com pessoas deficientes poderia trazer desarmonia na vida dos demais.

Essa percepção dos mitos é outro fator que ajudou a estigmatizar a pessoa com deficiência, sob a forma de pré-conceito de pessoas amaldiçoadas, inválidas que não podem participar ativamente da sociedade. No entanto, essa realidade

começa a se modificar com o tempo, de acordo com os anseios e as ideologias que foram difundidas.

Apesar disso, ainda em dias atuais, é comum algumas tribos desconsiderarem as crianças com deficiências de modo geral, avaliando que as mesmas são aberrações da natureza e que as famílias não podem ter um ser assim em seu convívio nas aldeias. Com isso, essas crianças são sacrificadas e extintas do meio social de tais tribos indígenas.

No decorrer da história brasileira, especificamente no período imperial no país, foram alcançadas as primeiras conquistas sociais para as pessoas surdas. Rodrigues e Rodrigues (2013) comentam que houve nesse período a criação do Imperial Instituto de surdos-mudos chamado hoje de Instituto Nacional de Educação de Surdos, o (INES), com sede na cidade do Rio de Janeiro, e com várias unidades conveniadas em todo o Brasil.

A partir de então foram inúmeros os movimentos e ações que ocorreram para a criação de políticas públicas e a inserção gradativa do mesmo na sociedade, como veremos mais à frente. Vale lembrar que o surdo no decorrer de sua história, foi reprimido e silenciado, por sua deficiência. O surdo era subordinado à cultura dos ouvintes, sendo excluído e oprimido do meio social, onde lhe era imposto o estereótipo de normalidade, precisando curar-se desta anormalidade que o “atrasava”.

Na perspectiva da deficiência, a visão sobre o surdo sofreu interferências quanto à sua definição. De acordo com Nozu e Bruno (2014) com o advento do período Moderno, a discussão que aguça a fuga do padrão taxado como normal perpassa as barreiras explicativas da visão religiosa, dando vez ao discurso da verdade designado pela ciência. A partir de então, a deficiência é situada no campo das causas orgânicas e passa a ser contemplada pelo prisma biológico da medicina, sendo associado a uma doença crônica.

Deste modo, a surdez foi tratada como as demais deficiências, como uma doença que necessita de cura, por isso o surdo foi submetido a diversos métodos para sua recuperação e inserção na sociedade, um período intenso de repressão e de tortura do surdo.

Todavia, este cenário se alterou, com a perspectiva do modelo social de deficiência, que trouxe em seu bojo uma visão da deficiência a partir de fatores externos ao sujeito, isto é, os fatores sociais e não mais apenas o biológico.

Considerando-o em um contexto de forte influência na aquisição da deficiência do indivíduo, sendo visualizada como consequência das limitações ocasionada pelas estruturas sociais.

Assim, o surdo, nesta perspectiva é concebido também como:

[...] fenômeno social que surge com maior incidência a partir das condições de vida de uma sociedade, de sua forma de organização, da atuação do Estado, do respeito aos direitos humanos e dos bens e serviços disponíveis para a população (BAMPI; GUILHEM; ALVES, 2010 *apud* NOZU e BRUNO, 2014, p. 20).

A partir dessa visão, as lutas por direitos igualitários para todos os cidadãos, entre eles da pessoa com deficiência auditiva, intensificaram-se, resultando em conquistas significativas para este público, como o direito à educação e à lei de acessibilidade.

Sob essa análise chega-se a conclusão de que os processos educativos formais são relevantes no desenvolvimento e na socialização da criança surda. E deve atender, sem distinção, todos os estudantes e o mesmo deve ocorrer respeitando-se, por meio de métodos inclusivos, a criança surda, para oportunizá-la a inclusão e a interação com as demais crianças.

Assim evidencia-se como se deu o processo de escolarização que contribuiu para o ensino e aprendizagem do estudante surdo, considerando que é necessário conhecer o percurso histórico educacional pelo qual o mesmo passou para clarificar as nuances ao qual se envolvem atualmente.

1.1 O ENSINO DAS CIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO DOS SURDOS COMO PROCESSO LIBERTADOR

A história comum dos Surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer “grandes adversidades”. As exigências de uma sociedade estereotipada, que busca na estética corporal a perfeição e habilidades, como força e agilidade, excluem a pessoa com deficiência do meio social, impossibilitando a sua socialização e, por conseguinte, o exercício da sua cidadania.

Por muito tempo essa concepção excludente sobre o surdo perdurou, sendo ainda hoje percebida no meio social, no entanto, sob novas configurações, que é o

resultado de uma sociedade altamente egocêntrica e individualista. De acordo com as argumentações de Nozu e Bruno (2014, p.76) sobre o preconceito,

Há diversas maneiras de manifestação do preconceito, seja por meio de um parecer malicioso ou inocente. Seja como for, é importante considerar que não existe preconceito inofensivo, uma vez que todos os preconceitos marcam a história do indivíduo.

O preconceito se manifesta consciente ou inconscientemente, no entanto, possui propósito pejorativo. Neste sentido, não há dúvidas de que a determinação de padrões estéticos impostos pela sociedade majoritária e inculcada pelas ideologias capitalistas reforçam o preconceito e a exclusão social da pessoa com deficiência.

Nos diversos contextos que constituem a história brasileira, percebe-se o interesse do desenvolvimento econômico para o país. Onde se exclui qualquer tipo de “empecilho” que retarde tal objetivo. Nestes processos históricos a pessoa com deficiência é alvo do descaso, ficando obscurecido na história.

Esse fato revela o tardio interesse na criação de políticas públicas para os surdos no Brasil, em comparação a outros países. A história do surdo demonstra como ele foi estigmatizado e excluído por não obedecer aos padrões de normalidade determinado socialmente.

Assevera-se que ao estudar a educação dos surdos, depara-se para além das questões relacionadas aos seus limites e possibilidades, mas também com os preconceitos existentes na sociedade como destacado por Damázio (2007, p. 13):

As pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Muitos alunos com surdez podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio afetivo linguístico e político cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem.

Esses entraves destacados pelo autor revelam que as marcas do preconceito, impregnado historicamente, respingam no processo de inclusão da pessoa surda. Contribuindo para a fragilização do processo de ensino e aprendizagem, impedindo assim, a efetivação de uma educação inclusiva de fato para o surdo.

O preconceito sob a pessoa com deficiência foi cristalizado culturalmente na história, impossibilitando o pensamento crítico sobre o que é ser diferente, sendo

apenas imposto um padrão social de vida a qual todos seguem e se esforçam para se encaixar. Skliar *apud* Reis (2006) salienta que, para alterar esta concepção se deve ir além do que se define como deficiente, pois a forma como se vê o surdo socialmente hoje é o resultado de uma visão restrita concebida a luzes de interesses elitistas, com isso:

A presunção de que a deficiência é simplesmente um fato biológico e que apresenta características universais deveria ser mais uma vez, problematizado epistemologicamente: compreender o discurso da deficiência, para logo depois revelar que o objeto desse estudo não é a pessoa que está em uma cadeira de rodas ou aquela que usa prótese auditiva, ou aquela que não aprende segundo o seu ritmo, é a forma como a norma espera, se não os processos históricos, culturais, sociais e econômicos que regulam e controlam a maneira pela qual são pensados e inventados os corpos, as mentes, a linguagem, a sexualidade dos outros (SKLIAR *apud* REIS 2006, p.37).

Problematizar a concepção de pessoa com surdez, enquadrado na concepção de deficiente, envolve questionar o que está posto como verdade absoluta, implicando no surgimento de dúvidas sobre o paradigma de perfeição que é idealizado pelo homem na sociedade. Repensando padrões históricos e culturalmente determinados, dando espaço para a reflexão do que vem a ser diferente.

Nessa reflexão busca-se olhar o surdo de forma igualitária, como sujeito histórico construtor de cultura, que tem seu direito para exercer sua cidadania de modo que isso seja resguardado, dando-lhe a possibilidade de inclusão na sociedade como é de fato e de direito. Desta forma, de acordo com Andrade (2007, p.51):

A atenção à diversidade deverá ser evidenciada no direito de acesso à escola e visa à benfeitoria da qualidade de ensino para todos, irrestritamente, bem como às perspectivas de progresso e socialização. A escola deverá buscar consolidar o respeito às diferenças, conquanto não se faça louvor às desigualdades. As diferenças devem ser vistas não como obstáculos para cumprimento da ação educativa, mas como fator de enriquecimento.

O ensino necessita partir das diferenças, devendo ser trabalhado o direito de igualdade, mostrando tanto para as crianças surdas, quanto para as crianças ouvintes que todos têm direitos iguais. No entanto, cada indivíduo possui suas peculiaridades, necessitando ser respeitado o direito de todos, independente de qualquer diferença que a pessoa tem.

Destaca-se, que neste processo de lutas por direitos iguais e inclusão da pessoa surda, uma das datas consideradas de grande relevância para a história da educação da mesma foi em 1880, quando se mostrou que os surdos já reivindicavam um lugar linguístico, contudo confrontando com as ideologias dominantes, gerando muitas polêmicas.

Acontece nesse mesmo ano o Congresso de Educadores de Surdos, na Itália, quando grandes nomes como Graham Bell e Juan Jacob estavam presentes. Nesse evento foi apresentado um método de educação que determinou eliminar gestos e Língua de Sinais.

“Essa data é lembrada com pesar. O ano de 1880 foi o clímax da história de surdos, que adicionou a força de um lado de muitos períodos de duelos polêmicos de opostos educacionais: a língua de sinais e o oralismo” (CASTRO, 2013 p.15). Isto é, este momento fragilizou as poucas conquistas que existiam para os surdos, quando os mesmos tiveram que negar sua cultura e se submeter às práticas dos ouvintes.

A partir de então, ficou proibido o uso da língua de sinais nas escolas, dificultando, assim, o processo de ensino e aprendizagem das crianças com surdez. Sem ter como se expressar a socialização delas, tanto educativa como a social ficou comprometida, excluindo ainda mais a pessoa com surdez.

Durante o século XX grande parte dos surdos foram reprimidos e excluídos da sociedade, devido não ter acesso à modalidade falada da Língua Portuguesa imposta pelas pessoas ouvintes. Os surdos eram e muitas vezes hoje ainda são vistos sob a ótica biológica, que necessita se reestabelecer a normalidade instituída pela sociedade composta de pessoas estereotipadas “normais”.

Os caminhos tomados para a “recuperação” do surdo e sua alfabetização foram desastrosas, Reis (2006, p. 29) argumenta que,

[...] a trajetória da educação de surdos foi marcada pela negação do seu direito de ser ensinada pela sua língua natural, a língua de sinais, afinal a sociedade majoritária estabeleceu que, se integrassem a sociedade teriam de desenvolver a língua oral. Após alguns anos de uma prática oralista o resultado foi uma demanda de surdos com defasagem de conhecimento e escolaridade como também uma reduzidíssima possibilidade de competir igualmente no trabalho.

Acompanhando a evolução dos conceitos de deficiências, surgiu a necessidade de buscar meios para inserção do surdo na participação social. O surdo

alcança conquistas significativas, como a valorização da cultura surda e o reconhecimento da Língua de Sinais como instrumento de empoderamento da pessoa com surdez.

Para suprir a ausência da habilidade da fala e da audição, recorre-se à língua artificial denominada de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. William Stokoe (1960) realizou um estudo linguístico, demonstrando que a Língua de Sinais coloca o usuário em um patamar de comunicação equivalente aos que usam a modalidade oral do idioma materno.

Esse estudo foi considerado de grande relevância na história dos surdos, a partir dele os surdos deram início às reivindicações acerca da aceitação da Língua de Sinais de maneira mais segura. Nesse período, Dorothy S., mãe de uma menina surda, começou a utilizar em uma escola: linguagem sinalizada fala + leitura labial + treino auditivo: comunicação total.

A criança surda começa a ocupar seu espaço, legitimando o seu direito de cidadão, participando do processo escolar formal, com o direito de aprender igualmente junto com todas as demais crianças sem distinção. Oportunizando a sua interação e socialização educativa e social, com possibilidades de interagir e se incluir nos âmbitos sociais. Nozu e Bruno (2014, p.55) argumentam que,

Baseadas no discurso social da deficiência, as práticas educativas devem atentar-se ao contexto, ao meio, aos elementos extrínsecos aos alunos com deficiência, de modo a possibilitar o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que considere as relações estabelecidas entre este alunado e as barreiras físicas, materiais, sociais atitudinais e didáticas.

Ao adentrar no universo educativo da criança surda e nas múltiplas relações escolares de vida educacional, social e cultural, percebe-se como são relevantes os processos interativos necessários a sociabilização, ao ensino e a aprendizagem da criança surda.

A sociabilização ocorre dentro e fora da sala de aula, quando é gerada uma comunicação através da fala, porém, com o surdo se dá pelo contato e com a expressão das mãos e também nas brincadeiras e em outras atividades que possibilitam ao estudante surdo participar ativamente com outras crianças ouvintes, sem imposição ou determinação. Age e atua com a liberdade que a construiu.

Nesse processo sociabilizador, pode acontecer e deve acontecer o ensino e aprendizagem sem rigor (imposição ou determinação), mas como mecanismo

permissor de compreensão e ressignificação do conteúdo trabalhado pelo professor e aprendido pelo estudante surdo.

A pessoa com surdez não tem que se sentir rejeitada ou fora de um contexto escolar, mas ser integrante como sujeito que aprende como o ouvinte. Há necessidade de compreender a sua forma de pensar e sua maneira de interagir para se integrar com as outras crianças.

Essa compreensão tem que ocorrer partindo do entendimento da primeira infância, quando os primeiros contatos com o mundo dos ouvintes acontecem em sua casa, na relação familiar. A não compreensão desses primeiros contatos conduz a não compreensão do mundo abstrato que o estudante surdo possui e constrói.

É necessário entender que na primeira infância as interações que ocorrem desempenham um papel determinante no desenvolvimento social da criança com surdez, pois é neste momento que a criança passa a construir e a viver um novo universo social. É quando ela passa a fazer o exercício de compreensão, no silêncio do seu ser, o que justifica a gesticulação das mãos ou os movimentos incessantes dos lábios.

Interroga-se: como compreender o mundo do ouvinte, já que o seu é de silêncio? É preciso navegar pela Educação Infantil, tanto do ouvinte quanto do surdo, para adentrar no processo de aprendizagem e compreender que o lugar escolar passa atualmente por mudanças importantes, deixando de ser projetadas apenas como um ambiente onde os pais deixam seus filhos para serem cuidados. A instituição tende a ser um lugar para aprender com quem tem necessidade de socialização educativa e social.

A socialização educativa e social, por sua vez, acontece a partir do processo de aprender. Podendo ser observada nas atividades que são desenvolvidas pela escola, com as crianças surdas e ouvintes. Onde as mesmas participam juntas de todas as atividades propostas, dentro ou fora da sala de aula.

E necessário considerar que este processo de aprender ocorre de maneira desigual, isto é, cada criança tem um tempo e um modo de aprender, não podendo este ser visto como um processo educativo realizado uniformemente. Pois supõe-se que não haverá um resultado positivo. É necessário reconhecer que a criança surda necessita de algumas adaptações que partem inicialmente da comunicação da mesma.

Assim, as crianças surdas adentram o espaço escolar trazendo uma mudança de paradigma nesse processo educacional, posto que a socialização educativa e social tende a ser vista como algo ainda mais desafiador, tanto para os alunos surdos, quanto para escola enquanto instituição de ensino.

A partir dessa mudança paradigmática, a Educação Infantil tem um novo desafio: o de atender a todas as crianças que ingressam neste nível de ensino, sem discriminação, uma vez que a legislação vigente não prevê nenhum tipo de exceção ao acesso escolar para crianças com alguma deficiência. Assim, as crianças com surdez adentram no âmbito escolar, independente da ausência ou do nível de perda que tenham sofrido na audição.

Dá-se então a importância em realizar estudos voltados à integração da criança surda nos espaços escolares, a priori denominadas de escolas acessíveis ou inclusivas, considerando que os estudantes surdos e ouvintes encontram-se no mesmo ambiente escolar, sem que, na maioria das vezes, seja considerada a necessidade de adequações no processo de ensinar e aprender entre os surdos e ouvintes.

Mendes (2010, p.20), destaca que, “há necessidade de modificações, adaptações e alterações para oferecer ensino de qualidade e tornando efetiva a inclusão escolar”. A legislação, portanto, possibilita ao estudante surdo à participação em todo o processo de escolarização e esta deve atender às mais variadas necessidades do mesmo. Para a escola que nem sempre acompanha as mudanças sociais é um desafio apresentado, quando se fala em mudanças, pois as falas estão sempre prontas ao que é natural e considerado normal ao processo educativo considerando também o desenvolvimento da criança.

O papel da Educação Infantil é relevante no desenvolvimento da criança, pois esta educação atua como instrumento primordial na socialização educativa e social, quando são instigados alguns estímulos essenciais, tais como: sorrisos, brincadeiras, expressões e interação entre os estudantes surdos e/ou ouvintes. Assim, as instituições deixam de ser apenas um lugar, onde as crianças passam o dia “brincando” enquanto seus pais estão no trabalho e passam a assumir uma postura de ensino formal, propriamente dito.

O ensino das Ciências, por sua vez, tende fazer parte da vida escolar das crianças, momento em que ele pode ser dialogado através das atividades

integradoras realizadas nas escolas com intuito de tornar o ensino e aprendizagem significativos para o processo educacional.

As atividades integradoras no ensino das Ciências podem ser desenvolvidas, assim como em todos os outros componentes curriculares, com diversos trabalhos dinâmicos, metodologias diferenciadas, inovadoras e criativas, tornando os conteúdos mais interessantes, propiciando ao estudante a assimilação e contextualização com seu cotidiano (SILVA E GAIA, 2013).

Essas metodologias se caracterizam por romper as metodologias tradicionais, que muitas vezes, excluem o estudante surdo. De tal modo, sugerindo metodologias diferenciadas, buscam-se meios para uma educação inclusiva que valorize todos os estudantes sem distinção, permitindo ao mesmo, possibilidades iguais para sua inclusão social e educativa.

O simples fato de dar bom dia na Língua de Sinais para os estudantes já é uma atividade diferenciada. A explicação para os estudantes, surdos e ouvintes, sobre a importância da LIBRAS para a inclusão da criança surda, a utilização em atividades do dia-a-dia da sala de aula, como as músicas em LIBRAS, ao invés de somente as músicas convencionais, são atividades diferenciadas que propiciam a inclusão do estudante surdo. No entanto é relevante ressaltar, que as atividades diferenciadas, fogem ao padrão tradicional de aula, e exigem um pouco a mais (de pesquisa e empenho) do educador.

Para tanto, os atores que se envolvem neste processo educativo precisam ter claro para si o seu papel, atuando junto com políticas públicas desenvolvidas para superação das barreiras que impedem o desenvolvimento igualitário do surdo como cidadão.

Salienta ainda Andrade (2007) que é necessário ter coragem para exceder barreiras e acreditar no espaço escolar como um espaço para todos, pois é de direito. Assim, com a nova perspectiva de inclusão, os benefícios de uma escola que atenda a todas as crianças sem discriminação são múltiplos para todos os envolvidos.

Neste sentido, são favorecidos os estudantes com deficiência, como o surdo, permitindo a preparação dos mesmos para a vida em sociedade. Assim como também, possibilita aos estudantes sem deficiência a conviver com o diferente, permitindo que eles compreendam e tenham respeito para com as diferenças. Já os professores “têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades profissionais, ao

interagir com todos os elementos da escola de criar e de reciclar-se” (ANDRADE, 2007, p.48).

E assim, ocorra o cumprimento do direito e o acesso universal à educação formal, independentemente das condições individuais no qual se retoma o processo histórico das crianças surdas ou com alguma deficiência que por muito tempo foram excluídas do âmbito social, cultural e educacional, assim como os amparos legais que permitiram as pessoas surdas o direito a educação, sendo necessário mudar a ótica sobre alguns paradigmas relacionados à pessoa surda.

O processo histórico da pessoa com surdez, nesta perspectiva, é visto como um processo de libertação das correntes do preconceito e da exclusão social. Todavia, se esclarece que apesar de hoje haver um discurso de inclusão educativa e social e ter havido uma mudança conceitual quanto à visão que se tinha do surdo, muito do que se fala não é feito. Reis (2006, p.37) destaca que,

Há muita contradição em relação ao que teria de ser e como as coisas se materializam de fato. Afinal, temos uma legislação com inúmeros amparos legais e um tratamento excelente, tais como: lei contra a discriminação, lei para acesso a qualquer lugar público ou privado, lei para o transporte gratuito, lei para oferecer a reabilitação, resumindo, leis para atendimento as pessoas com necessidades especiais é o que não faltam.

Compreende-se desta forma, que para haver a concretização de fato de uma educação que possibilite a inclusão e o respeito à diversidade, é necessário a ação e a execução das conquistas alcançadas pelo surdo, como as citadas acima pelo autor.

Ratifica-se que a história do surdo é um processo de superação das mazelas que condicionaram o mesmo à obscuridade, sem vez e sem voz. Visualizando no processo educativo a possibilidade de inserção de valores e de costumes que rompam com os paradigmas que ainda obscurecem o surdo.

Tudo isso permite que o surdo seja incluso no processo educacional escolar, sendo o Ensino das Ciências um veículo que garante a inclusão do surdo e o desenvolvimento de sua socialização social e educativa, promovendo assim uma educação emancipadora, desse modo se visualiza a escola como o local de incidência do estudante surdo com o conhecimento formal das Ciências e acessível a todos.

1.2 A ESCOLA COMO ENCONTRO DO SURDO COM O CONHECIMENTO FORMAL DAS CIÊNCIAS

No Brasil a Educação Especial se estruturou segundo moldes assistencialistas e segregativos, na perspectiva do que era definida como deficiência, ocorrência que colaborou para que a formação escolar e a vida social das crianças e jovens com deficiência ocorram, na maioria das vezes, como em um mundo à parte (MAZOTTA, 1996). Num mundo obscuro e sem possibilidade de interagir socialmente.

As dificuldades na inserção do surdo no âmbito escolar são visíveis, visto que as escolas regulares não priorizam os serviços anteriormente oferecidos pela Educação Especial, como, por exemplo, o de prover as atividades de profissional tradutor e intérprete de LIBRAS e de guia-intérprete para estudantes surdos que seguem regulamentação própria, devendo ser orientada sua atuação na escola pela Educação Especial, em articulação com o ensino comum.

A escola é uma instituição construída de acordo com a história na conjuntura do período moderno, considerada como aparelho de mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental, isto é “transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que há de mais significativo culturalmente produziu a humanidade” (CANDAU e MOREIRA, 2003, p. 160).

Entende-se, desta forma, que a escola é um ambiente que pode possibilitar a emancipação da criança surda, assim como também, tem o poder de reprimi-la. Neste espaço, acontece o encontro do sujeito com o conhecimento formal. No que se refere ao surdo, o direito à educação escolar dos mesmos deve ser considerado como uma conquista social, que vem paulatinamente ganhando o seu espaço dentro do cenário das políticas públicas nacionais.

É fato que nem sempre houve uma preocupação com a educação das pessoas com surdez, ao contrário, anteriormente, como já foi visto, as pessoas que nasciam com algum tipo de deficiência eram descartadas da sociedade, pois não serviam para a força de trabalho, não serviam para a convivência com as pessoas sem deficiência.

A partir de 1961, a educação da pessoa com surdez, assim como as com as demais com deficiências, começa a ser vista como uma possibilidade de aprendizagem em potencial, a qual poderia ser desenvolvida em ambiente comum

de educação. Nesse período, a Lei 4.024/1961, antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN previa o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente, dentro do sistema geral de ensino com intuito de integrá-los à comunidade. Com isso, pretendia se integrar, na medida do possível, todos os alunos, com deficiências ou não no processo educacional, considerando a pessoa com surdez como “educáveis”.

Nesta trajetória alguns passos fizeram conhecer o que legalmente ampara este processo educacional. A Lei 5.692/1971 que alterou a LDBEN de 1961 e definiu “tratamento especial” para alunos com deficiências físicas e mentais, aspecto que veio reforçar o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais.

O Ministério da Educação e Cultura – MEC, em 1973 cria o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência da Educação Especial no Brasil, sob a égide integracionista. Sua aplicabilidade impulsionou ações educacionais ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado, período que não se efetivou uma política pública de acesso universal à educação, continuando a concepção de “políticas especiais” para tratar da educação de alunos com deficiência.

No que se refere aos alunos surdos, apesar de terem acesso ao ensino regular, não é organizado um atendimento especializado que considere o processo de ensino e suas singularidades de aprendizagem.

No decorrer da história, com o desenvolvimento dos conceitos sociais e atitudinais, as pessoas passaram a ver as questões sociais com olhos mais críticos e mais reflexivos. A partir disso as pessoas surdas tiveram a oportunidade de ocupar um espaço na sociedade. Vale ressaltar, que esse espaço é resultado de muitas lutas sociais, de pessoas engajadas com a causa da garantia dos direitos à educação para todos, na verdade não somente ao direito à educação, mas também à saúde, à segurança, ao respeito e à dignidade.

Uma das leis de destaque no cenário nacional, de apoio ao deficiente é a Lei N.º 7.853 de 24 de outubro de 1989 (Brasil, 1989). Esta lei promulga apoio às pessoas deficientes, sua integração social, sobre a Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE, situando a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Sendo um dos primeiros passos para a inclusão de fato do surdo na sociedade.

Conforme assegura a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988) definido no seu artigo 206, inciso I, “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola” é um dos princípios para o ensino, assevera como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado e preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208). Dessa forma, a educação escolar inclusiva como direito subjetivo ganhou notoriedade tendo um grande impacto na sociedade.

É necessário entender-se que a Constituição apresenta um paradigma para o processo educacional regular, que tem seu processo de ensino voltado a crianças “ditas normais”, no entanto, terão que incluir em suas salas de aulas crianças com necessidades educacionais especiais.

Enquanto este novo perfil que as escolas regulares passaram a manter, foi criada a Declaração de Salamanca em 1994, (UNESCO 1994) apresentando uma compreensão acerca de todo este processo sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais e a Declaração Mundial sobre a Educação para todos.

Neste evento se apontou, também, os princípios de uma Educação Especial e de uma pedagogia centrada na criança. Fizeram-se, ainda, recomendações dentre as quais ressaltava que, independentemente das diferenças individuais, a educação é direito de todos e toda criança que possui ou não dificuldade de aprendizagem, esse fator pode ser considerado no âmbito das necessidades educativas especiais.

Assim, a escola deve adaptar-se às especificidades dos alunos, e não os alunos às especificidades da escola. De acordo com a Declaração, as escolas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos quanto ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos (MENEZES; SANTOS, 2002). Seguindo a discussão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, através da Lei 9.394/1996, se refere à educação formal como direito de todos, assegura e prescreve que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, oferecendo as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

A legislação assegura com total clareza e objetividade, em suas generalizações, o direito instituído subjetivamente. Isso ocorre quanto se refere a “todos”. Evidentemente que a criança surda deve estar incluída no ambiente escolar, assegurando-lhe o seu direito, sendo necessário também que a escola possa garantir a essa criança o ensino e aprendizagem que venha a atender as necessidades dela, proporcionando-lhe uma qualidade na aprendizagem e no processo educacional como um todo.

A partir da Lei acima citada, construiu-se o Plano Nacional de Educação – PNE, regido sob a Lei nº 10.172/2001, o qual recebeu especial destaque nos seguintes seguimentos: a ampliação da oferta de atendimento da Educação Infantil; a disponibilização de recursos didáticos especializados de apoio à aprendizagem nas áreas visual e auditiva.

Atualmente, na tentativa de minimizar as dificuldades intrínsecas do sistema de ensino que aponta para o processo de ensino e aprendizagem da criança com surdez, criou-se a Lei 10.436/2002, que eleva a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), como língua oficial no país juntamente com a Língua Portuguesa.

A Resolução CNE/CP 01/2002, constitui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, definindo que as instituições de ensino superior devem prever, em sua disposição curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Mesmo com toda legislação voltada para o atendimento de crianças com necessidades educacionais especiais, porque a pessoa com surdez apresenta algumas resoluções específicas ao seu atendimento, o Ministério de Educação - MEC apenas no ano 2008 por meio da Secretaria de Educação Especial exibiu o documento intitulado “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva”, visando constituir “políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos” (BRASIL, 2008, p.05).

O Censo Escolar entre 1998 e 2006 registra o crescimento de 640% na matrícula em escolas comuns, passando os alunos incluídos de 43.923 para 325.316, concluindo que com o desenvolvimento de políticas inclusivas, houve aumento da distribuição de matrículas nas escolas públicas.

Percebe-se o quanto o surdo ganhou espaço e como muitas barreiras foram superadas, embora ainda existam resquícios de sua segregação e exclusão.

Observa-se também, como essas diretrizes, para a inclusão dos estudantes surdos nas escolas comuns, visa garantir o desenvolvimento, no ensino escolar, a educação bilíngue: Língua Portuguesa e LIBRAS.

Sobre o ensino das Ciências, é relevante destacar, que o mesmo deva ocorrer através das experiências adquiridas a partir do conhecimento cotidiano. Os hábitos e os costumes vividos pela criança surda ou ouvinte faz com que se sintam estimulados a aprender, sendo uma característica intrínseca do ser humano. Esse estímulo deve ser fortalecido na escola através de atividades que possam proporcionar a curiosidade da criança. (KRASILCHIK, 1987).

Ainda sobre o ensino das Ciências, ao ouvir o relato das professoras entrevistadas nesta pesquisa, ficou evidente que o ensino das Ciências “é o conhecimento adquirido na escola e a análise pertinente das informações recebidas sobre os avanços da Ciência e da Tecnologia” (PROFESSORA A). Já outra professora, denominada de professora B entende que “o ensino das Ciências na Educação Infantil engloba todas as disciplinas curriculares de uma forma interdisciplinar”.

Com isso, exige-se uma compreensão intensa acerca das Ciências e da didática, para que o professor no exercício de seu trabalho consiga dialogar um conhecimento acessível e sem discriminação.

É importante esclarecer que quando se fala em Ensino das Ciências, nesta pesquisa, não se está se referindo apenas a uma ciência, ou somente ao ensino das Ciências Naturais, mas a todos os componentes que constituem o currículo escolar da Educação Infantil.

Nos últimos tempos, o Ensino das Ciências tem se tornado tema de discussões em sala de aula, pela sua importância em estimular no alunado a motivação por estudos dos fenômenos naturais e sociais e as professoras possuem um conceito amplo sobre a descrição desse componente curricular, entendendo que “[...] uma verdadeira aprendizagem científica se define no mínimo tanto pelas transformações conceituais que produz o indivíduo quanto pelo produto de saber que é dispensado” (ASTOLFI E DEVELAY, 2012 p. 34).

As professoras A e B relatam que o ensino das Ciências é importante para a alfabetização da criança surda. A professora (A) destaca: “[...] é muito importante para a alfabetização da criança, porque ela precisa ter conhecimento de forma

interdisciplinar”. Já a professora (B) descreve ser importante o ensino das Ciências “*se for trabalho individualizado a primeira língua do aluno surdo*”.

As opiniões das professoras enfatizam a necessidade de trabalhar junto com a interdisciplinaridade e principalmente de trabalhar as Ciências na primeira língua da criança surda. Para Moda, Barbosa e Souza (2015, p. 02):

A compreensão do uso das diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem pelo professor pode propiciar metodologias mais conscientes e objetivas ao ministrar os conteúdos de ensino, principalmente quando o estudante for surdo. A oferta de uma educação de qualidade para os estudantes surdos requer que todos os envolvidos no processo tenham conhecimento da natureza deles, de suas particularidades linguísticas e culturais. Ambos, intrinsecamente relacionadas, uma vez que a língua é o meio pelo qual se produz cultura, e as linguagens são as suas manifestações nas relações sociais.

A escola como o local para o surdo, o espaço de encontro do ensino formal tem que oferecer subsídios ao professor, para que a visão que estes têm em relação ao componente curricular e principalmente a consciência da necessidade de ensinar para a criança surda seja um avanço positivo, pois dessa forma, a criança surda passa a ser vista tão capaz de aprender quanto uma criança ouvinte, sem que se faça distinção entre estas.

Outra questão relevante para que se efetive criticamente a educação inclusiva é a compreensão da forma como é trabalhada a proposta curricular nas séries iniciais, no que diz respeito aos conteúdos escolares para a criança surda, no sentido de buscar entender como é planejado no currículo da escola. A Professora (A) destaca que: “*é trabalhado como se ensina para a criança ouvinte, não há diferença*”. Já a Professora (B) descreve que é: “*Através da proposta curricular adaptada com a Língua Brasileira de Sinais*”.

É interessante neste momento, perceber como as duas docentes trabalham de formas diferentes e como isso influencia no desenvolvimento social e cognitivo da criança surda.

A diferença do objetivo dos currículos usados pelas professoras pesquisadas demonstra uma preocupação clara na primeira fala (A), pois não podemos ignorar que a primeira língua da criança surda é a LIBRAS. Logo, não há como ensinar para esta como se ensina para a criança ouvinte, pois cada uma tem sua singularidade. “O Ensino das Ciências com a criança surda requer que haja não apenas o espaço,

mas também os meios e as condições necessárias, isto é, um ambiente que valorize sua especificidade” (MODA, BARBOSA E SOUZA, 2015, p. 02).

O Ensino das Ciências não é um saber pragmático, se tenta desenvolvê-lo por meio da interdisciplinaridade, buscando incorporar diversos saberes. No entanto, este processo ainda é um desafio para muitos docentes. Nesse sentido, busca-se compreender a diferença de aprendizagem dos conceitos das Ciências da criança surda para a criança ouvinte. A Professora (A) acredita haver diferença na aprendizagem de ambas as estudantes, pois: “[...] a criança surda ela depende muito do professor de LIBRAS, já a criança ouvinte não”. Já para a Professora (B) não existe diferença: “pois depende da metodologia do professor”. Ou seja, a postura do professor é essencial no processo de inclusão do estudante surdo.

Ao dizer que a criança surda é dependente do professor de LIBRAS, a professora revela a fragilidade existente no processo de aprendizagem da criança surda, pois demonstra como o processo é desigual e a falta de um profissional competente prejudica sua interação nas aulas, por conseguinte também a socialização da criança com surdez.

A diferença nas respostas demonstra que a professora (A) entende que a dependência da criança surda quanto à presença do professor de LIBRAS retarda seu processo de aprendizagem, tendo em vista que a mesma não domina a linguagem de sinais, considerando que a criança surda fica prejudicada por esse motivo.

A professora (B), no entanto, afirma que na aprendizagem a metodologia que faz a diferença, mas podemos frisar que sozinha, nenhuma metodologia é capaz de fazer com que uma criança surda aprenda, por isso é necessário a comunicação da linguagem em LIBRAS associada a essa metodologia.

Para Quadros (1995, p. 26) diversos problemas são oriundos quando não há uma compatibilidade de comunicação entre o surdo e o ouvinte, “tanto em nível de interpretação e tradução, como em nível educacional”, os problemas podem afetar o desenvolvimento da comunicação. Os efeitos podem provocar bloqueios irreversíveis na interação do profissional (professor e/ou intérprete) com o surdo.

Já Fernandes *apud* Castro (2013 p. 14), diz que, é essencial que a criança tenha acesso à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS o mais cedo possível, “pois a dificuldade do surdo em adquirir linguagem oral nos primeiros anos traz consequências para o seu desenvolvimento mental, emocional e sua integração

social”. Tornando-se relevante para o processo de socialização e inclusão das crianças surdas na sociedade.

No que se refere ao Ensino das Ciências, efetivamente pode e deve contribuir no processo de ensino-aprendizagem da criança surda. A professora (A) relata que se precisa “*repensar a proposta curricular*”. Já a Professora (B) diz que: “*as atividades, interdisciplinares, das Ciências nos dão a oportunidade de trabalhar com materiais concretos e utilizando o campo visual que proporciona uma aprendizagem significativa para a criança surda*”.

Repensar a proposta curricular é uma das atitudes mais importantes que os organismos responsáveis pela educação de surdos podem fazer, pois não podemos ficar sem prever quais as implicações que a falta de um currículo integrador pode ocasionar a uma criança surda.

Ratifica-se, deste modo, como a construção do mencionado currículo pode ajudar no desenvolvimento de práticas inclusivas, que atendam a todos sem discriminação. Assim, é necessário que haja um planejamento com olhar para o futuro, sem discriminar a criança surda, como destaca Chassot (2006, p. 121): “é preciso, não por um modismo, mas por uma convicção, aderirmos a posturas que não tenham marcas de discriminação ou de dominação”.

Percebe-se que cada professor tem suas especificidades, que cada um, do seu modo, procura contribuir com a escolarização dos seus alunos, surdos e ouvintes. Porém é necessário que todos busquem a valorização da LIBRAS, para que esta linguagem possa ser intensificada e difundida no processo educativo.

A escola como *lócus* de encontro do surdo com o conhecimento formal das Ciências deve propiciar, ao surdo, subsídios básicos para o desenvolvimento da socialização da criança surda sem discriminação.

Levando em consideração, de acordo com Candau e Moreira (2003), a hipotética das relações entre escola e cultura é intrínseco a todo processo educativo. Isto é, não há educação que esteja imersa na cultura da humanidade e, individualmente, do momento histórico em que se situa. Deste modo, a escola é, portanto, uma instituição cultural, onde as relações entre ela e a cultura não podem ser imaginadas como dois polos independentes, mas como universos emaranhados, semelhante a uma teia tecida no cotidiano, na qual nós somos fios.

1.3 ESCOLA BILÍNGUE: FACILITANDO A COMUNICAÇÃO E A APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS PARA OS SURDOS

Apesar de todo um contexto de exclusão da pessoa surda, a comunicação de surdos, tanto na sala de aula quanto nos espaços comuns na sociedade, vem se desenvolvendo na história, buscando estimular habilidades para proporcionar a comunicação e a interação do surdo no meio social.

Alguns dos métodos desenvolvidos para a comunicação do surdo ao longo dos anos, além da comunicação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS foram: o oralismo, o uso de aparelhos auditivos, a leitura labial, a comunicação total e o bilinguismo (OLIVEIRA, 2011). A saber, destaca-se na tabela 1, com os conceitos de cada modalidade:

TABELA 01: Meios para facilitar a comunicação de surdos

MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE SURDOS	
Libras	LIBRAS é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, comum de sujeitos surdos e grupos como: pais, intérpretes, etc. É uma linguagem visual-espacial, realizada através da visão; proferida pelas mãos, expressões faciais e do corpo. As Línguas de Sinais (LS) não é somente mímicas e gestos soltos, pelo contrário, são línguas com estruturas gramaticais únicas, assim como as outras línguas (QUADROS, 1997).
Oralismo	O oralismo se fundamentou em diversas técnicas, que foram se ampliando com o progresso da tecnologia, no entanto o surdo pouco aprendia dessa maneira, retardando seu aprendizado. (MOURA, 2000).
Comunicação total	A comunicação total para Santana (2007) exhibe um tipo “vale tudo”, por não discutir a função da linguagem oral e da língua de sinais. Inventou-se uma língua “artificial” para ensinar a gramática da língua falada ao surdo, como se fosse um processo individual e não social; deste modo à fantasia de que, o que vale é se comunicar prejudica a obtenção de uma significação do que possa ser o alicerce para a aquisição da linguagem e para o desenvolvimento cognitivo.
Bilinguismo	Com origem na década de 80, destaca-se que a linguagem de sinais e à linguagem oral não devem ser ensinadas ao mesmo tempo, pois possuem nomenclaturas diferentes. Santa (2007) destaca que a LIBRAS deve ocorrer entre a criança e o adulto surdo, por sua vez a linguagem oral ensinada pelo ouvinte como segunda língua.

Fonte: AMOËDO, Francisca Keila, 2016.

Esses meios que foram criados para a comunicação dos surdos ocuparam seus espaços de acordo com as exigências sociais de cada período histórico, revelando como cada método concebe a pessoa com surdez.

A LIBRAS foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei 10.436/02, que determina que sejam garantidas as formas institucionalizadas de seu uso e difusão, tendo sido regulamentada pelo decreto 5.626/05, que inclui a LIBRAS como componente curricular dos cursos de formação de professores, licenciaturas e profissionais da educação para o exercício do magistério, em diferentes áreas do conhecimento.

Lodi (2013, p.15) explicita que o decreto 5.626/05 dispõe que:

[...] na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a educação bilíngue deva ser desenvolvida por intermédio de professores bilíngues. Depreende-se assim que os espaços previstos para a escolarização inicial devam ser organizados de forma que a Libras seja a língua de interlocução entre professores e alunos, logo a língua de instrução, responsável por mediar os processos escolares (por isso a necessidade de os professores serem bilíngues), já que a linguagem escrita da língua portuguesa não pode, por sua materialidade, ser utilizada na relação imediata entre professor-aluno durante o processo de ensino-aprendizagem.

Esta é uma projeção que exige que o professor tenha uma formação adequada e crítica para que se efetive o que está postulado na lei. Para tanto, o componente curricular de LIBRAS nas licenciaturas tem o papel de mediar o processo de ensino para os estudantes surdos em salas de aula regular.

Autores como Sacks (1998), Skliar (1998), De Paula (2009), Gesser (2009), entre outros que estudam a surdez, indicam de forma predominante a necessidade de que os surdos tenham acesso a instituições que lhes possibilitem contato com outros surdos e com sua língua materna, neste caso, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para que estes se desenvolvam e conheçam a si mesmos como indivíduos.

As comunidades surdas precisam compartilhar informações na mesma língua, hábitos similares, costumes, modos e valores culturais, pautados na percepção visual, mantendo o processo de comunicação efetiva e eficiente, para que estejam de fato inclusas na sociedade. Isso permitirá a construção de uma identidade efetiva, o que possibilita sua participação na sociedade como cidadãos autônomos. No tocante, a educação bilíngue deve propor:

[...] a questão da identidade dos surdos como eixo fundamental da construção de um modelo pedagógico significativo, criar as condições linguísticas e educativas apropriadas para o desenvolvimento bilíngue e bicultural dos surdos, gerar uma mudança de *status* e de valores no

conhecimento e no uso das línguas implicadas na educação [...] (SKLIAR *apud* KLEIN 2012, p.04).

Uma vez que, na ausência desse suporte, vários surdos acabam isolando-se em suas casas por sentirem vergonha, ou optam por passar a maior tempo na escola por terem com quem conversar (amigos surdos), pois, na maioria dos casos, os familiares não dominam o uso da Língua de Sinais e acabam se esquecendo de conversar e se comunicar com seus filhos.

Os pais, ao escolherem colocar seu filho em instituições que possuem metodologia de ensino específico, onde a Língua Brasileira de Sinais é trabalhada como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua, numa perspectiva de Bilinguismo, fazem-no na tentativa de integrá-los na sociedade e talvez para as crianças serem vistas a partir da ótica de pessoas comuns, tal como são. Isto é, os pais buscam mecanismos para que seus filhos não sofram com o preconceito.

Andrade (2007) ressalta que os surdos têm direito a educação bilíngue que considere tanto a Língua Portuguesa quanto a de sinais. Com tudo, prioriza-se a Língua de Sinais como sua língua natural e primeira língua, levando-se em conta a importância do aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, pois uma educação bilíngue de qualidade é essencial ao exercício de sua cidadania, para que, através dessas linguagens, os conteúdos curriculares como a leitura e a escrita sejam acessíveis ao surdo, sem que dependam do domínio da oralidade.

A proposta educacional bilíngue, conforme Slomski *apud* Klein (2012, p. 59) está baseada nas conjecturas teórico-metodológicas do modelo sociocultural de surdez, tendo o bilinguismo como referência. Assim,

Esta perspectiva educacional fundamenta-se em estudos sócio antropológicos, psicológicos, políticos, educacionais e linguísticos relacionados com a cultura e identidade da pessoa surda. Isso significa dizer que a educação bilíngue não se limita ao simples fato de utilizar duas línguas nas atividades escolares, mas busca, sim, um espaço prioritário a língua natural da pessoa surda – Línguas de sinais – e o direito de a criança adquiri-la por processos naturais durante o mesmo período em que a criança ouvinte adquire em uma de modalidade oral.

O bilinguismo busca se naturalizar no processo educativo formal das crianças nas escolas de Educação Infantil. Buscando superar as barreiras que impedem a efetivação de uma educação emancipadora, para assim concretizar uma

educação crítica que abranja a todos os sujeitos sem discriminação de nenhuma natureza.

É preciso ter ciência de que nesse embate está se confrontando diretamente com as ideologias predominantes das práticas ouvistas. Não sendo, portanto, um processo fácil de concretizar, porém possível de realizar, contestando criticamente os padrões estabelecidos de normalidade.

Vale lembrar que o modelo de ser humano perfeito para produção do capital, vislumbrado na estética corporal e atitudinal, imposto historicamente pela sociedade, causa estranheza, quando se visualiza aquele que não atende a tais padrões, gerando o preconceito. Neste momento, a escola tem papel relevante na aprendizagem da criança, tanto da criança surda como da criança ouvinte, Rego (2008, p.79) enfatiza:

Que o ensino escolar desempenha um papel importante na formação dos conceitos de um modo um papel importante na formação dos conceitos de um modo geral e dos científicos em particular a escola propicia às crianças um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu campo de visão.

Durante a Educação Infantil, a criança está passando por seu desenvolvimento cognitivo, sendo o ensino formal das Ciências importante instrumento para ensiná-las a destreinarem o olhar, para enxergar além das barreiras dos preconceitos que foram consolidados e difundidos socialmente.

Assevera-se, que a execução deste processo não é tarefa fácil, pois o professor, atuando como mediador do conhecimento terá que criar estratégias para que ocorra o ensino e aprendizagem de todas as crianças sem distinção. Moreira e Candau (2003) argumentam que construir o currículo com base na tensão dinâmica e complexa entre políticas de igualdade e políticas da diferença, não é tarefa fácil, pois:

[...] irá certamente requerer do professor nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados(p.157).

Cria-se, de certa forma, uma resistência, não só por parte dos professores, mas também pelos pais, uma vez que exige uma mudança paradigmática no modo de ver e de lidar com a pessoa com surdez. No entanto, esta resistência talvez

possa ser revertida por meio de diálogos, debates, reuniões e trocas de experiências entre familiares e também consultando adultos surdos. Tudo isso para que ocorra a aceitação do outro e das suas diferenças como uma singularidade humana, posto que é uma necessidade apresentada pelas famílias e pela própria sociedade.

Sobre a questão de trabalhar a diferença, o respeito para com ela e o reconhecimento da pessoa surda na sociedade Klein (2012, p.07) destaca que:

Trabalhar a partir da diferença é também trabalhar a partir de nossa história, compreendendo o “eu” e o “outro” que nos constituem através das relações. Então, a fim de resgatar a história da comunidade surda valorizando suas conquistas; comemoramos o dia Nacional do Surdo- 26 de setembro - com uma festividade na turma, conversando sobre o Surdo, o Ouvinte, seus espaços na sociedade.

O diferente deve ser problematizado com as crianças da Educação Infantil. Historicamente, percebemos que as ações e as políticas educacionais pensadas para a criança surda partem da legislação que considera imprescindível que ela esteja inserida no contexto educacional, englobando todos os níveis e modalidades de ensino.

Há necessidade de um olhar diferenciado para a educação de surdos, talvez a partir de políticas efetivas, iniciando com uma escola para surdos; não uma escola de ouvintes que também recebe surdo, mas uma Escola Especial sem nenhuma conotação da que conhecemos como especial, mas que valorize a cultura surda, permitindo aos surdos o ambiente linguístico necessário para que desabrochem suas potencialidades.

Essa potencialidade prevê escolas com estruturas diferentes daquelas do passado. Deve ser uma escola que desmitifique a postura de que a escola é a única responsável pela integração social. Há que se partir para um debate pautado na revisão desses conceitos e dos modelos pedagógicos usados.

Ter um estudante surdo em sala de aula suscita algumas indagações acerca de o quê fazer para atender a este estudante, então como ocorre o processo de ensino? Como este estudante aprende? Pois o mesmo encontra-se na escola e não apenas na responsabilidade da família. No entanto, o que percebemos é que pode parecer mais fácil para o professor esquecer este estudante, trazendo para sala de aula uma atitude excludente por parte de alguém que deveria contribuir para escolarização daquele aprendiz.

Na escola de Educação Infantil, onde se desenvolveu esta pesquisa, os meios de comunicações utilizados com o aluno surdo são: Comunicação Oral e Comunicação em LIBRAS. Entretanto, percebe-se que há predominância da comunicação total, pela falta de domínio da LIBRAS por parte de quem ensina, importando ao professor se comunicar de qualquer maneira, sem levar em consideração a dificuldade que a criança surda apresenta.

Essa evidência está apresentada, quando a professora (A) destaca que utiliza a linguagem oral e a LIBRAS. *“Porque precisa ter as duas comunicações, pois a criança não é totalmente surda, alguma coisa a mesma ouve”*. Já a professora (B) destaca que também utiliza as duas linguagens, *“porque hoje a comunicação feita entre pessoas surdas e ouvintes é feita através da LIBRAS e oralmente”*.

No caso da professora (A), que trabalha em uma escola não especial, a criança surda possui uma surdez parcial, mas em um ambiente de sala de aula, onde as crianças muitas vezes querem falar ao mesmo tempo. O risco de utilizar mais a comunicação oral podem influenciar negativamente no aprendizado da criança surda.

A professora não manifesta preocupação em adotar uma comunicação única com a criança surda, colocando no mesmo nível das outras crianças. Quanto ao aprendizado da criança surda, Capovilla (2010, p. 01) faz a seguinte abordagem:

Com efeito, ao cabo de uma década, depois de ter avaliado mais de 8 mil alunos surdos de 6 a 40 anos de idade, o PANDESB1 revelou que a inclusão em escola comum é boa para a criança com deficiência auditiva, mas que a criança surda aprende e se desenvolve mais e melhor em escolas bilíngues que oferecem educação em Libras por sinalizadores fluentes em meio a sinalizadores fluentes no caldo de cultura da língua de sinais.

A cultura da Língua de Sinais ainda não é internalizada na escola da professora (A) entrevistada. Nesse sentido, a dificuldade é maior, pois é comum, nas escolas tradicionais, as salas de aula possuírem um grande número de crianças com somente um professor. Desta maneira, é importante destacar o papel fundamental do bilinguismo para a criança surda em seu processo de aprendizagem. Pois, conforme Trevisan e Carregari (2011), a Língua de Sinais, como abordagem principal da educação bilíngue, vem ser, além de um meio de comunicação, um

1 Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento Escolar do Surdo Brasileiro.

suporte do pensamento e estimulador do desenvolvimento cognitivo, social e cultural da criança com surdez.

Uma vez que, de acordo com Jobim e Souza (2012, p.125), apoiado nos estudos de Vygotsky fala que:

O conteúdo da experiência histórica do homem, embora esteja consolidado nas criações materiais, encontra-se também generalizado e reflete-se nas formas verbais de comunicação entre os homens sobre esses conteúdos. A interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados se dá, por tanto, principalmente por meio da linguagem, possibilitando, assim, que a natureza social das pessoas torne-se igualmente sua natureza psicológica.

Desta forma, se não for oferecido ao estudante surdo meios de comunicação, o mesmo ficará impedido de interagir e socializar educativa e socialmente. Assim, o ensino bilíngue assume papel relevante para o processo de interação do surdo, caso contrário, o surdo continuará reprimido na sociedade, permanecendo na escuridão. Com isso, faz-se necessário a implementação do ensino bilíngue nas escolas, para que o indivíduo surdo tenha a possibilidade de desenvolver seu processo cognitivo e exercício de sua cidadania.

Neste sentido, Trevisan e Carregari (2011) reforça que após a aquisição da Língua de Sinais, o sujeito surdo, quando inserido na metodologia de aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita, terá um desenvolvimento mais rápido, pois a consistência de um texto escrito depende muito mais do desenvolvimento cognitivo de uma pessoa do que só conhecimento da gramática língua-alvo da escrita.

Em relação ao Ensino das Ciências, a inquietação torna-se mais preocupante, pois exemplos de como correm determinados fenômenos naturais só é possível através de métodos com imagens, pois até mesmo para a criança ouvinte, os assuntos em relação às abordagens de Ensino das Ciências só ficam realmente compreendidos a partir de outros recursos. Portanto, é por esses e outros aspectos que o bilinguismo é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem da criança surda.

2 O ENSINO DAS CIÊNCIAS E A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM PARINTINS

As pessoas com surdez passaram por grandes desafios para que tivessem uma escolarização que as contemplassem com as suas especificidades, posto que umas pessoas ouvintes defendiam que aquelas deveriam ser oralizadas e outras que elas deveriam utilizar gestos ou mímicas, sem ter uma língua própria. Neste sentido, a situação no Município de Parintins não foi diferente de outros municípios.

Com isso, durante toda trajetória educacional que o povo surdo galgou para ter seus direitos reconhecidos, um dos principais modelos que contribuiu para a educação das pessoas surdas foi o bilinguismo, pois era o que mais se aproximava da realidade que os surdos queriam vivenciar, ou seja, os mesmos queriam e querem aprender a sua língua materna, a Língua de Sinais e, a língua de seu país. Desta forma, alia-se uma a outra com um só propósito: educar o surdo de maneira eficaz.

O importante, na verdade, é permitir a construção de uma linguagem elaborada, em que o aprendizado, através do método bilíngue, proporcione momentos diferenciados no desenvolvimento geral de uma pessoa surda, ou seja, as línguas adquiridas são utilizadas para vários objetivos e funções e, muitas vezes, em contextos diversos.

Vale ressaltar que o aprendizado de outra língua, tanto para uma pessoa surda, quanto para uma ouvinte, possibilita o fortalecimento das estruturas linguísticas, pois “favorece o desenvolvimento cognitivo e alarga os horizontes mentais, ampliando o pensamento criativo, além de permitir um acesso maior à comunicação” (MONTE; SANTOS, 2004, p. 22).

Nesta perspectiva, é fundamental que desde criança o método bilíngue seja trabalhado na escola para que a criança consiga produzir e ao mesmo tempo fazer a distinção entre uma língua e outra, enfatizando que a Língua de Sinais sempre será a sua primeira língua e, para as crianças brasileiras a Língua Portuguesa será a segunda, as quais devem trabalhadas em momentos diferentes na escola.

Entretanto, o Ensino das Ciências para a educação de surdos ainda é um grande desafio em todas as escolas, principalmente para ser trabalhado pelos professores com estudantes com surdez. Por isso, é de grande importância trabalhar com métodos eficazes, para que o estudante surdo consiga desenvolver-se em sua

totalidade, ou seja, tanto na sua língua materna, quanto na sua segunda língua, em nosso país, a Língua Portuguesa.

Enfim, o trabalho numa proposta bilíngue é de grande relevância, porque proporciona o direito e as condições ao indivíduo surdo para poder utilizar duas línguas. Portanto não se trata de negação, mas de respeito, pois o indivíduo poderá escolher a língua que irá utilizar em cada situação linguística em que se encontrar (KOZLOWSKI, 1998). Deste modo esta proposta de trabalho leva em consideração o que os próprios surdos questionam, incluindo as características que os mesmos propõem para o processo educacional vigente para uma pessoa com deficiência, diretamente no caso deles que é a surdez.

2.1 ESCOLA ESPECIAL: AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DAS CIÊNCIAS ATRAVÉS DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CRIANÇAS SURDAS

O contexto histórico da educação de crianças surdas no Município de Parintins principia na década de 80, por iniciativa da Diocese de Parintins, com o atendimento educacional a quarenta e dois alunos surdos após formação de profissionais recebida em Belém/PA, com o apoio da Unidade Educacional Estadual/SEDUC (SILVA, 2008).

Em 1982, a Escola Especial de Áudio Comunicação “Pe. Paulo Manna” iniciou suas atividades como a Primeira Escola de Educação Especial Santa Izabel, à época. Até então, as crianças surdas em idade escolar para a Educação Infantil eram matriculadas neste educandário, que mantinha convênio com a Prefeitura e com o Estado por ser uma escola filantrópica, construída pela diocese de Parintins, para atender crianças surdas. A construção da referida escola para surdos deu-se pelo número expressivo de crianças com esta necessidade física existentes no Município de Parintins (SILVA, 2008).

No decorrer do ano de 1985 foi criada a Associação Pestalozzi de Parintins, hoje Escola Especial Glauber Viana Gonçalves, escola que atende à Educação Infantil ao Ensino Fundamental de 1º ao 3º do ciclo, trabalhando com estudantes cegos, baixa visão, autistas, síndrome de down e surdos. É importante destacar que as crianças surdas em idade escolar destinadas à Educação Infantil eram matriculadas nessa Escola Especial denominada como a escola para surdos, construída pela Diocese de Parintins para atender estas crianças, devido

acreditarem que o lugar delas era estarem em Escola Especial (SILVA, 2008).

Nos anos subsequentes, a Educação Especial ficou sempre ao encargo destas Escolas, cabendo às Secretarias SEDUC/AM E SEMED/PIN, somente o apoio através de convênios (PLANO DE TRABALHO, SEMED/PIN, 2005, p. 04).

O Município de Parintins, desde o ano de 2008, através da SEMED, possui uma coordenação direcionada à Educação Inclusiva, que trabalha com atendimento e acessibilidade dos estudantes com necessidades educacionais especiais, do Ensino Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, dentre esta diversidade de estudantes, acolhe também a estudantes surdos na Educação Infantil regular e Educação Infantil Especial (SILVA, 2008).

No entanto, a relação do Ensino das Ciências na Educação Especial incorpora os mais comprovados princípios por meio de uma, da qual todas as crianças possam se beneficiar, pois as escolas de Educação Especial, ou centros de atendimentos especializados, como atualmente são denominados, consideram que as diferenças humanas são normais e que, em consonância ao ensino e à aprendizagem, as atividades realizadas na Educação Infantil devem ser adaptadas de forma interdisciplinar às necessidades da criança, ao invés de adaptar a criança às atividades pré-concebidas conforme o ritmo e a natureza do processo de aprendizagem.

Nesse processo de ensino e aprendizagem nos deparamos com o desenho infantil, que para a criança surda é um suporte necessário que contribui para seu desenvolvimento cognitivo, social e educacional, pois sua aprendizagem se dará de forma visual gestual, devido à sua ausência de fala. Partindo disto, apresenta-se uma imagem, no qual a criança desenhou a partir do que foi proposto o que ela compreendeu sobre o assunto sugerido.

IMAGEM 01 – Oficina de desenho.



Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

Por meios de seus desenhos, as crianças relataram a utilização da chuva no seu dia, que servia para molhar a horta caseira, as plantas, o capim e as árvores e enchiam os rios. Elas disseram que gostavam de tomar banho e jogar bola na chuva. “O cotidiano e as falas das crianças representam muito mais do que uma simples reprodução da realidade [...] elas re-significam, reinventam as coisas e dão sentido peculiar as suas formas de entender o mundo e o lugar onde moram” (MUBARAC SOBRINHO, 2011, p. 148).

Os desenhos produzidos pelas crianças, enquanto produções simbólicas revelaram a capacidade interpretativa das culturas infantis presentes nesse determinado contexto social. São também capazes de manifestar aspectos importantes acerca da compreensão da Ciência que as crianças trazem do seu cotidiano numa perspectiva interdisciplinar.

Por isso, quão importante valorizarmos os conhecimentos prévios da criança, ou seja, o que ela trás de casa e que pode contribuir significativamente em sala de aula.

IMAGEM 02: Desenho da criança.

Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

Os desenhos apresentam as condições socioculturais de produção vivenciadas pelas crianças, demonstrando suas percepções acerca do mundo que as rodeia, apontando ainda para seu entendimento de Ciência que pode ser construindo no contexto escolar, através de suas interações com as outras crianças surdas e ouvintes.

A experiência tem demonstrado que tal prática pedagógica pode consideravelmente diminuir a taxa de desistência e repetência escolar “que são características de tantos sistemas educacionais e ao mesmo tempo garantir índices médios mais altos de rendimento escolar” (BRASIL, 2006,p.25). Primeiro princípio da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando os estilos e os ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos flexibilizando currículos, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades (BRASIL, 2006,p.26).

No que se refere à temática relacionada ao Ensino das Ciências na Educação Infantil de crianças surdas considerando que as discussões surgem na Educação Infantil de uma Escola Especial, na qual se considera a diferença própria

dessa comunidade, cuja cultura tem peculiaridades que carecem ser conhecidas, para que o processo educacional seja realmente fundamentado, nela dá-se importância às atividades como o desenho que exploram o campo visual, o que facilita a educação das crianças surdas.

Percebe-se ainda há necessidade de pensar em uma educação para as minorias buscando entender como é que se compõem estes grupos de crianças surdos – que não são grupos monolíticos, que não pensam todos iguais, que tem marcas diferentes, marcas culturais constitutivas. Não dá para pensar a educação do ponto de vista de quem planeja, sem oferecer escuta para estes grupos aos qual a educação supostamente se destina. (SÁ, 2002, p.82).

Nessa perspectiva, o currículo deve ser flexibilizado às necessidades das crianças e não vice-versa. As escolas devem, portanto, promover oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes.

No contexto histórico educacional das crianças surdas na Educação Infantil no Município de Parintins, a Escola “Padre Paulo Manna” considerada escola “Especial”, tem fundamental importância, visto que foi a primeira a abrir as portas para este público, atendendo crianças, jovens e adultos surdos.

A escola funciona com a Educação Infantil e Ensino Fundamental até o 5º ano. Atua com profissionais que atendem ao perfil que as crianças surdas precisam para o processo de escolarização, partindo do ensino e da aprendizagem, pautados especialmente na questão linguística. Profissionais estes que têm cursos específicos de capacitação oferecidos pela SEMED e SEDUC.

Contudo, a história da educação de surdos, em particular no Município de Parintins, perpassa por um desenvolvimento significativo para a sociedade surda que compõe a nossa cidade, pois não é uma história tão complexa para compreensão como era anos atrás, devido à evolução que está ocorrendo paulatinamente na educação, apesar de vários momentos marcantes. Posto que vivemos tempos históricos caracterizados por transformações e por surgimento de novas oportunidades na vida de cada sujeito social.

Antigamente os sujeitos surdos eram muito discriminados pelas pessoas ouvintes, devido à falta de conhecimento do ouvinte em vivenciar a realidade da pessoa surda. Todavia, muitos anos depois “os sujeitos surdos passam a ser vistos como cidadãos com direitos e deveres de participação na sociedade” (PERLIN E

STROBEL, 2006), isso se torna um marco importante na vida destes sujeitos.

Partindo dessa visão, o desenvolvimento da Escola de Áudio Comunicação “Pe. Paulo Manna”, onde a educação de surdos no Município de Parintins teve início sob a orientação dos padres da igreja católica, com o passar dos anos construiu também um auditório anexo, denominado “Dom Arcângelo Cerqua”, atende crianças surdas a partir de três anos, que trabalha com Educação Infantil e Ensino Fundamental até o 5º ano.

Entendemos com isso que a educação é um importante meio de socialização para os surdos, e até mesmo para os ouvintes, pois estabelece relações para que a pessoa surda interaja e perceba o quão é essencial desde criança estar numa escola e conhecer a sua língua materna, no caso a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Um dos principais princípios adotados pelo educandário é que as crianças surdas possam ser alfabetizadas em sua língua materna Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sendo este um dos pontos de luta relacionado ao uso da Língua de Sinais Brasileira, pelos motivos que Lane (1999, p.106) esclarece:

[...] se a língua minoritária não é permitida nas escolas, isso reduz a auto-estima e o potencial desempenho daqueles que a usam. Desencoraja os membros da minoria de entrarem no ensino profissional onde serviriam de modelo para as crianças que tendem a perpetuar a língua, a cultura e identidade minoritárias.

A língua materna da criança surda tem papel preponderante para o processo de ensino e de aprendizagem dentro do ambiente escolar. Mesmo que ainda seja um grupo minoritário de crianças surdas, é imprescindível que as escolas possam oportunizar a estas crianças o direito a sua cultura e à própria identidade a partir do conhecimento da LIBRAS, cuja tarefa não pode ser possibilitada apenas nas escolas especiais.

Nesse sentido, ter uma visão histórica é conhecer realmente a vivência do povo surdo e, sobretudo as suas raízes. No entanto, isso só ocorreu devido ao fortalecimento dos surdos em buscar uma educação de equidade e mostrar sua história aos ouvintes, pois só dessa forma haveria a participação de todos nas escolas, transformando-as em inclusivas.

Vale ressaltar, que por muitos dos anos, os surdos travaram grandes batalhas pela afirmação da sua identidade, da comunidade surda, da sua língua e da sua cultura, até alcançarem o reconhecimento que têm hoje, na era moderna. Por

isso, as escolas inclusivas têm muita importância em todo o mundo, especialmente neste Município, que elenca a Educação Infantil como ponto de partida para o desenvolvimento das habilidades e potencialidades do ser surdo.

Portanto, atualmente é relevante conhecer a história da educação de surdos desde a Idade Média até os dias de hoje com ênfase no reconhecimento para aprender LIBRAS a fim de que se tenha o diálogo com pessoas surdas, pois é desta forma que se constituirá as identidades existentes e cada um terá a possibilidade de apreciar experiências novas de conviver na diversidade, enfim de ser reconhecido na diferença.

2.2 ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS DIFICULDADES DE COMUNICAR CIÊNCIAS À CRIANÇA SURDA

Os Centros de Educação Infantil de Parintins, assim como em todo país estão na responsabilidade do próprio Município. Este conta com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para coordenar e organizar as atividades desses Centros, sendo no total de dezoito Centros de Educação Infantil, doze na área urbana e seis Centros de Educação Infantil na área rural.

Historicamente, evidenciamos que as ações e as políticas públicas educacionais pensadas para a criança surda partem da legislação que considera imprescindível que esse estudante esteja inserido no contexto educacional regular, englobando todos os níveis e modalidades de ensino.

As implantações das ações políticas voltadas para a construção de um sistema educacional inclusivo, que se inicia na Educação infantil começou a partir de 2003, através da assinatura do Termo de Adesão ao Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade. Neste processo, o Município de Parintins conseguiu, através de projetos junto ao MEC, a implantação de duas (02) salas de AEE, em dois Centros de Educação Infantil do Município de Parintins que atendem a crianças com necessidades educacionais especiais no contra turno.

A partir de seus avanços, iniciou-se um aprendizado no processo de Educação Inclusiva através do I Seminário de Educação Inclusiva que foi realizado no Município no ano de 2004, coordenado pelo Setor de Educação Inclusiva, à época coordenado pelo Professor Manuel Marcos Pires que apresentava à nova

coordenadora de Educação Inclusiva, Paula do Carmo Martins (*in memoria*)², constituindo, então, a equipe de Educação Inclusiva com sete profissionais, sendo uma professora na coordenação do Setor, duas psicopedagogas, uma especialista em educação especial e deficiência visual, uma pedagoga com especialização em LIBRAS, uma pedagoga com especialização em Língua Portuguesa e uma assistente social.

É realmente importante que o poder público municipal assuma efetivamente este direito assegurado às crianças com necessidades educacionais especiais, pois as mesmas não podem continuar segregadas a um processo educacional que vem excluindo, ao invés de incluir, ou que acreditam estar incluindo, mas na verdade estão apenas integrando, como é o caso das crianças surdas que necessitam muito mais que estarem matriculadas nas escolas, ou de adequações arquitetônicas, pois ao contrário do que muitos podem pensar, elas aprendem normalmente como um ouvinte, o que falta é quem as ensine realmente a partir de sua língua materna - LIBRAS.

É evidente que não podemos considerar, do mesmo modo, um indivíduo que tem uma língua como principal instrumento para o seu pensamento lógico e um indivíduo que não teve qualquer acesso à aquisição de uma língua. É oportuno não deixarmos de registrar que, embora nem todos os processos mentais sejam realizados através do mecanismo linguístico, o fato é que a ausência da aquisição de uma língua provoca, no desenvolvimento geral dos processos cognitivos, alguma alteração significativa (FERNANDES, 2003, p. 24).

A diferença linguística entre surdos e ouvintes é um fator que não merece discussão, porque é bastante evidente. Todavia destaca-se que a diferença linguística faz com que a escolarização dos surdos seja vista de maneira muito complexa, pois eles recebem e captam a informação por meio do olhar, comunicando-se em uma modalidade visual espacial, diferentemente do uso do canal oral-auditivo que conhecemos e dominamos como ouvintes. Dificuldades como essas intervêm, decisivamente, na construção de conceitos científicos firmando, assim, a diferença entre as línguas orais e a língua de sinais.

Assim, temos a certeza de que após este processo Educacional o Município de Parintins, através da SEMED/PIN, possa a ter uma visão diferenciada para a

² A Professora Paula Martins teve contribuições significativas na inclusão de alunos com deficiência nas escolas do município de Parintins/AM. Destacam-se entre os trabalhos realizados por ela, seu empenho na organização das salas de recursos e na luta por espaços que possibilitassem a inclusão do deficiente no âmbito escolar.

criança com necessidade educacional especial, neste caso específico para a qual se direciona esta pesquisa, que é a criança surda dentro da Educação Infantil, a partir do princípio democrático que se refere ao acesso dessas crianças às escolas regulares, que estejam localizadas próximas a sua residência, afim de que tenha acesso também ao ensino e à aprendizagem partindo do convívio social e do respeito à diversidade.

Compreende também o educando como ser único capaz e agente transformador de sua realidade, prevê a “Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. (BRASIL, 2005, p. 04). No contexto escolar essa compreensão se constitui em um desafio a ser vencido pelos sistemas educacionais, voltados para a construção da escola das diferenças e não para a escola dos diferentes. (MENDONÇA, 2010).

Nessa realidade é importante considerar o contexto educacional no qual a criança com necessidade educacional especial se encontra, como Smith (2008, p. 40) afirma é necessário: Assegurar que todas as crianças com deficiências tivessem disponíveis [...] uma educação pública adequada e gratuita que valorizasse a educação especial e os serviços correlatos, designada a atender às suas necessidades únicas.

Assim, proporcionará sua interação educativa e social com os demais estudantes. Pois é no âmbito escolar que as crianças têm a oportunidade de ampliar seu convívio social, desempenhando a escola um papel significativo no desenvolvimento social da criança com surdez.

Os discursos pedagógicos geralmente estão relacionados às interferências sócio afetivas do estudante. Por outro lado, as causas apontadas estão sempre relacionadas a situações do contexto familiar, como superproteção dos pais, a falta de estímulos, a pobreza, a falta de conhecimento dos pais sobre a LIBRAS, remetendo a estes o impedimento do processo de ensino-aprendizagem. Visão esta que é reforçada entre as discussões dos profissionais que trabalham com as crianças com surdez, sendo que o fazer pedagógico acaba por não ser organizado e o respeito ao aluno surdo deixa de ser baseado na compreensão das causas e consequências na sua escolarização.

Há necessidade de ter uma visão diferente para a educação de surdos, talvez a partir de políticas efetivas, iniciando com uma escola para surdos; não uma escola de ouvintes que também recebe surdo, mas uma escola especial sem

nenhuma conotação da que conhecemos como especial, mas local de valorização da cultura surda, permitindo aos surdos o ambiente linguístico necessário para que desabrochem suas potencialidades.

Essa potencialidade prevê escolas com estruturas diferentes daquelas do passado, uma sociedade escolar que desmistifique a postura de que a escola é a única responsável pela integração social. Há que se partir para um debate pautado em revisão desses conceitos e dos modelos pedagógicos usados.

Oliveira (2009) realizou pesquisas relacionadas à educação de alunos surdos, cujos resultados apresentam reflexão sobre que o professor pensa sobre este processo de ensino, que acaba sendo excludente diante das práticas de ensino e das estratégias para aprendizagem, pois a posição dos professores que lecionam para estudantes surdos se baseiam em crenças muito enraizadas de que este estudante não aprende, ou de que pode aprender, mas de modo lento em consequência da surdez que apresenta.

Este pensamento apresentado pelos professores se dava porque eles não conheciam a capacidade que os estudantes surdos têm para aprender. Este é um aspecto que pode interferir no processo de ensino, visto que os professores não reconhecem as potencialidades dos seus estudantes surdos, resultando em consequências negativas no processo de aprendizagem dos mesmos. Tudo isso reforça as dificuldades de comunicação em sala de aula, porque o professor desconhece metodologias que possam atender às especificidades educacionais destes estudantes, o que também pode ser um dos maiores entraves para que a aprendizagem aconteça de forma significativa.

Pelo exposto anteriormente, é necessário que as práticas educacionais colaborem para que a aprendizagem se torne significativa e que devem ser repensadas, desse modo os educadores poderiam construir em conjunto com as crianças surdas uma forma de compreender os processos próprios de construção de conhecimento fato que pode vir a colaborar com ensino e aprendizagem de ambos, considerando a comunicação entre eles.

Caselli; Volterra (1994) realizaram estudos sobre a presença de gestos na comunicação, na década de 1980, elencando que a gestualidade faz parte da comunicação de todo ser humano e se faz presente na etapa de aquisição de toda língua. Pesquisas acarretaram comparações entre o desenvolvimento comunicativo de crianças com surdez e de ouvintes, chegando à conclusão que são precisamente

iguais e, em ambos os casos, o uso de gestos se faz presente nas fases iniciais de aprendizagem para, na fase seguinte, surgirem às primeiras palavras/sinais.

Estudos pautados em pesquisas sobre o processo de ensino e de aprendizagem de crianças surdas estão presentes na literatura, autores como: Sacks (1997 p. 22), diz que “ser deficiente de linguagem é uma das calamidades mais terríveis para o ser humano”, pois é somente por meio da língua que vivenciamos a nossa cultura, nos comunicamos com outras pessoas e obtemos e compartilhamos informações. “Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro – sejam quais forem os nossos desejos, esforços e capacidades inatas”.

Skliar (1998, p. 11) destaca, por sua vez, que “A surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual”. A surdez não é mais considerada como patologia clínica terapêutica e sim como uma “experiência visual”. De Paula (2009), Gesser (2009), afirmam que o surdo não precisa ser oralizado para se integrar na sociedade ouvinte, é disso que fala quando diz que — oralizar é sinônimo de negação da língua dos surdos. É sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala, entre outros, que estudam a surdez, indicam de forma predominante a necessidade de que os surdos tenham acesso a instituições que lhes possibilitem contato com outros surdos e com sua língua materna, neste caso a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para que estes se desenvolvam e conheçam a si mesmos.

As comunidades surdas precisam compartilhar informações, na mesma língua, hábitos similares, costumes, modos e valores culturais, pautados na percepção visual, mantendo seu processo de comunicação efetivo, para que estejam de fato incluídas na sociedade. Isso permitirá a construção de uma identidade efetiva, o que possibilita participação na sociedade como cidadãos autônomos.

Além disso; os estudantes surdos sentem um impacto ao adentrarem as instituições de ensino que possuem metodologia voltada a ele como, por exemplo, a escola que trabalha a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua, numa perspectiva de Bilinguismo, que busca inclui-los na sociedade por serem vistos a partir da ótica de pessoas comuns, tal como o são.

Atualmente, os estudos de aquisição de linguagem por pessoas surdas realçam a ideia de que toda criança surda deve crescer em um ambiente bilíngue. Tal concepção sugere o uso tanto da Língua de Sinais quanto da oral (em sua modalidade escrita e quando possível em sua modalidade falada), pois os estudos indicam que deste modo às crianças conseguem desenvolver melhor suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais. A Língua de Sinais, ou Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, embora reconhecida por lei (BRASIL, 2002) e cujo ensino é garantido a partir da Educação Infantil (BRASIL, 2005) ainda é recente no ensino do nosso país.

Além disso, ainda há divergências significativas sobre as características de ensino de uma língua para as crianças surdas: há desde a proposta do implante coclear precoce, passando pela imposição da oralização – que prioriza o ensino do português (especialmente o oral) -, até a concepção de que as crianças surdas têm o direito de aprender LIBRAS e Português (MOURA *et al.*, 1997). Neste último caso, adotam-se os preceitos da Abordagem Bilíngue, que preconiza a exposição precoce do surdo à Língua de Sinais como primeira língua - e o aprendizado da Língua Portuguesa, como segunda língua, na modalidade escrita.

Por isso, o desenvolvimento da criança surda no processo de ensino e aprendizagem no contexto da Educação Infantil, deve considerar uma questão importante que possa modificar a estrutura do espaço escolar, onde nos referimos à diferença linguística entre crianças surdas e ouvintes, onde há crianças ouvintes e falantes da Língua Portuguesa oral, enquanto a criança surda normalmente quando adentra o espaço escolar comunica-se apenas por gestos, não reconhecendo sua própria língua.

Almeida e Gil (2010) dão ênfase à aquisição da linguagem no desenvolvimento global da criança, seu impacto nas competências cognitivas, de sociabilidade e de possibilidade de autonomia em uma sociedade complexa – tais indicadores surgem no processo de aprendizagem das crianças surdas, tornando um dos desafios enfrentado na sua escolarização inicial neste nível de ensino responsável pelo primeiro contato da criança com a vida escolar, quando passam a conhecer e fazer parte de outra realidade fora do convívio familiar.

No que se refere ao surdo, Fernandes (2006), assegura que quando nasce uma criança surda às vivências com LIBRAS normalmente não acontecem, considerando que a maioria nasce em famílias ouvintes e cresce em ambientes de

peças falantes, o que não faz sentido para elas. As interações são limitadas a poucos gestos realizados nestes ambientes, o que se constitui em uma linguagem informal, de domínio limitado, do qual a própria família desconhece o meio pelo qual deve comunicar-se com a criança surda. Assim, a maioria das famílias delega à escola o processo de ensino e aprendizagem quase que em sua totalidade.

A sedimentação de fato deste período que a criança começa a ter as primeiras experiências educacionais ganhou relevância somente a partir de 1994, influenciada pelo movimento europeu da Antropologia, em especial da Etnografia, que “[...] inaugura em definitivo um espaço de investigação científica, legitimando-o como de vital importância para as crianças e para a reflexão atual que se faz no seio das ciências sociais e da educação” (MUBARAC SOBRINHO, 2016, p. 05).

Nesse sentido, Oliveira (1998), comenta que o ensino e a aprendizagem estão interligados, pois “ensina-se aprendendo e aprende-se ensinando”. Porém, pouco se tem buscado esclarecer esta situação na qual o ensino e aprendizagem estão presentes, lembra ainda que este processo não surge sem uma razão, pois o mesmo implica na junção de vários fatores que advêm desde o movimento ao dinamismo, conceituando, assim, a aprendizagem como uma experiência adquirida do meio físico e social.

Algumas observações realizadas durante a leitura são feitas durante o processo de ensinar e de aprender onde a aprendizagem não é hereditária, assim como a surdez também não é, a aprendizagem se dá de forma articulada às atividades exercidas entre um conteúdo e o outro, considera ainda que o movimento físico comentado anteriormente não diz respeito ao deslocamento em sala de aula, e uma atividade que provoque no aprendiz a construção de sua própria aprendizagem, no caso do estudante surdo, este processo parte inicialmente da comunicação que o professor tenha com o mesmo, justificando que o estudante surdo só poderá se interessar em aprender se souber o que irá aprender, visto que o ensino parte dos mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem.

Por meio da audição a criança que não apresenta nenhuma deficiência auditiva aprende naturalmente o modelo de sua língua. Porém, a criança com surdez adquire sua linguagem ao relacionar a experiência que está vivendo com a verbalização e/ou sinais que ela observa em outra pessoa (colegas, pais, professores etc.), bem como ao relacionar o que está sendo falado pelo outro com

suas próprias experiências e também ao comunicar seus pensamentos e experiências de forma oral, escrita ou através da Língua de Sinais.

É importante ressaltar que as crianças surdas possuem linguagem e criam hipóteses sobre diferentes significados que, conforme Rodrigues; Moura (2008), muitas vezes acabam sendo desenvolvidos individualmente, correndo o risco de serem até mesmo reprimidos porque não conseguem comunicar seus pensamentos por meio da escrita, do oral, ou mesmo da LIBRAS.

Quando o surdo possui acesso à educação que compreende seu processo de ensino e aprendizagem partindo de sua língua materna (LIBRAS), as escolas, professores habilitados, Língua de Sinais, educadores que a entendem, ele se desenvolverá normalmente e poderá estar preparado para utilizar o sistema de leitura e escrita. Cabe à família e à sociedade, aceitar o surdo em suas diferenças, particularidades, sua cultura, costumes e necessidades.

Contudo, cabe também ao professor se qualificar para garantir que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de maneira satisfatória. Assim, caberá aos responsáveis pela educação proporcionar mecanismos didáticos pedagógicos para que o processo ocorra em toda sua extensão e plenitude. E é, nesse sentido que buscamos, desde os Centros de Educação Infantil, valorizar a criança surda em nosso Município, pois elas são o alicerce para que todos tenham uma educação básica de qualidade.

2.3 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil na escola é o primeiro contato da criança com o mundo exterior, é quando os laços sociais se encontram para ajudar a formar a personalidade da criança, seja ela surda ou ouvinte. Entretanto, neste caso, para a criança surda talvez esse novo momento represente mais do que um processo de ensino-aprendizagem. Um desafio à parte, a criança surda percebe que a sua deficiência pode não ser bem compreendida por pessoas ouvintes, sendo muitas vezes ignorada, levando-as a se sentirem segregadas.

Certamente as escolas regulares ainda não estão aptas para receber uma criança surda. Na maioria das vezes o professor que a recebe não possui uma qualificação voltada a esse público, o que dificulta o seu trabalho e mais ainda, a

vida da criança surda. São duas dificuldades que se completam por falta de políticas públicas educacionais que deveriam aplicar maior empenho nessa área.

Por haver ainda convicção de que as crianças surdas não são capazes de aprender, embora receba o mesmo ensino que as crianças ouvintes, pois para a criança surda tem que ser por meio visual gestual, faz-nos refletir sobre as próprias relações humanas que podem emergir de um espaço social constituído.

Alguns questionamentos surgem em busca de detectar a fragilidade na Educação Infantil para crianças surdas. Segundo Piaget (1994) na pré-escola a criança encontra-se em uma fase de transição fundamental entre a ação e a operação. Se na Educação infantil a criança surda recebe maior atenção e um ensino que a impulse a seguir em frente, no futuro certamente teremos um adulto mais seguro e com objetivos maiores; mas se na infância se a educação escolar não for suficientemente encantadora, provavelmente os problemas de aprendizagem serão evidentes.

Tais considerações em que Piaget (1994) relaciona o período de desenvolvimento da criança não identificam se as crianças são ouvintes ou surdas. As considerações são de natureza psicológica, ou seja, descrevem o desenvolvimento da criança no período em que ela está iniciando o processo educacional na pré-escola, tendo um valor de compreensão do processo de desenvolvimento da criança, ou seja, pode instrumentalizar o professor a fundamentar sua prática e compreender a importância daquele estudante no cotidiano da sala de aula.

Questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil ainda são recebidas como imposição do sistema educacional. As crianças com necessidades educacionais especiais, ou as com deficiências como são geralmente descritas dentro do contexto educacional regular, adentram as escolas e recebem o mesmo ensino e aprendizagem que as demais crianças que não têm aquelas especificidades. Assim, a construção de uma visão da criança surda como um sujeito de direitos, protagonista das suas ações e construtora de lógicas próprias de ação e criação, nas quais a capacidade de aprender pode estar interligada à de ensinar, ganha cada vez mais espaço entre as pesquisas na Educação Infantil através do Ensino de Ciências (SILVA, MACEDO E NUNES, 2002).

Para Vygotsky (1978) uma característica essencial do aprendizado é que ele desperta vários processos de desenvolvimento internamente, os quais funcionam

apenas quando a criança interage em seu ambiente de convívio. Aplicando-se este princípio à Educação Inclusiva, a escola cumpre sua função primordial prevista na legislação, todavia a prática parece deixar lacunas sobre o que realmente é relevante nesse processo, principalmente, quando discutimos a aprendizagem de criança surda.

Todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo, conforme Vygotsky e Luria, (1976), ocorrem de acordo com a sua história social que se constitui no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade. Dessa forma, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos.

Sob essa perspectiva, resultam em atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. Conseqüentemente, a história da sociedade na qual a criança surda vive é um fator crucial que determina sua forma de pensar; pois antes de ir para a escola na Educação Infantil, as crianças trazem a priori uma maneira específica e particular de se comunicar. São conhecimentos adquiridos juntamente com a família, que configura uma forma de linguagem; ou seja, socialmente as crianças surdas são capazes de aprender e essa experiência não pode ser desprezada dentro da escola, mas sim deve ser aprimorada principalmente na Educação Infantil, para que estas possam viver de forma igual em sociedade.

Estudos e pesquisas, nos últimos anos, vêm buscando compreender, ainda de forma tímida, como se efetiva o ensino e a aprendizagem das crianças surdas na Educação Infantil. Sobretudo é necessário questionar: como a escola vê a criança com surdez e como esta criança reflete a escola? Os métodos oralistas e gestualistas, citados anteriormente, ainda são recursos utilizados para que haja ensino e aprendizagem dessas crianças?

É necessário considerar que as dificuldades apresentadas em sala de aula estão relacionadas ao processo de ensino no qual a criança surda é submetida, fazendo com que não seja compreendida a Língua de Sinais (LS), visto que, a instituição não a reconhece como uma língua materna ou não sabe utilizá-la.

Na evolução do pensamento dos psicólogos cognitivistas Vygotsky e Slobin (1980, p. 203-204) defendem que o pensamento ou a maneira de pensar, estrutura-se através da fala; “na evolução humana, a fala pode servir ao pensamento e o pensamento pode ser revelado na fala”. Porém, na evolução do pensamento dos

psicólogos cognitivistas, entre os quais Vygotsky, “o uso interno da linguagem não precisa necessariamente se refletir nos movimentos articulatórios do aparelho vocal”. E poderíamos acrescentar, não precisa ser debitado ao uso do recurso verbal, pois essa mesma função pode ser desempenhada pela LIBRAS, no caso da pessoa surda.

Diante da necessidade de propor ações que atendam às especificidades da criança com surdez, ao invés de a escola continuar tentando realizar atividades mecânicas, treinos auditivos e leitura-labial, tudo isso visando a “reprodução da fala”, deveria se capacitar na utilização da LIBRAS para que o processo de aprendizagem seja possível para a criança surda ainda na Educação Infantil. Uma vez que na escola, os surdos não aprendem a sua língua natural, a língua de sinais (LS), mas é a língua da maioria ouvinte que é a utilizada de maneira unânime em sala de aula. Com isso, as crianças surdas não aprendem a estruturar o próprio pensamento, uma vez que a escola lhes nega de certa forma esse direito.

Na teoria de Vygotsky *et al.* (1988) é tratado o termo da mediação, segundo esta, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem que trazem consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito. Trata o aprendizado como necessidade de ser mediado, o que torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante, logo cabe à escola facilitar um processo que só pode ser conduzido pelo próprio estudante.

Referente ao ensino, Vygotsky *et al.* (1988) diz que é necessário adiantar conhecimentos ao estudante que ainda não sabe e nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre o aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes. Isso é o que se refere um de seus fundamentais conceitos “o da zona de desenvolvimento proximal”, que seria a distância real de uma criação e aquilo que ela tem que é o potencial de aprender.

Por essa visão é necessário compreender que a aprendizagem é um processo social por meios que possam vir facilitar de maneira diversificada para mediar o aprender, respeitando o desenvolvimento dos estudantes. Compete ao professor verificar métodos para que as atividades tornem-se prazerosas para o estudante surdo.

Há autores que comentam sobre as discussões em torno da surdez, como a questão da LIBRAS, o pensamento e a cognição do estudante surdo, que já foi explicado, pois o pensamento e a cognição da criança surda se dá a partir do

conhecimento que o mesmo tem acerca de determinada temática, o qual normalmente parte, usando sua língua materna, LIBRAS. É preciso fazer com que a discussão avance, sobre realmente como ocorre este processo de ensino e aprendizagem desses estudantes na Educação Infantil, é pertinente retomar em alguns casos as discussões básicas sobre a educação das pessoas surdas.

No Ensino das Ciências, a prática do professor em Educação Especial necessita levar em consideração às experiências vividas desse estudante e, também, conhecer a realidade para assim buscar conhecimento que vá além do ambiente escolar na qual está inserido, pois sua prática pedagógica constitui também a autonomia desse sujeito para aprender conforme destaca Alencar (2015, p. 31):

A aprendizagem das ciências na Educação Infantil inclui a ideia do quanto é relevante a formação de um cidadão crítico e participativo no meio educacional. Quanto a isso, Lorenzetti e Delizoicov (2001, p. 02) contextualizam afirmando que um número significativo de educadores tende a concordar que a ciência produzida no contexto escolar pode ajudar consideravelmente as crianças a alcançarem uma alfabetização no campo das ciências, pressupondo “um acordo significativo da importância da Alfabetização Científica para a vida cotidiana de qualquer indivíduo”.

Independentemente de ser surdo ou não, o Ensino de Ciências é possível para qualquer pessoa. Apesar de ser um ramo de pesquisa com restrições de referências que possam dar suporte ao professor e ao estudante inseridos no processo de ensino-aprendizagem, o Ensino de Ciências não é um campo desconhecido e nem impossível de ser transmitido.

São diversas as metodologias criadas para se trabalhar o Ensino de Ciências em sala de aula, no entanto esbarramos ainda na falta de estratégias para as crianças surdas. Estas parecem passar despercebidas, dessa forma fica sob a responsabilidade do professor criar táticas de como deve aplicar as metodologias de ensino, de forma que as desigualdades se encurtem. Os fatos sobre a realidade da educação de crianças surdas ainda são pouco discutidos, então é necessário aprofundar as discussões a apresentar propostas que possam ajudar e estimular outras pessoas a fazerem o mesmo.

Esse entendimento leva o professor a voltar o Ensino de Ciências para um processo de apropriação cultural específico, para a formação de um modo particular de pensar e de ver a realidade, com base no desenvolvimento de conceitos científicos como ferramentas do pensamento. É preciso salientar que o desenvolvimento de conceitos é, ao mesmo tempo, uma mudança na

forma de lidar prática e empiricamente com o objeto, e na forma de pensar teoricamente. (TREVISAN, 2008, p. 36).

Ao levantarmos esses questionamentos, reconhecemos que é necessária uma postura crítica diante do ensino-aprendizagem para crianças surdas, pois todas os componentes curriculares são essenciais para a formação não somente dentro do aspecto social, mas principalmente educacional. Entretanto, cabe atenção especial à Língua de Sinais, pois nem todos os conceitos possuem significado definido, e LIBRAS, como destaca Feltrini e Gauche (2007, p. 04):

A língua de sinais não representa a sinalização correspondente da língua oral. O ouvinte que fala e sinaliza ao mesmo tempo irá priorizar a sua língua materna em detrimento da segunda língua, que no caso dos ouvintes é a língua de sinais, o que certamente ocasionará uma dificuldade na compreensão da informação pelos surdos. E, no caso do ensino-aprendizagem de Ciências, há, ainda, a questão de conceitos específicos não-contemplados na Libras.

Nesse sentido, o encontro das crianças surdas com o Ensino de Ciências poderá nos trazer uma experiência única, uma vez que estamos instigando a criança surda e oportunizando a ela novas maneiras de aprender, pois além de estar atuando como sujeito participante, estará recebendo contribuição para a construção do conhecimento científico. A relevância da formação de posturas críticas deve ser estimulada de forma positiva na criança, seja ela surda ou ouvinte, para que ela possa compreender o Ensino de Ciências, não somente como um componente curricular decorativo, mas que tem convivência social, onde existem símbolos que precisam ser fortalecidos e aprendidos dentro e fora da escola.

Essas atividades confirmam a ideia de que a aula prática com o uso de imagens é tão importante para despertar interesse em participar da aula proposta pelo educador, como também provoca um desejo de sempre participar de aulas que propiciem a troca de experiências, obtendo resultados satisfatórios ao processo de ensino e aprendizagem. Com isso, os alunos podem até gerar produtos deste conhecimento o que acontece quando há aprendizagem significativa.

Assim, algumas interrogações surgem entre as quais, como despertar o interesse dos estudantes para os conteúdos abordados em sala de aula? Os desafios enfrentados pelo professor para promover a aprendizagem significativa são apenas por falta de interesse e entusiasmo do estudante pelo conteúdo? Qual à metodologia mais adequada professor poderá trabalhar em sala de aula?

Nesse contexto, cabe, principalmente, à escola abordar a Ciências de forma sistêmica, transdisciplinar e contextualizada, promovendo, conseqüentemente, uma educação que possibilite aos cidadãos a apropriação de conhecimentos com base nos quais possam tomar decisões conscientes e esclarecidas.

Prince (2011) diz que os alunos devem aprender o nome de conceitos científicos primeiramente em LIBRAS, e só depois de adotarem significados a eles, traduzirem para o Português. A criação deve ocorrer em conjunto entre professores, alunos e comunidade surda, para que os sinais sejam coerentes com seus significados.

A socialização destes sinais entre surdos e ouvintes deve ser feita, para que não só aqueles que criaram os sinais possam utilizá-los, mas toda comunidade surda, de modo a incentivar a alfabetização científica. Para isso, é necessário um trabalho de pesquisa em escolas bilíngues para surdos e na comunidade surda a fim de verificar quais são os sinais que já estão sendo utilizados e quais necessitam ser criados, para que se comece o processo de documentação destes, pois só assim pode se assegurar que todos utilizarão o mesmo sinal para determinado termo científico. (Prince, 2011) afirma que é importante lembrar que a escassez de sinais específicos é decorrente do histórico da educação de surdos, em que durante muitos anos a LIBRAS foi proibida.

Portanto, para que aconteça uma aprendizagem significativa no ensino das Ciências para alunos surdos é necessário que o educador e o intérprete estejam preparados o suficiente para serem mediadores do conhecimento; pois o método espacial-visual é o principal que deve ser utilizado no ensino para estes estudantes.

3 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL: O ENSINO DAS CIÊNCIAS E O ESTUDANTE SURDO DE PARINTINS/AM

Historicamente percebemos que as ações e as políticas educacionais pensadas para a criança surda partem da legislação que considera imprescindível que ela esteja inserida no contexto educacional, englobando todos os níveis e modalidades de ensino. Da escola tem partido este referencial, para tentar fazer com que os profissionais da Educação Infantil, que é considerada base para o processo de aprendizagem das crianças com surdez, através das atividades cognitivas e de convívio social, possam realizar este papel que é de fundamental importância, cujo fator é perceptível às consequências positivas para o desenvolvimento social da criança surda, se comparadas com as crianças que não passaram pela Educação Infantil.

Para que se possa compreender o contexto da Educação Infantil, o Ensino das Ciências e a sua relação como estudante surdo de Parintins faz-se necessário conhecer o percurso histórico das instituições de Educação Infantil regular no Município, uma vez que este amplo processo só pode ser compreendido em sua plenitude se for analisado a partir dos acontecimentos mais gerais, os quais envolvem discussões que partem do ensino e aprendizagem em andamento no Ensino de Ciências enquanto conhecimento e a Língua Brasileira de Sinais, que é a língua materna dos surdos.

Em Parintins todo o processo educacional ocorreu a partir do momento em que foi possível perceber que o Ensino Infantil tem fundamental importância no desenvolvimento da criança surda. Este aspecto foi importante para que as instituições deixassem de ser apenas lugar onde as crianças ficariam durante o dia brincando enquanto seus pais saíam para trabalhar e passaram a adotar a postura de ensino mais formal, propriamente dito.

Desse modo entendemos que a Educação Infantil na cidade de Parintins, assim como em todo país, está sobre a responsabilidade do Município e dos recursos que são repassados às prefeituras para ser administrado pela Secretaria de Educação- SEMED. Neste Município existem dezoito Centros de Educação Infantil, que estão distribuídos na área rural e urbana, sendo que na área urbana há doze Centros de Educação Infantil e seis Centros de Educação Infantil na área rural.

Na área urbana há estudantes surdos incluídos nas escolas, considerando que um estudante encontra-se matriculado na Educação Infantil regular e outros estão na Educação Infantil de uma Escola Especial que também recebe recursos deste Município.

Nesse percurso, o processo educacional infantil das crianças surdas acontece a partir das relações adquiridas no âmbito escolar e fora dele. Tais relações desempenham um papel determinante no desenvolvimento social da criança com surdez, pois é neste período que a criança começa a conviver em um ambiente diferente do familiar e também alguns estímulos lhes são continuamente desenvolvidos.

No período que as crianças adentram o ambiente escolar, é necessário que possa ser oportunizado o uso de sua língua materna aos estudantes surdos, no caso a LIBRAS, para que tenham o mesmo acesso linguístico que têm as crianças ouvintes e desse modo possam participar das atividades desenvolvidas como: brincadeiras, expressões, socialização entre os colegas surdos e/ou ouvintes; assim como das atividades educacionais que quebram os estigmas de que a Educação Infantil é apenas para cuidar das crianças, sem escolarizá-las.

3.10 ENSINO DAS CIÊNCIAS PARA A CRIANÇA SURDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM PARINTINS

Este tópico versa sobre a Educação Infantil, o Ensino das Ciências e o estudante surdo na cidade de Parintins, considerando que são relevantes para uma melhor compreensão da pesquisa realizada, elencando desafios que permeiam o estudante surdo em sala de aula e a relação pedagógica no ambiente escolar.

Algumas indagações são necessárias para que conheçamos mais sobre os recursos e as estratégias que o professor emprega ao trabalhar com o estudante surdo. Por outro lado, também conhecer se a rotina do estudante surdo é a mesma que a do estudante ouvinte, ressaltando sempre que o objetivo da pesquisa não é de transformar a criança surda em uma pessoa mais importante que as outras crianças, mas sim fazer com que elas sejam tratadas de forma igual às demais.

Quando se trata do Ensino de Ciências na Educação Infantil da criança surda, considera-se que é de fundamental importância uma abordagem sobre o assunto, junto ao professor com intuito de obter uma melhor compreensão acerca do

trabalho realizado, por isso procuramos evidenciar qual é o meio de comunicação utilizado com o estudante surdo, se era feita através da Comunicação Oral ou Comunicação em LIBRAS, pois entendemos que as duas formas são importantes, porém a criança surda precisa ser ensinada na sua língua materna, que neste caso é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Quanto à opinião do professor, buscou-se verificar se este acredita na capacidade de aprender da criança surda, no sentido de buscar uma reflexão crítica sobre o tema, pois consideramos que possuir uma deficiência auditiva não configura que o ser humano seja um incapaz, pois isto não o impossibilita de frequentar a escola para aprender os diversos conhecimentos da educação formal. Sendo assim, também procuramos saber quais são as maiores dificuldades apresentadas pelo estudante surdo na sala de aula e quais os progressos alcançados pelo mesmo.

A pesquisa nos conduziu a verificar por um lado se existe diferença de aprendizagem dos conceitos das Ciências entre a criança surda e a criança ouvinte. Por outro como o Ensino das Ciências contribui no processo de ensino-aprendizagem da criança surda. E, ainda, qual a percepção do professor, quanto aos aspectos que precisam ser melhorados para a aprendizagem dos conceitos no Ensino das Ciências para a criança surda.

Com o resultado ficou evidente, que o professor que atua com crianças surdas e ouvintes em um mesmo ambiente, tem experiências, vividas junto aos estudantes surdos, que podem ser relevantes para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o Ensino das Ciências, assim como evidenciando qual conteúdo programático do referido componente curricular o docente avalia como mais difícil de ser ministrado aos sujeitos focos deste estudo.

O Ensino das Ciências na Educação Infantil necessita atender de forma plena a todos os sujeitos, respeitando cada nível que perpassa o estudante para que haja uma compreensão crítica e emancipadora do mesmo.

Na sequência desta seção veremos como o Ensino das Ciências é desenvolvido em duas escolas na cidade de Parintins/AM, nas quais atuam duas professoras do Ensino de Ciências que foram sujeitos fundamentais desta pesquisa. Com a primeira professora, que identificaremos como Professora A, ministra aulas em uma escola regular e a outra, identificada como Professora B realiza seus trabalhos em um Centro Especializado no atendimento ao estudante surdo.

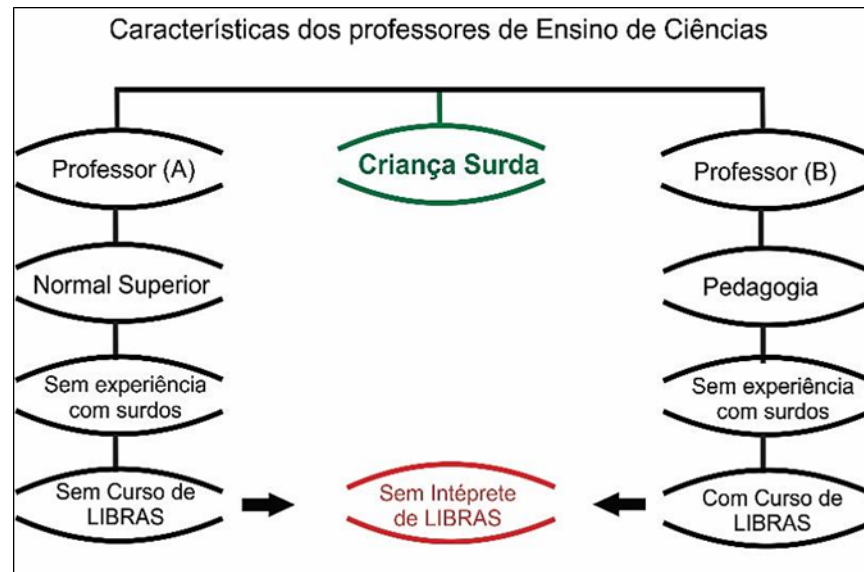


FIGURA 01: Características pedagógicas dos professores.
Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

Para que fosse possível compreender melhor o perfil e as características pedagógicas das professoras, foi aplicado o questionário com perguntas pré-estabelecidas para as duas professoras da Educação Infantil, isto é, procuramos identificar a formação superior de cada uma, suas experiências e o acesso ou não de curso de LIBRAS pelas mesmas. Desta forma, a Professora (A) diz que “*possui formação em Normal Superior*”, um curso hoje extinto pelas universidades, devido à nova nomenclatura ser Licenciatura em Pedagogia; e, a Professora (B) relatou que “*possui Ensino Superior em Licenciatura em Pedagogia*”.

Partindo destas informações, verificamos a importância da formação em Nível Superior para o processo de ensino e aprendizagem do estudante. No entanto, quando falamos em crianças surdas em sala de aula, é importante verificar se o docente está realmente capacitado para assumir a função, posto que não existe curso superior específico para a formação de professores surdos neste Município, o que existe, ainda de forma tímida nas Universidades é a incorporação do componente curricular Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que é uma conquista recente, que neste caso influenciou na formação da professora (B), como veremos na análise abaixo.

Perguntado se já haviam trabalhado com alunos surdos antes de lecionar na atual escola, as duas professoras afirmaram que não. A consequência dessa falta de experiência fica evidenciada nas demais investigações da pesquisa.

Nesta perspectiva, ter experiência a priori é fundamental na relação professor e estudante surdo, ensinar uma criança surda requer atenção por parte do docente, que não pode simplesmente deixar a criança solta no ambiente sem entender nada do que está acontecendo ao seu redor.

Vale ressaltar que as Secretarias de Educação não oferecem atenção necessária à falta de experiência dos professores, assim como é feito em relação às demais crianças ouvintes, fato extremamente relevante considerando que a criança surda precisa aprender os conteúdos propostos no currículo escolar, por isso sem formação em LIBRAS, a possibilidade de fazer uma criança surda aprender é muito reduzida.

Sobre a participação em curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) somente a professora (A) não possui curso e nem teve conhecimento de tal componente curricular na graduação, mas afirmou que gostaria de fazer um curso voltado para a área. Esta professora foi, de certa forma, prejudicada pelo antigo processo de organização acadêmica que não contemplava a LIBRAS em sua matriz curricular.

Cabe também ao professor buscar conhecimentos que possam lhe ajudar em sala de aula, exigindo principalmente que o poder público, através da Secretaria responsável, possa lhe oferecer condições para ensinar aquela criança que tem deficiência auditiva.

Evidenciou-se através desta experiência, que a política educacional voltada para a criança surda no Município ainda é fragilizada, embora existam pessoas comprometidas, e que realmente lutam pela melhoria do ensino das crianças surdas, é preciso mais apoio das instituições que são responsáveis pela educação.

Um dos pontos cruciais para as professoras é a falta do intérprete de LIBRAS, que não se faz presente durante os momentos de aula com a turma. Apesar do esforço, fica uma grande lacuna, porque surgem dificuldades para ensinar a criança surda. A falta de domínio da linguagem em LIBRAS pode refletir na maneira como a criança surda aprende, pois esse é seu meio de comunicação mais importante.

Os aspectos relacionados às dificuldades encontradas pelo professor são descritas da seguinte forma pelas duas professoras entrevistadas:

A Professora (A) descreve: *“Sim, são inúmeras dificuldades, haja vista que foi meu primeiro ano de trabalho e a auxiliar também não estava preparada, e sem*

graduação”. A Professora (B) relata que: *“Não tenho dificuldade em trabalhar com aluno surdo, mas enfrento dificuldades quanto ao material didático”*.

De certa forma, algum tipo de dificuldade sempre é apresentado pelas professoras. A primeira associada à questão de formação e de capacitação para trabalhar com a criança surda, que é um dos fatores mais importantes para poder ensinar esse alunado. E, a segunda professora aborda a falta de material didático que também é considerada como uma dificuldade encontrada para trabalhar de maneira mais eficaz com os estudantes, pois como a criança surda aprende através de sinais e através de imagens, na qual ela forma seus signos para aprender, a escola em questão não atenta para o lado pedagógico.

De acordo com Fernandes (2011), a concretização de uma metodologia educacional com abordagem bilíngue para surdos necessita abranger uma variedade de situações e conjunturas, compatível com a realidade de cada Município, assim como possuir professores habilitados. Assim, observamos a importância de os professores buscarem fazer cursos, conhecer novas metodologias e realmente propiciar, através do método bilíngue, uma boa escolarização dos seus alunos, sendo eles surdos ou não.

Para tanto, quanto aos recursos e estratégias utilizados pelas professoras para trabalharem com o estudante surdo, foram descritos os seguintes materiais e formas: A Professora (A) destacou: *“O alfabeto, os numerais, algumas atividades em LIBRAS”*. Já a Professora (B) diz que: *“Utilizo a Língua Brasileira de Sinais, com o auxílio do dicionário do autor Fernando Capovilla, utilizando os sinais dos mesmos e aplicando nas minhas estratégias de sala de aula”*.

Percebemos um esforço da professora (A) em construir um material específico para a criança surda acompanhar as crianças ouvintes. Dessa forma a diferença pode ser menos aparente, mas é importante frisar que não é o suficiente para que a criança surda aprenda.

Destacamos que as crianças surdas não são caracterizada por sua deficiência auditiva somente, mas, sobretudo, por sua língua materna (a LIBRAS) que faz parte de sua cultura. A consideração a essa diferença é importante para a cidadania e para a educação de qualidade correspondente às suas expectativas, que também é um direito reconhecido pela Unesco. (CAPOVILLA, 2010).

A saber, professora (B) vai além da sua prática pedagógica, porque utiliza o dicionário de um dos maiores estudiosos na área de educação de surdo no Brasil.

Apesar das descrições das professoras, evidenciamos uma falta de compromisso com o ensino voltado para a realidade da criança surda.

Buscamos relatar algumas experiências vivenciadas junto à criança surda, considerada relevante para compressão de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, tendo como base o Ensino de Ciências, quando a Professora (A) fez a seguinte descrição: *“A minha primeira experiência foi esse ano, mas não será difícil trabalhar com a criança surda, desde que o professor esteja preparado e interessado”*.

A experiência da Professora (B) foi: *“Ao trabalhar as Ciências com crianças surdas na Educação Infantil, ensina-se primeiramente a LIBRAS por ser a primeira língua da pessoa surda. Na experiência vivenciada, por exemplo, com o tema “Corpo Humano”, estuda os sinais do corpo humano em LIBRAS, ao fazer a exploração do conteúdo, ao aluno surdo já conhece tais sinais ficando fácil de compreender, pois é o trabalho no primeiro momento que vem ser a segunda língua da pessoa surda”*.

A professora A não relatou nenhuma experiência; enquanto a professora (B) demonstrou a preocupação para ensinar a criança surda em sua língua materna, a LIBRAS. Desse modo, podemos destacar a experiência de Silva e Nicot (2009, p. 118), que consideram que a criança pode construir conceitos instintivos e “mediante o enfrentamento da criança com as coisas, com os objetos e com a linguagem, enquanto que os conceitos científicos são desenvolvidos mediante ações esquemáticas produzidas através de ações concretas e de pensamento abstrato”.

Com relação ao componente curricular de Ciências, as professoras entrevistadas julgam alguns conteúdos difíceis de serem ministrados. Como destaca a Professora (A): *“Os vegetais e os fenômenos da natureza, porque se pensa que não são tão importantes, quanto português e matemática”*. Diferente da opinião da Professora (B): *“Não tem conteúdo difícil, tudo irá depender da metodologia que o professor irá utilizar durante a aula”*.

Há uma divergência de opiniões, a primeira (A), marcada pela falta de experiência para educar crianças surdas, com conseqüente falta de capacitação. A partir do exposto, notamos que o Ensino das Ciências com a criança surda se configura por algumas problemáticas onde a LIBRAS não recebe atenção especial como primeira língua da criança surda. Dessa forma, o Ensino das Ciências passa na maioria dos casos como um ensino despercebido, sem que a criança surda

possa compreender a realidade por esta visão do conhecimento. “Para isso é necessária uma língua que seja comunicável e compreendida por elas. [...] é pelo olhar que ela entende o mundo”, (MODA, BARBOSA e SOUZA, 2015, p. 06).

A caracterização de como é a participação da criança surda no Atendimento Educacional Especializado, a Professora (A) destacou que acontece da seguinte forma: *“Com o horário de 7h às 9h, as vezes vem com indisposição, pois segundo os pais dormem tarde, mas depois que começa torna-se extrovertido na sala”*. A Professora (B) destacou que a participação da criança surda: *“É bem atuante, eles participam bastante, não faltam e gostam de interagir na hora da aprendizagem”*.

A professora (A) não caracterizou de forma clara a participação da criança surda, mas a interação foi uma das características apresentadas pelas professoras, no sentido de demonstrar que há um esforço tanto para ensinar, quanto para aprender.

Quanto às dificuldades da criança surda no Atendimento Educacional Especializado, a Professora (A) enumerou que são: *“Compreender sinais abstratos: saudade, tristeza, gostar...”*. Para a Professora (B) as dificuldades estão relacionadas sobre: *“A barreira linguística, o professor tem que ter estratégias didáticas que contemplem o aspecto visual, a contextualização dos conteúdos é fundamental para o aprendizado do aluno surdo”*.

É necessário que além de ser educador, precisa haver um elo de confiança com a criança surda que a faça entender que aprender é importante para sua vida e não passar insegurança. A capacidade de aprender difere pela fala, mas a língua materna pode substituir essa comunicação. As dificuldades sempre existirão, mas o professor enquanto mediador, uma vez capacitado para a função, pode estreitá-las.

A ação de ensinar a LIBRAS para a criança surda é ao mesmo tempo, promover o seu desenvolvimento intelectual. Podemos aprender em alto grau sobre o que pensam, a partir das falas gestuais das crianças surdas, que não possuem o principal meio para a concepção de pseudoconceitos como a criança ouvinte, que é a fala. Vygotsky (1989, p.65) faz a seguinte abordagem sobre esse pensamento:

Privados da comunicação verbal com os adultos e livres para determinar quais objetos devem ser agrupados sob um mesmo nome, formam livremente os seus complexos, e as características especiais do pensamento por complexos aparecem em sua forma pura e com contornos nítidos.

Percebemos que as palavras cumprem um lugar distinto, mas imprescindível durante as fases de ensinar e de aprender, formando conceitos e, dessa forma, o pensamento por conceitos concretos e não mais somente abstratos, é analisado um estágio do pensamento pré-verbal.

Partindo desse princípio, buscamos compreender quanto ao tipo de conteúdo que as professoras sentem mais dificuldades para transmitir, no qual a Professora (A) frisou: *“Os sinais abstratos”*. E para a Professora (B) salientou que: *“Acredito que não há dificuldade, pois me preparo bastante para que o aluno tenha um bom entendimento do conteúdo a ser explorado”*.

Para esclarecer melhor, destacamos que os sinais abstratos são tudo aquilo que não conseguimos ver, ou seja, é tudo que não vemos, mas os sentimos internamente. Por isso, a professora (A) frisa essa dificuldade, mas não aponta nenhuma solução para o problema. Por outro lado, a professora (B) já possui outra visão sobre a pergunta, colocando a disposição e a confiança em seu desempenho, apresentando disposição para inovar e melhorar sua metodologia sempre que for necessário.

Para concretizar o Atendimento Educacional Especializado – AEE de LIBRAS é imprescindível que o professor estude e pesquise os termos que balizam os conceitos técnico-científicos da área do conhecimento, neste caso propusemos o Ensino de Ciências, visando expandir o vocabulário da criança surda ainda na infância. (DAMÁZIO, 2007).

Sobre o Ensino de Ciências, a forma como as professoras ensinam os principais conceitos desta área de conhecimento para a criança surda acontece da seguinte maneira: A Professora (A) diz que: *“Passeio na escola, mandando a criança jogar o lixo no lixeiro, mostrando imagens acrescidas”*. No entanto, a Professora (B) coloca que: *“Geralmente para que o aluno tenha o melhor entendimento sobre um determinado conceito, é necessário que se tenha o concreto para mostrá-lo, pois assim eles compreenderão melhor”*.

A disposição para ensinar através da LIBRAS é fundamental para trabalhar os vários contextos científicos, além de ampliar referencial teórico que permita a aprendizagem de termos científicos, auxilia na aprendizagem de conceitos concretos em sala de aula e ampliação das competências linguísticas da criança surda. (DAMÁZIO, 2007).

As professoras relataram experiências vivenciadas junto aos alunos surdos, que consideram relevantes para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de criança surda na Educação Infantil, tendo como base o ensino de Ciências. Ficando assim destacado através da fala das professoras e imagem abaixo exposta.

Professora (A): *“Depois que ensinei o sinal de sujo, a criança buscou algo assim para sinalizar, ou quando tem bolinhas de papel, ou quando outros resíduos de material didático estão em suas mãos, pede para ir jogar no lixo, para aproveitar e passar na cozinha”.*

A Professora (B) diz que: *“O aluno surdo precisa de aulas vivenciadas para que ele tenha um bom entendimento do conteúdo explorado. Tenho como experiência uma aula que ministrei sobre sistema solar; nela usei uma maquete e utilizei um vídeo sobre o tema. Foi muito boa à aula, pois os alunos tiveram um entendimento relevante expressando suas ideias”.*

Do ponto de vista do Atendimento Educacional Especializado – AEE, quanto mais fizer parte do cotidiano da criança surda e desenvolvido de forma natural na escola comum, mais ele será visto como uma forma de inclusão.

A escola tem a função de contribuir para a transformação da sociedade, oferecendo um ensino crítico e capaz de fazer com que o estudante opine e atue de forma correta na sociedade. Nisso, está situada o valor da inclusão educacional da criança surda, pois vivenciar e conviver com as diferenças na esfera escolar permite envolvimento de todos, fortalecendo o direito de uma educação de qualidade.

IMAGEM 03: Crianças durante atividades.

Fonte: AMOËDO, Francisca Keila, 2016.

Neste sentido, é importante que o professor estimule as crianças a aprenderem aos poucos os sinais mais comuns utilizados em sala de aula, visando realmente o desenvolvimento da LIBRAS para as crianças. Em linhas gerais, este estímulo vem contribuir e significa um importante instrumento na aprendizagem de todas as crianças com ou sem surdez, pois pudemos comprovar isso na prática, por meio de nossas investidas no contexto deste Centro Infantil.

3.2 O ENSINO DAS CIÊNCIAS PARA ESTUDANTE SURDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA PÚBLICA EM PARINTINS

O Atendimento Educacional Especializado – AEE envolve atividades exercidas através de um conjunto de recursos pedagógicos e de acessibilidade. É um formato complementar atribuído para estudantes com algum tipo de deficiência, matriculados no ensino regular. As atividades estabelecidas ficam respaldadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola. No caso das escolas pesquisadas, o atendimento é feito individualmente em horário diferente aos das atividades escolares.

Através da entrevista com perguntas pré-estabelecidas, procuramos identificar: as características do Professor de Atendimento Educacional Especializado – AEE; o que é o Atendimento Educacional Especializado (AEE);

como o AEE contribui para o ensino-aprendizagem da criança surda; a participação nas práticas em sala de aula com a criança surda, referente ao Ensino de Ciências; a relação dos problemas atuais do componente curricular de Ensino de Ciências no AEE; qual era o principal recurso utilizado no AEE.

Em relação à criança surda buscou-se saber se eram utilizados suportes, recursos ou materiais didáticos específicos ou adaptados para os alunos surdos; como era a participação da criança surda no AEE; quais as dificuldades da criança surda no AEE; qual o conteúdo que tem mais dificuldade para transmitir para a criança surda; qual a maneira de se ensinar os principais conceitos das Ciências para a criança surda e ainda o relato sobre experiência vivenciada junto aos estudantes surdos, considerado relevante para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas, baseado no Ensino das Ciências.

Através de políticas e leis, as escolas regulares têm recebido com mais frequência, pessoas com necessidades educacionais especiais, pois o entendimento é de que a escola é um espaço de construção de conhecimento e democrático. É irrefutável o valor da função da escola no desenvolvimento do indivíduo.

Contudo, o que garante o Atendimento Educacional Especializado é a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, que envolve crianças com necessidades especiais (física, visual, intelectual e surdez), transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, e este é desenvolvido preferencialmente na escola regular. (ALVES; FERREIRA e DAMÁZIO, 2010).

A professora de Atendimento Educacional Especializado – AEE - atende crianças no contra turno, com o intuito de ajudar no processo de aprendizagem da criança surda. As duas escolas pesquisadas possuem o AEE, que desempenham a função de maneira diária, considerada uma função importante e fundamental para orientação das dúvidas dos estudantes.

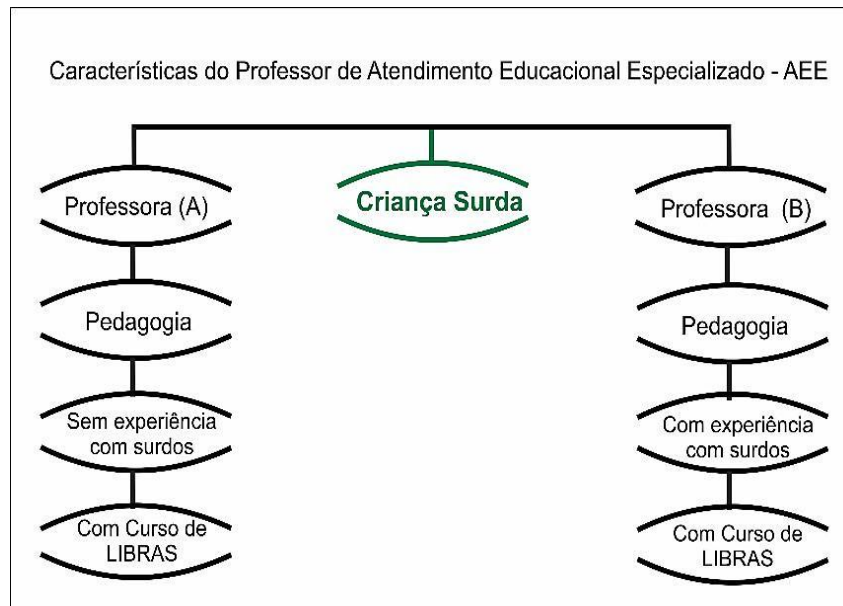


FIGURA 02: Características do professor de AEE.
Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

A formação acadêmica das professoras de Atendimento Educacional Especializado – AEE - é em Licenciatura em Pedagogia, que é importante para a execução de um bom trabalho, pois para exercer a função, a formação em nível superior é fundamental, principalmente por ser uma obrigatoriedade o componente curricular de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS no período de formação.

Quanto à experiência, somente a professora (B) nunca havia trabalhado com crianças surdas em escolas anteriores, no entanto, esse não é um fator negativo, pois a sua experiência no educandário é de quatorze anos; durante esse período muitas crianças já passam pelo atendimento, muitas dessas tendo alcançado o Ensino Médio Completo e até mesmo o Nível Superior.

A Professora (A) destaca o seguinte: “A formação se deu nos cursos de LIBRAS e estudando o AEE”. A Professora (B) fez a seguinte afirmação: “Cursei pós-graduação em Educação Inclusiva e LIBRAS, fiz cursos em LIBRAS e estagiei em turmas de surdos com professores experientes na área”.

Para desempenhar a função de educador em Atendimento na Educação Especial, o professor deve ter como embasamento na sua formação, noções gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área, pois o professor de AEE não atende somente crianças surdas.

Quanto à noção do que as professoras entendiam sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE), a Professora (A) destacou: “É o atendimento ofertado no contra turno para as crianças que são diagnosticadas com alguma

deficiência; tem como objetivo o suplemento ou complemento dessas crianças, portanto não é reforço escolar”.

Para a Professora (B): *“São atividades desenvolvidas no contra turno, visando identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que facilitem o desenvolvimento do aluno, eliminando as barreiras para a plena participação de todos”.*

A presença do AEE é importante para criança surda, na medida em que busca contribuir para a aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala de aula que não foram bem compreendidos. É um direito previsto em lei e que deve ser desenvolvido prioritariamente na mesma escola em turno inverso. Na LDBEN (art. 58 e seguintes), “o atendimento educacional especializado será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas escolas comuns do ensino regular” (art. 59, § 2º).

Em linhas gerais, o AEE é um serviço da Educação Especial que, além de identificar também prepara recursos pedagógicos para atender a dificuldade do aluno. Esse apoio é no sentido de formar o aluno para viver de forma independente fora do ambiente escolar, sendo capaz de desenvolver as mesmas habilidades que uma pessoa ouvinte.

Quanto à contribuição do AEE para o ensino-aprendizagem da criança surda a descrição é feita da seguinte forma pela Professora (A): *“Principalmente através do ensino de LIBRAS – língua materna do surdo – pois é através deste que a criança poderá compreender melhor o Português”.* Para a Professora (B): *“Ele desenvolve competência gramatical bem como textual para que sejam capazes de gerar sequências linguísticas bem formadas. Também oferece ao aluno surdo segurança e motivação para aprender, sendo de extrema importância para a inclusão do aluno na classe comum”.*

Ensinar crianças surdas nos faz lembrar assuntos alusivos aos seus limites, assim como os preconceitos vividos através de costumes e pensamentos atrasados da sociedade para com esses sujeitos. A criança com surdez se depara com dificuldades para fazer parte da educação escolar, não só por não conseguir aprender através da Língua Portuguesa, mas também, porque é, principalmente, através da sua língua materna, que é a LIBRAS, ainda raramente dominada pelos professores atuais e mal planejada no currículo educacional, que tem melhor

possibilidade de assimilar conhecimento. A criança surda precisa de estímulos relacionados à sua potencialidade cognitiva, sócio afetiva, linguística e político-cultural, uma vez não entendendo esses valores, pode ocorrer perdas no desenvolvimento da aprendizagem.

Aspectos relacionados à participação das professoras nas práticas em sala de aula com a criança surda, referente ao Ensino de Ciências, para que haja uma melhor interação entre o conteúdo do currículo escolar e o Atendimento Educacional Especializado, temos o relato das professoras.

A Professora (A) disse que: *“Sim. Somente na perspectiva interdisciplinar, onde o tema central era a Língua Portuguesa”*. E a Professora (B) também destacou que: *“Sim. Através do estudo do Sistema Solar (concreto), as partes das plantas, o trânsito”*.

A presença das professoras de AEE em sala de aula se dá em função da necessidade que a criança apresenta, dessa forma, elas encontram na integração de alguns temas uma metodologia que possa iniciar na sala de aula comum, para depois continuar no atendimento do contra turno.

São relacionados problemas atuais do componente curricular de Ensino de Ciências no Atendimento Educacional Especializado de acordo com a Professora (A) por meio de temas como: *“Queimadas; meio ambiente; poluição, lixo”*. E para a Professora (B) através de uma visão onde: *“É necessária uma mudança pedagógica no trabalho com os surdos, o ideal é que seja organizado o conteúdo partindo de uma perspectiva visual/espacial”*.

Quanto mais próximo da realidade da criança surda, melhor os assuntos podem ser compreendidos por ela. Através de imagens a criança recebe a informação e passa a ver de forma concreta e não somente no pensamento.

O atendimento compõe um dos períodos didático-pedagógicos para a criança surda incluída ou não na escola comum, ocorrendo todos os dias, em horário oposto ao da aula comum. Para Damázio (2007, p. 26) a didática do professor de Atendimento Educacional Especializado –AEE é feito com vários métodos:

A organização didática desse espaço de ensino implica o uso de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado dos conteúdos curriculares em estudo, na sala de aula comum. Os materiais e os recursos para esse fim precisam estar presentes na sala de Atendimento Educacional Especializado, quais sejam: mural de avisos e notícias, biblioteca da sala, painéis de gravuras e fotos sobre temas de aula, roteiro de planejamento, fichas de atividades e outros.

No atendimento Educacional Especializado é importante que os recursos sejam diferentes de acordo com a necessidade da criança, seja ela surda ou não. E um dos principais recursos utilizados no AEE, voltado para a criança surda é, de acordo com a Professora (A), realizado por meio de: “*Jogos de cartas com imagens e jogos*”. Para a Professora (B) esses recursos são: “*O material concreto visual e as atividades em LIBRAS*”.

É de fundamental importância a presença da LIBRAS, seja no diálogo com a criança ou através dos materiais pedagógicos; pois esta aprende muito com aquilo que pode ver e decodificar, saindo de um ambiente abstrato, sem significados, para um mundo de cores, figuras, imagens, movimento, que são percebidos e aprendidos pela criança surda.

Para Strobel (2006, p. 252) a linguagem de sinais é a forma de incluir as crianças no ambiente escolar:

É importante ressaltar que, o ideal sobre a inclusão nas escolas de ouvintes, é que as mesmas se preparem para dar aos alunos surdos os conteúdos pela língua de sinais, através de recursos visuais, tais como figuras, língua portuguesa escrita e leitura, a fim de desenvolver nos alunos memória visual e o hábito de leitura; que recebam o apoio de professor especialista conhecedor de sinais, para o maior acompanhamento das salas. Outra possibilidade é contar com a ajuda de professores, instrutores e monitores surdos, que auxiliem o professor e trabalhem com a língua de sinais nas escolas.

A linguagem de sinais é tão importante para a comunicação com o surdo, quanto para uma criança ouvinte brasileira a Língua Portuguesa é fundamental no seu dia a dia. Segundo Dorziat (1998), o aprimoramento da escola comum em benefício de todos os estudantes é importante.

Os professores precisam reconhecer e empregar a Língua de Sinais, contudo, deve-se analisar que o uso dessa língua não é satisfatório para educar a criança surda.

A escola comum necessita realizar atividades que apresentem significado para os estudantes ouvintes e que possa também ser compartilhado com os estudantes com surdez. Do mesmo modo, a criança surda carece de espaços educacionais atrativos do ponto de vista pedagógico, que estimulem o seu pensamento crítico, e também agucem o desenvolvimento positivo de todas as suas habilidades.

Para se concretizar o Atendimento Educacional Especializado – AEE de LIBRAS é imprescindível que o professor estude e pesquise os termos que balizam

os conceitos técnico-científicos da área do conhecimento, neste caso propusemos o Ensino das Ciências. Visando expandir o vocabulário da criança surda ainda na infância. (DAMÁZIO, 2007).

Sobre o Ensino das Ciências, o modo como às professoras ensinam os principais conceitos sobre as Ciências para a criança surda, é relatado da seguinte maneira:

Professora (A): *“Passeio na escola, mandando a criança jogar o lixo no lixeiro, mostrando imagens acrescidas”*. Já a Professora (B): *“Geralmente para que o aluno tenha o melhor entendimento sobre um determinado conceito, é necessário que se tenha o concreto para mostrá-lo, pois assim eles compreenderão melhor”*.

A disposição para ensinar através da LIBRAS é fundamental para trabalhar os vários contextos científicos, além de ampliar referencial teórico que permita a aprendizagem de termos científicos, auxilia na aprendizagem de conceitos concretos em sala de aula e ampliação das competências linguísticas da criança surda (DAMÁZIO, 2007).

Desse modo, as professoras relataram suas experiências vivenciadas junto aos estudantes surdos, que consideram relevantes para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de criança surda na Educação Infantil, tendo como base o Ensino de Ciências. Ficando assim destacado.

Com isso, do ponto de vista do Atendimento Educacional Especializado – AEE, quanto mais fizer parte do cotidiano da criança surda e desenvolvido de forma natural na escola comum, mais ela será vista como uma forma de inclusão.

3.3 APRENDIZAGEM, DIFICULDADE E PROGRESSO DO ESTUDANTE SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta fase, apresentamos a compreensão referente às dificuldades e o progresso do estudante surdo na Educação Infantil, fazendo uma reflexão diante de sua participação dentro da escola, suas ações e a aprendizagem inerente desse convívio no âmbito pedagógico, cujo processo educacional infantil das crianças surdas assim como o dos ouvintes acontece a partir dessas relações adquiridas o dentro e fora do âmbito escolar.

IMAGEM 04: Crianças realizando atividade externa na escola regular.



Fonte: AMOÉDO, Francisca Keila, 2016.

Estas relações desempenham um papel determinante no desenvolvimento da aprendizagem da criança com surdez, pois é nesse processo que as dificuldades passam a ser superadas e o progresso da criança começa a aparecer, ou não, dependendo do estímulo que lhes é oferecido no início da vida escolar caracterizada na Educação Infantil, que é no momento que passam a conviver em um ambiente diferente do familiar.

Neste processo de aprendizagem e de progresso é necessário que as crianças surdas possam ser oportunizadas ao uso de sua língua materna, a LIBRAS, para que assim tenham o mesmo acesso linguístico que as crianças ouvintes têm com a língua materna deles, desse modo possam também participar das atividades desenvolvidas como: brincadeiras que mostram a socialização das crianças umas com as outras, as expressões que através de gestos tentam comunicar-se crianças surdas e ouvintes, atividades didático pedagógicas realizadas dentro da sala de aula, através atividades orientadas pela professor, fazendo com que alguns paradigmas relacionados à Educação Infantil sejam quebrados como estigmas que a Educação Infantil tem apenas a função para cuidar das crianças e não de escolarizá-la.

É incontestável que o processo de aprendizagem é diferente nas diversas etapas da vida dos seres humanos, devido às crianças terem suas particularidades próprias, por isso, Vargas, (2011, p. 01) fala que:

Toda a criança surda ou ouvinte, em desenvolvimento tem plena capacidade para aprender e evoluir, o que pode diferenciar são os meios, as possibilidades para essa aprendizagem, mas o processo tem que ser estimulado, independente da necessidade.

Entende-se que, neste caso, a criança tendo uma deficiência ou não pode ter um desenvolvimento global ativo, pois ela tem capacidade e aptidões como todas as crianças têm. Todavia, a criança com deficiência precisa ser mais estimulada para que a partir desses estímulos que ela recebe, a mesma possa apresentar suas habilidades aprendidas.

IMAGEM 05: Crianças realizando atividade na escola regular.



Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

Em entrevista semi-estruturada com as professoras acerca da aprendizagem e as dificuldades no progresso do estudante surdo, as mesmas demonstraram certas dúvidas ou incertezas acerca desse processo, mas admitem que a LIBRAS é importante na aprendizagem e no progresso educacional e social das crianças surdas. Nesse sentido, é que as professoras responderam que acreditavam na capacidade de aprender da criança surda, descrevendo da seguinte forma:

A Professora (A): *“Sim. Cada ser é capaz de aprender”.*

A Professora (B): *“Acredito. Pois, o aluno surdo aprende na medida em que lhe foi ensinado, com esforço e dedicação constrói a aprendizagem satisfatória com o aluno surdo”.*

A linguagem de sinais ainda é a maneira mais importante para ensinar uma criança surda, pois quanto mais tardio for o contato com a LIBRAS, maiores são as chances de dificuldades do desenvolvimento cognitivo dela. Por isso é preciso que a língua gestual seja tomada como primeira língua em sala de aula para este estudante, fato que ainda não ocorre em nenhuma das escolas pesquisadas.

Quanto ao cenário de dificuldades apresentadas pelo estudante surdo na sala de aula, as professoras destacam da seguinte forma:

A Professora (A) relata: *“A dificuldade é quando as crianças não estão preparadas para interagir com a mesma”*.

E a Professora (B) informa: *“Uma das maiores dificuldades encontradas ainda está na escrita da Língua Portuguesa”*.

Percebe-se que a falta de interação citada pela professora (A) é originada, não só pela falta do domínio da LIBRAS, mas também pela não utilização desta como primeira língua. A criança surda não tendo domínio da linguagem de sinais, não tem como se comunicar com as outras crianças, ocorrendo, muitas vezes a criança ouvinte buscando desenvolver uma forma de comunicação através de gestos soltos para se entenderem, pois também estas não têm contato com a LIBRAS.

A professora (B) também apresenta a mesma dificuldade. Se a criança surda não aprendeu sua linguagem materna, não há como aprender a Língua Portuguesa, pois estas possuem terminologias diferentes. Deve-se entender que para a criança surda aprender, modo eminente é o visual, porque a sua língua natural é a visual e espacial. Na realidade o que predomina é que a criança surda tem que aprender a se comunicar com a sociedade através de uma língua oral auditiva diferente de sua condição fisiológica.

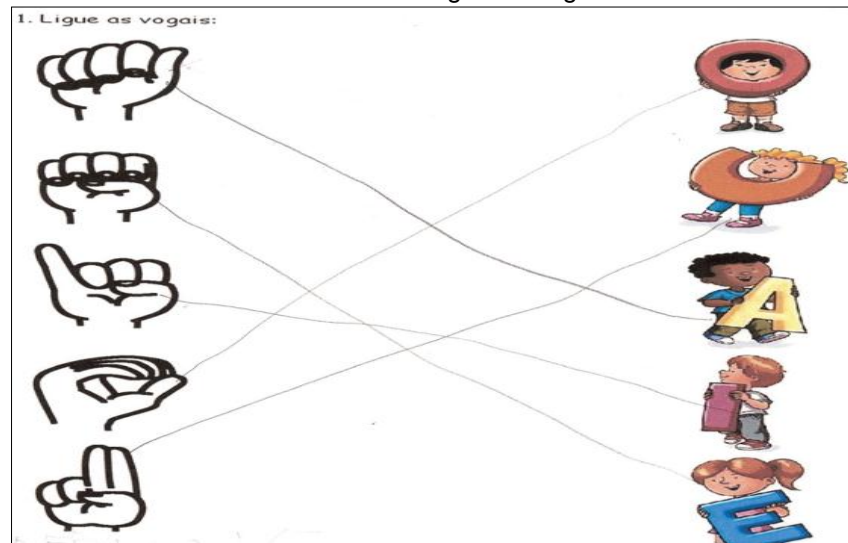
Mesmo diante das dificuldades, as professoras destacam aspectos de progressos alcançados pela criança surda, vejamos como isto ocorre para a Professora (A): *“A criança surda tem o acompanhamento da família e do professor de LIBRAS em outro horário. E a mesma tem muita vontade em aprender, mas quando a atividade não chama a sua atenção, nem se interessa”*.

Verificamos que a professora esquiva-se do objetivo da pergunta, destacando pontos negativos da criança, quando esta poderia destacar alguma qualidade alcançada através de suas metodologias em sala de aula. Não tem como a criança surda se interessar por atividades que só atendem à necessidade de crianças

ouvintes, posto que aquela precisa ser estimulada através de sua linguagem materna, nesse caso a LIBRAS, tendo como apoio materiais didáticos que possam contribuir para seu aprendizado.

Para a Professora (B) esses progressos da criança surda se configuram assim: “*O progresso alcançado é a sua aprovação para a série seguinte no final de cada ano*”. Essa é uma afirmativa de certo modo tecnicista. A criança surda pode passar para uma série seguinte sem ter aprendido muitos assuntos importantes para seu dia a dia, esse fator não demonstra o grau de aprendizagem, como por exemplo: se esta criança aprendeu a escrever seu nome, ou a se comunicar através de sua linguagem materna.

IMAGEM 06: Atividade em LIBRAS e em Língua Portuguesa realizada em sala de aula.



Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

Busca-se através da imagem apresentada mostrar uma das maneiras que se pode trabalhar com as duas línguas de forma conjunta, pois é crucial que se trabalhe com as duas línguas para que o estudante consiga assimilar esses significados.

O direito do surdo de aprender a LIBRAS é garantido por lei, o qual, em grande parte, é violado por um modelo de ensino que não alcançou ainda os resultados satisfatórios de cidadãos inclusos na sociedade. De acordo com Bueno (1998, p. 45) a cidadania só será possível:

Somente no momento em que nos debruçarmos sobre o fenômeno social da deficiência auditiva, levando em consideração as restrições efetivamente impostas por uma condição intrinsecamente adversa (a surdez), aliada às condições sociais das minorias culturais, determinadas por diferenças de classe, raça e gênero, estaremos avançando no sentido de contribuir efetivamente para o acesso à cidadania.

Assim, entendemos que o processo de ensino e aprendizagem de estudantes surdos na Educação Infantil atualmente vem sendo rompida por meio de conversas, debates, de reuniões e de trocas de experiências entre familiares e até consultando surdos adultos. Deste modo, em muitos casos, espera-se que a aceitação do outro e das suas diferenças como uma singularidade humana é uma necessidade que pode estar sendo apresentada pelas famílias e na própria sociedade e não pela pessoa surda.

IMAGEM 07: Criança em atividade sobre LIBRAS e Língua Portuguesa.



Fonte: AMOÊDO, Francisca Keila, 2016.

Do exposto, vê-se a necessidade de propor ações que atendam às especificidades da criança com surdez, ao invés de a escola continuar tentando realizar atividades mecânicas, treinos auditivos e leitura-labial, tudo isso visando a “reprodução da fala”, deveria capacitar os profissionais da educação escolar na utilização de LIBRAS. Na escola, os surdos não aprendem a sua língua natural, a língua de sinais (LS), pois lhe é proibida, uma vez que a língua da maioria ouvinte é a única língua permitida e imposta ao surdo. Por isso é importante lembrar que:

O pensamento se atualiza através da fala: “Na evolução humana, a fala pode servir ao pensamento e o pensamento pode ser revelado na fala”. Para os psicólogos cognitivistas, entre os quais Vygotsky, “o uso interno da linguagem não precisa necessariamente se refletir nos movimentos articulatórios do aparelho vocal”. (VYGOTSKY; SLOBIN, 1980, p.203-204).

Para tanto, apenas as funções psicológicas elementares se caracterizam como reflexos. Os processos psicológicos mais complexos, ou funções psicológicas superiores, são as que diferenciam os humanos dos outros animais, que só se formam e se desenvolvem pelo aprendizado. Entre as funções complexas se encontram a consciência e o discernimento. “Uma criança nasce com as condições biológicas de falar, mas só desenvolverá a fala se aprender com os mais velhos da comunidade” (VYGOTSKY, 1962, p. 205). Logo, como a criança com surdez irá desenvolver este aprendizado, se a sua comunicação é visual gestual e não oral auditiva? Ainda em suas colocações comenta que:

A possibilidade de falar parte da intenção de contato social, que tem início nos primeiros meses da criança. Através da fala egocêntrica, dá-se a transição entre fala em voz alta e pensamento silencioso. Este tem a função

de orientação mental da criança; vivenciando as dificuldades, a fala finalmente se interioriza, transformando-se em pensamento verbal. (VYGOTSKY, 1962, p. 205).

É nessa transformação que se pretende chegar, pois no cotidiano escolar, os estudantes não conseguem aprender, porque a privação linguística do surdo se torna uma barreira para os professores, assim, reforçam-se os estereótipos na relação professor-estudante, então surgem os julgamentos condenados como: “esta criança é agressiva”, ou “deve estar com problemas no convívio familiar”, ou “ela tem baixa autoestima”, entre outros. Na situação habitual da escola, os estudantes não conseguem aprender, porque a privação linguística do surdo constitui-se como um fator de dificuldade aos professores que lidam com os estudantes que não são ouvintes.

De acordo com Vygotsky (1962), uma característica essencial do aprendizado é que ele desperta vários processos de desenvolvimento internamente, os quais funcionam apenas quando a criança interage em seu ambiente de convívio.

Esses equívocos que surgem em virtude do desconhecimento do processo de ensino e aprendizagem da pessoa surda acabam proporcionando preconceitos instituídos pela comunidade ouvinte de que os sujeitos surdos apresentam sérios problemas psicológicos, reforçando a frequência destes estudantes aos consultórios de médicos e de terapeutas. Aspectos como estes culminam com o grande fator de resistência à integração social, por causa da visão medicalizada dos professores frente aos problemas da aprendizagem. Contudo esta percepção não existe somente na educação de pessoas surdas, mas também na educação como um todo (SCOZ, 1996).

A exposição da autora mencionada acima tem relação com o pensamento de Skliar (1998, p.18), quando este afirma que “a falha na educação de surdos ocorre devido às imposições dos ouvintes à cerca do que é o sujeito surdo”, de quais serão seus direitos linguísticos e de cidadania, de quais as teorias de aprendizagem que conjecturam as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua proximidade com os estudantes surdos, por fim, quais as construções de participação das comunidades surdas no processo educativo.

Para que possamos superar essas dificuldades oriundas da falta de conhecimento e de comprometimento com a aprendizagem do estudante surdo, devido este sujeito ainda ser visto como uma espécie de colonialismo e hegemonia

dos ouvintes sobre os surdos, reduzindo a escola unicamente a um espaço de ensino-aprendizagem para os ouvintes. Por isso é necessário que os discursos e as ações pedagógicas estejam pautados em minimizar as dificuldades apresentadas no processo de aprendizagem dos estudantes surdos para que o progresso educacional possa atender a todos indistintamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa constatou que a Educação Inclusiva vem atuando com o relevante papel no atendimento às necessidades dos estudantes com deficiência auditiva. Essas ações vêm demonstrando que a sociedade está caminhando gradativamente para alteração do conceito que ainda subjuga a pessoa com surdez como incapaz.

A busca pela efetivação dos direitos do surdo se revela contínua e complexa, uma vez que a dificuldade no acesso à informação ainda é grande e deixa muitos surdos desprovidos de conhecimentos necessários para que tenham seus direitos garantidos.

Fazer análise do ato de ensinar a criança surda permitiu a reflexão sobre a importância da inclusão e de se asseverar a busca incessante de romper com o paradigma etnocêntrico que condiciona a visão do ser humano indiferente aos que são considerados fora do padrão estabelecido socialmente. A ação de ensinar é uma tarefa relevante no desenvolvimento do sujeito, pois é através do conhecimento que é mediado neste processo que o estudante pode se desenvolver para o exercício de sua cidadania.

Deste modo, a escola assume papel relevante na educação da pessoa surda, devendo adotar o compromisso de incluir e de criar métodos que efetivem a Educação Inclusiva, para que assim seja realizada a inclusão de todos os alunos no processo educativo sem discriminação.

A aprendizagem da criança surda na Educação Infantil em Parintins apresenta um significativo avanço em relação às práticas realizadas em anos anteriores na cidade. Com a garantia da inclusão das crianças com surdez no ensino regular, elas tiveram a possibilidade de ingressar na Educação Infantil juntamente com as crianças ouvintes, o que lhes propiciou sua interação, não apenas educativa,

mas também social. Desta forma, aos poucos foram surgindo novos contextos formais de ensino regular para as crianças surdas. No entanto, esse processo educativo ainda ocorre de forma acanhada. Motivo pelo qual se intui que na escola investigada, na modalidade regular, há apenas uma criança matriculada apresentando deficiência auditiva.

É percebido que o Ensino de Ciências, que constitui um dos componentes do currículo da Educação Infantil, exerce função importante no desenvolvimento cognitivo da criança surda e na assimilação dos conceitos por esta, assim como no seu processo de socialização. Assim, como é através do ensino das ciências que as crianças surdas e as ouvintes podem desenvolver melhor seu cognitivo. No entanto, faz-se necessário que se desenvolvam práticas que envolvam ambas as crianças e lhes possibilitem a construção de outro olhar sobre o conhecimento.

Durante a pesquisa, uma das constatações obtidas foi quanto à dificuldade de comunicação da pessoa com surdez no contexto escolar, revelando que a linguagem é um dos entraves com o qual o estudante surdo se depara quando adentra o ensino regular.

Na escola de Educação Especial foi percebido que há todo um aparato que possibilita a socialização educativa do surdo, no entanto o restringe socialmente a seu grupo. Já na escola de ensino regular percebeu-se a predominância do ouvintismo, impossibilitado inicialmente a comunicação da criança surda.

Mesmo com o professor se esforçando para que haja a inclusão do estudante surdo, existe ainda uma grande dificuldade por parte do mesmo em praticar o bilinguismo, o que inibe a aprendizagem da criança surda. Reflexo este de uma formação inadequada, baseada ainda em pressupostos que visualizam o surdo como incapacitado.

Para modificar tal realidade os professores devem adquirir uma atitude inovadora, na busca pelo conhecimento constante, fazer-se professor pesquisador, para que haja possibilidade de o mesmo desenvolver sua prática de forma crítica. Deve, assim, obter em sua formação, subsídios básicos que o permita criar/incorporar metodologias diferenciadas, em que possa haver uma conexão entre a teoria e a realidade do estudante. Neste caso, não apenas limitado às práticas realizadas com estudante ouvinte, mas também que esteja aberto para aprender com o estudante surdo e realizar trabalhos que o incluam de forma justa e igualitária

como lhe é assegurado na Constituição Federativa do país e demais legislações que lhes dão seus direitos.

Por esta pesquisa ficou constatado, também, a importância que o bilinguismo tem no processo de aprendizagem da criança surda. Este se constitui como um instrumento primordial para a integração do estudante surdo no âmbito escolar com os demais estudantes, pois a ausência de uma língua comum para uso entre os estudantes impede a interação e a comunicação, interferindo de forma negativa no desenvolvimento cognitivo do estudante com surdez.

A perspectiva do bilinguismo no contexto escolar permite vislumbrar um novo olhar sobre a educação da pessoa com surdez. Isto é relevante, porque a Língua Brasileira de Sinais é promovida à língua primeira dos surdos, enquanto a Língua Portuguesa como a segunda língua, na tentativa de possibilitar a integração dos mesmos na sociedade. Esta tomada de atitude supera a visão preconceituosa que estigmatizou o surdo historicamente. Como ferramenta primordial, o bilinguismo possibilita se naturalizar no processo educativo formal das crianças nas escolas de Educação Infantil, na luta para concretização de uma educação capaz de ser emancipadora e mais humana para a criança surda.

Por outro lado o currículo como instrumento social, também necessita contribuir no processo de inclusão da pessoa com deficiência auditiva, devendo instituir meios mais acessíveis que englobem as necessidades dos surdos, pois, como foi visto nesta pesquisa, os conteúdos curriculares das escolas pesquisadas são desenvolvidos da mesma forma tanto para criança surda, quanto para a ouvinte, deste modo o ouvintismo é sempre privilegiado, deixando de certa forma a criança surda à margem no processo educativo e social.

Vale lembrar que em aspectos legais, as pessoas com deficiência, de modo geral, conquistaram historicamente significativas vitórias na sociedade. No entanto, os maiores entraves se constituem na aplicação destas leis, que se torna um fator determinante para o desenvolvimento dessas conquistas.

Pode-se distinguir claramente as lacunas do ensino regular em comparação ao ensino especial, quando as professoras investigadas discorrem sobre o processo de execução dos conteúdos curriculares com as crianças surdas. Na escola especial, há uma adaptação dos referidos conteúdos para a criança surda, já no ensino regular não existe essa adaptação, dificultando a aprendizagem desse aprendiz.

Desta forma, as metodologias utilizadas pelas professoras se constituem de suma importância na facilitação ou não para a aquisição dos conteúdos curriculares, principalmente na transposição do abstrato para o concreto, tanto no âmbito educativo, quanto no social. Entretanto, necessita-se repensar como oferecer uma formação que possibilite ao professor efetivar práticas inclusivas que tratem os estudantes sem discriminá-los.

A criança surda investigada na escola de ensino regular é incluída no contexto com os demais estudantes, sendo acompanhada pelo professor de Atendimento Educacional Especializado. Os conteúdos trabalhados em sala de aula, são mediados por meio da LIBRAS pelo referido professor. O mesmo desempenha uma função importantíssima na ausência do domínio bilíngue do professor regente da turma, pois ele atua como a ponte que permite ao estudante surdo ter acesso ao conteúdo escolar. Reconhece-se o fundamental papel do professor de AEE. Todavia, assevera-se novamente a relevância do ensino bilíngue, porque este possibilita benefícios, não somente à criança surda, mas também à ouvinte e a todos que participam deste processo educativo, uma vez que possibilita um novo conhecimento aos estudantes, podendo desenvolver suas potencialidades e trabalhar as diferenças, tendo o respeito como princípio norteador.

Neste processo investigativo percebeu-se que os professores da escola de ensino regular demonstram ainda um tímido conhecimento sobre a Linguagem Brasileira de Sinais, apresentando dificuldades em pô-los em prática. Este fato é reflexo da falta de estrutura e de formação adequada oferecida ao professor que atua com essas crianças surdas.

Por tudo que foi exposto, compreende-se que o processo de inclusão envolve toda uma conjuntura, na qual devem se mobilizar os professores, a comunidade escolar, os familiares entre outros, para que se construa um novo olhar sobre a pessoa com deficiência auditiva, a fim de se ter um processo de desfamiliarização que é imposto como normal. Tudo isso possibilitará enxergar a todos sem discriminação, respeitando a diversidade de formas e modos de ser e de estar no mundo como ser humano.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R. N. B. de. **O processo de aprendizagem das crianças por meio da música e elementos sonoros em espaços educativos.** Manaus: Editora & Gráfica Moderna, 2015.
- ALMEIDA, N. V. F. de, GIL, M. S. C. de A. **Contribuições para a estimulação do desenvolvimento de bebês de risco.** São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- ALVES, C, FERREIRA, J. P, DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Abordagem Bilíngue na Escolarização das Pessoas com Surdez.** Brasília: MEC/SEESP/UFC, 2010.
- ANDRADE, J. **Teoria e prática da educação especial.** Coordenador: Joelise Mascarello de Andrade. – Manaus: UEA Edições, 2007.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: 9. ed.** São Paulo: Atlas, 2009.
- ASTOLFI, J-P, DEVELAY, M. **A didática das ciências.** 16ª edição. São Paulo: Papirus, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Política Pública de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva,** 2008.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação.** Parecer CNE/CP 5, 13.12.2005. Brasília, 2005.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: UNESCO, 1994.
- BRASIL. **Ministério da Educação.** Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.
- BRASIL. **Ministério da Educação.** Secretaria de Educação Especial. Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC/SEESP, 2006.
- BUENO, J. G. Surdez, linguagem e cultura. In: **Cadernos CEDES,** São Paulo, n.46, 1998, p. 101-128.
- CANDAU, V. M. F, MOREIRA, A. F. B. Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação,** Brasil, v. -, n.n.23, p. 156-168, 2003.
- CAPOVILLA, F. C. Novo Deit-LIBRAS. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue.** São Paulo, Edusp, 2010.
- CASELLI, M. C., e VOLTERRA, V. **From communication to language in hearing and deaf children.** Washington, 1994.

CASTRO, R. P. C. de. **Inclusão de Crianças Surdas No Ensino Infantil** da Rede Pública. Fortaleza, 2013. Monografia submetida à aprovação da Coordenação do Curso de Pedagogia do Centro Superior do Ceará, para obtenção do grau de Graduação.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília: MEC/SEESP/UFC, 2007.

DE PAULA, L. S. B. **Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola**. In: Revista Brasileira de Educação especial, vol. 15, nº 3, 2009.

DORZIAT, A. **Democracia na escola: bases para igualdade de condições surdos-ouvintes**. Revista Espaço. Rio de Janeiro: INES. nº 9, p. 24 -29, janeiro-junho, 1998.

FELTRINI, G. M, GAUCHE, R. **Ensino de ciências a estudantes surdos: pressupostos e desafios**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – ENPEC, 6, 2007. Anais. Florianópolis: UFSC, 2007.

FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

FERNANDES, S. Letramento na Educação Bilíngue para Surdos. IN: BERNERIAN, Ana Paula; MASSI Giselle; DE ANGELIS, Cristiane C. MORI (orgs.). **Letramento: referencias em saúde e educação**. São Paulo: Plexus, 2006.

FERNANDES. E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GAIA, M. C.M. SILVA, F. e. **Educação Inclusiva e Ensino de Ciências**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Metodista Izabel Hendrix, 2013.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essas?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JOBIM, SOUZA, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim**. São Paulo: Papyrus, 2012.

IBGE. **Cidade de Parintins**. Disponível em <cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=130340&search=amazonas/Parintins> acessado em 29 de abril de 2017.

KLEIN, A. F. Prática bilíngue na educação infantil-libras e português: Reflexões de uma prática. **Congreso Iberoamericano de idiomas em educação e cultura/ IV Congresso leitura**. Salamanca, Espanha, 5 à 7 de setembro de 2012.

KOZLOWSKI, L. **A educação bilíngue-bicultural do surdo**. São Paulo, Plexus, 1998.

KRASILCHIK, M. **O Professor e o Currículo das Ciências**. São Paulo: EPU. Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

LANE, H. **Olhando para trás: uma leitura sobre a história das comunidades de surdos e suas línguas de sinais**. Hamburg: Signum-Verl 1999. Manaus: Valer, 2011.

LODI, A. C. B. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05**. Educação e Pesquisa, 2013.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

MENDES. Histórico do movimento pela inclusão escolar. In: **Inclusão marco zero: começando pelas creches**. Araraquara, São Paulo: Junqueira&Martins, 2010.

MENDONÇA, R. H, MANTOAN, M. T. E. (orgs.). Escola de Atenção às diferenças. In: **TV Escola/Salto Para O Futuro**. Brasília: Ministério da Educação e Secretaria de Educação a Distância, 2010.

MENEZES, E. T de, SANTOS, T. H. dos. **Declaração de Salamanca: Dicionário Interativo da Educação Brasileira**. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.

MODA, S. C, BARBOSA, I. dos S, SOUZA, J. C. R. de. Educação em Ciências, Tecnologia e Saberes Tradicionais. **A criança surda e as linguagens na construção de conceitos científicos**. In: 5º Simpósio de Educação de Educação em Ciências na Amazônia. Manaus: UEA, 2015.

MONTE, F. R. F. do, SANTOS, I. B. dos **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez/ coordenação geral – reimpressão – Brasília**.

MOURA, M. O. **A preliminar analysis of insects of medico-legal importance in Curitiba**. State of Paraná, 1997.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches Metodologias de investigação com crianças: outros mapas, novos territórios para a infância, 2016.

UBARAC SOBRINHO, R. S. **Vozes Infantis Indígenas: as culturas escolares como elementos de (des) encontros com as culturas das crianças Sateré -Mawé**.

NOZU, Washington; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação Especial e Inclusão Escolar: tensões, desafios e perspectivas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 220p.

OLIVEIRA, G. A. dos S. O Surdo: Meios de Comunicação. In: 9º Simpósio de Ensino de Graduação. Tema: Ambiente e Sustentabilidade. 9ª mostra acadêmica UNIMEP, 2011, São Paulo. **Anais: UNIMEP** São Paulo, 2011. p. 121-132.

OLIVEIRA, L. de F. M. de. **Formação doente na escola inclusiva: diálogo como fio teecedor.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1998.

PERLIN, G. T. T.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos.** Florianópolis: Editora UFSC, 2006.

PIAGET, J. **A epistemologia genética e a pesquisa psicológica.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus, 1994. 302p.

PLANO DE TRABALHO, **Educação Inclusiva, SEMED/PIN, 2005.**

PRINCE, F. M. C. G. **Ensino de Biologia para Surdos: Conquistas e desafios da atualidade.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Ciências Biológicas. São Paulo, 2011.

QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1995.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação.** 2008.

REIS, J. G.; MOURAO, A. R. B. **O surdo e sua inserção no mercado de trabalho na cidade de Manaus. Amazônia (UFAM), 2006.**

RODRIGUES, I. N. RODRIGUES, Liliana. **Educação e Surdez: Superando as Diferenças.** Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus - AM – 01 a 03/05/2013.**

RODRIGUES-MOURA, D. **O uso da LIBRAS no Ensino de Leitura de Português como segunda língua para Surdos: Um estudo de caso em uma perspectiva bilíngue.** Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC, 2008.

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

SANDIN-ESTEBAN, M. P. **Pesquisa Qualitativa em Educação: Fundamentos e Tradições.** São Paulo: Artmed, 2010.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, A. L. da, MACEDO, A. V. L. da S, NUNES, A. (Orgs.). Crianças Indígenas. **Ensaio Antropológico**. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, M. B. **Educação Infantil**: abrindo novos horizontes para a inclusão. TCC / Programa de Formação Continuada. 2008.

SILVA; NICOT. A formação de conceitos científicos das ciências naturais nas séries iniciais do ensino fundamental. **Revista Areté**, V.2. Nº 3, 2009.

SKLIAR, C. **Asurdez**: Um olhar sobre as Diferenças. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

SLOBIN, D. **Psicolinguística**. São Paulo. EDUSP, 1980.

SMITH, D. D. **Introdução à Educação Especial: Ensinar em tempos de inclusão**. São Paulo: Artmed, 2008.

STROBEL, K. L. A visão da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. In: **Dossiê Grupo de Estudos e Subjetividades.ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, jun, p. 245-254.

TREVISAN, Patrícia Fantinel. CARREGARI, Júlio. **Construindo Conhecimento Educação Especial**. 2ª edição – Manaus: Editora Valer, 2011.

TREVISAN, R; Il Boldrini. O gênero *Eleocharis R. Br.* (Cyperaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 6, p. 7-67, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. Ed. 16. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

VARGAS, P. A. T. **LIBRAS**: Língua de Sinais Brasileira e por que ela é essencial para a Comunicação do Surdo com Surdo e do Surdo com o Ouvinte. 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/1-libras-lingua-de-sinais-brasileira-e-por-que-ela-e-essencial-para-comunicacao-do-surdo-com-surdo-e-do-surdo-com-o-ouvinte/111683/#ixzz4J1MEwhFR>. Brasília. Acesso em: 01 de setembro de 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, 1978.

VYGOTSKY e LURIA. **Estudos Sobre a História do Comportamento**. Porto Alegre, Artmed, 1976.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A: roteiro de entrevista com os professores do Centro de Educação Infantil Aurora e da Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna.

APÊNDICE B:entrevista para monitor do Centro Educacional Infantil Aurora; Entrevista para o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Centro de Educação Infantil Aurora e da Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna.

APÊNDICE A

APÊNDICE A: Roteiro da entrevista com os professores as Escola Municipal Centro de Educação Infantil Aurora

ENTREVISTAS PARA PROFESSOR

Estimado (a) professor (a),

Apresentamos abaixo, questões que dizem respeito ao desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia que tem como tema: "ENSINO DA CIÊNCIA: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS". Nosso objetivo no estudo é compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências, considerando o exercício mental executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula e na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto no Ensino de Ciências.

Agradecemos o apoio.

Prof. Francisca Keila Feitas Amoedo e Dr. José Camilo Ramos de Souza

Data: ____/agosto de 2016

Área de Estudo: Ensino da ciência Local: Aurora

Identificação: _____

Nome: Maria Rosaria Jovanes de Oliveira

Formação: Normal Superior

Sexo: (x)F ()M Idade: 51 Escola: Aurora Série: 1º Período

1. Qual a sua formação?

normal superior

2. Você já havia trabalhado com alunos surdos antes de lecionar nesta escola?

Não (x) Sim (...)

3. Participou de algum curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou teve como disciplina na graduação?

Não (x) Sim (...)

4. Caso não tenha feito algum curso de Libras, gostaria de fazê-lo?

Não (...) Sim (x)

5. Tem intérprete de LIBRAS presente durante os momentos de aula com a turma?

Não (x) Sim (...)

6. Há dificuldades em trabalhar com o aluno surdo? Quais?

Sim. São inúmeras dificuldades, háo vists que foi o meu primeiro ano de trabalho e a dificuldade, também nós estava preparada nos se quer uma graduação.

7. Quais recursos e estratégias você utiliza ao trabalhar com o aluno surdo? De que forma?

O alfabeto, os numerais, algumas atitudes em libras.

8. Qual o meio de comunicação que você utiliza com o aluno? Porquê?

Comunicação Oral Comunicação em LIBRAS

Porque precisa ter as duas comunicações, pois a criança nos é totalmente surda, algumas coisas a mesma ouve e...

9. Você acredita na capacidade de aprender do seu aluno?

Sim. Justifique Não. Porquê?

Cada ser é capaz de aprender.

10. Quais as maiores dificuldades apresentadas pelo aluno surdo na sala de aula?

Quando as pessoas não estão preparadas para interagir com a mesma.

11. Quais os progressos alcançados por seu aluno surdo?

A criança surda ela tem o acompanhamento de família e do professor de Libras em outros horários. É a mesma tem muita vontade em aprender, mas quando a dificuldade nos chama a sua atenção, não se interessa.

12. O que você entende por Ensino de Ciências?

é o conhecimento científico adquirido na escola e a análise pertinentes das informações recebidas sobre os avanços da ciência e da tecnologia.

13. Você considera o Ensino de Ciências importante para a alfabetização da criança surda? Porquê?

Sim é muito importante para a alfabetização de crianças. Porque ele precisa ter conteúdos de forma interdisciplinar.

14. Como é trabalhada a proposta curricular do ciclo básico do Ensino Fundamental, no que concerne ao Ensino de Ciências Naturais para a criança surda?

É trabalhada como se fosse para a criança ouvinte, não há diferença.

15. Há diferença de aprendizagem dos conceitos de ciências da criança surda para a criança ouvinte?

(x) Sim Quais? () Não. Justifique.

A criança surda ela depende muito da professor de libras, já a criança ouvinte não.

16. Como o Ensino de Ciências contribui no processo de ensino-aprendizagem da criança surda?

Trabalhamos repleta a proposta curricular

17. Em sua opinião o que falta para melhorar a aprendizagem dos conceitos de Ensino de Ciências para a criança surda?

Personas que tenham pelo menos graduação na área.

18. Relate alguma experiência vivenciada junto aos alunos surdos, que você considere relevante para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências.

A minha primeira experiência foi esse ano, mas não será difícil trabalhar com a criança surda desde que este professor preparado e interessado!

19. Com relação a disciplina de ciências, qual conteúdo você julga mais difícil de ser ministrado? Por quê?

Os reagentes e os fenômenos da natureza porque se pensa que não são tão importantes, quanto português e matemática.

APÊNDICE A:

Roteiro da entrevista com os professores as Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna

ENTREVISTAS PARA PROFESSOR

Estimado (a) professor (a),

Apresentamos abaixo, questões que dizem respeito ao desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia que tem como tema: "ENSINO DA CIÊNCIA: DIALOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS". Nosso objetivo no estudo é compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências, considerando o exercício mental executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula e na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto no Ensino de Ciências.

Agradecemos o apoio.

Prof. Francisca Keila Feitas Amoedo e Dr. José Camilo Ramos de Souza

Data: 20 /agosto de 2016

Área de Estudo: _____ Local: _____

Identificação: _____

Nome: GEANA DE JESUS PRESTES

Formação: Pedagogia

Sexo: (x)F ()M Idade: 39 anos Escola: Pe. PAULO MANNA Série: PRE-

1. Qual a sua formação?

Superior Completo

2. Você já havia trabalhado com alunos surdos antes de lecionar nesta escola?

Não (x) Sim (...)

3. Participou de algum curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou teve como disciplina na graduação?

Não (...) Sim (x)

4. Caso não tenha feito algum curso de Libras, gostaria de fazê-lo?

Não (...) Sim (x)

5. Tem intérprete de LIBRAS presente durante os momentos de aula com a turma?

Não (x) Sim (...)

6. Há dificuldades em trabalhar com o aluno surdo? Quais?

Não tenho dificuldade em trabalhar com aluno surdo, mas encontro dificuldades quanto ao material didático.

7. Quais recursos e estratégias você utiliza ao trabalhar com o aluno surdo? De que forma?

Utilizo a língua brasileira de Sinais com auxílio do dicionário do autor Fernando Capovilla, utilizando os sinais dos meses e aplicando nas minhas estratégias de sala de aula.

8. Qual o meio de comunicação que você utiliza com o aluno? Porquê?

(...) Comunicação Oral (X) Comunicação em LIBRAS

Porque hoje a comunicação feita entre pessoas surdas e ouvintes são feitas através da Libras.

9. Você acredita na capacidade de aprender do seu aluno?

(X) Sim. Justifique () Não. Porquê?

Pois o aluno surdo aprende na medida que lhe for ensinado, com esforço e dedicação constrói o aprendizado satisfatório com o aluno surdo.

10. Quais as maiores dificuldades apresentadas pelo aluno surdo na sala de aula?

Uma das maiores dificuldades encontrada ainda está na escrita da língua portuguesa.

11. Quais os progressos alcançados por seu aluno surdo?

Os progressos alcançados é a sua aprovação para a série seguinte no final de cada ano.

12. O que você entende por Ensino de Ciências?

O ensino das Ciências na Educação Infantil engloba todas as disciplinas curriculares de uma forma interdisciplinar.

13. Você considera o Ensino de Ciências importante para a alfabetização da criança surda? Porquê?

Sim, se for trabalho utilizando a primeira língua do aluno surdo.

14. Como é trabalhada a proposta curricular do ciclo básico do Ensino Fundamental, no que concerne ao Ensino de Ciências Naturais para a criança surda?

Proposta curricular toda adaptada com a Língua Brasileira de Sinais.

15. Há diferença de aprendizagem dos conceitos de ciências da criança surda para a criança ouvinte?

(...) Sim Quais? (X) Não. Justifique.

Não, pois depende da metodologia do professor.

16. Como o Ensino de Ciências contribui no processo de ensino-aprendizagem da criança surda?

As atividades de Ciências nos dão a oportunidade de trabalhar com materiais concretos e utilizando o campo visual que proporciona uma aprendizagem significativa para a criança surda.

17. Em sua opinião o que falta para melhorar a aprendizagem dos conceitos de Ensino de Ciências para a criança surda?

Depende de cada professor, e de sua metodologia que o professor irá usá-la.

18. Relate alguma experiência vivenciada junto aos alunos surdos, que você considere relevante para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências.

No trabalhar o ensino de ciências com crianças surdas na Educação Infantil ensina-se primeiramente a libras por ser a 1ª língua da Pessoa Surda. Na experiência vivenciada por exemplo com o tema "Corpo Humano", estudo os sinais do corpo humano em libras, ao fazer a exploração do conteúdo, o aluno surdo já conhece tais sinais, ficando fácil de compreender e a aprendizagem do aluno surdo é eficaz, pois é trabalhado no primeiro momento a libras e depois associando a língua Portuguesa que vem ser a segunda língua da Pessoa Surda.

19. Com relação a disciplina de ciências, qual conteúdo você julga mais difícil de ser ministrado? Por quê?

Não tem conteúdo difícil, tudo irá depender da metodologia que o professor irá utilizar durante a aula.

APÊNDICE B

APÊNDICE B:

Roteiro da entrevista com os professores do Centro de Educação Infantil Aurora

ENTREVISTAS PARA MONITOR

Estimado (a) Monitor (a),

Apresentamos abaixo, questões que dizem respeito ao desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia que tem como tema: "ENSINO DA CIÊNCIA: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS". Nosso objetivo no estudo é compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências, considerando o exercício mental executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula e na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto.

Agradecemos o apoio.

Prof. Francisca Keila Feitas Amoedo e Dr. José Camilo Ramos de Souza

Data: ____ / agosto 2016

Área de Estudo: Ensino de Ciências Local: CEI Aurora

Identificação: _____

Nome: Deiana Ferreira de Oliveira

Formação: _____

Sexo: (X)F ()M Idade: _____ Escola: CEI Aurora Série: 1º período

1. Qual a sua formação?

Ensino Médio Completo

2. Você já havia trabalhado com alunos surdos antes de lecionar nesta escola?

Não (X) Sim (...)

3. Você está como aluno monitor para atender especialmente a criança surda?

Não (...) Sim (X)

4. Participou de algum curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou teve como disciplina na graduação?

Não (...) Sim (X)

5. Caso não tenha feito algum curso de Libras, gostaria de fazê-lo?

Não (...) Sim (X)

6. Quanto tempo trabalha na Escola Escolar?

há 3 anos

7. Você está presente durante todos os momentos de aula com a turma?

Não (...) Sim (X)

8. Participa de práticas ou experimentos nas aulas?

8. Participa de práticas ou experimentos nas aulas?

Não (...) Sim (X) Quais?

Participa do momento da rodinha com relatos de que é vivenciado em casa, participa de todos os momentos culturais da escola como: danças e músicas e de todas as atividades propostas pelo professor.

6. São relacionados problemas atuais sobre o Ensino de Ciências durante as aulas?

Não (...) Sim (...) Quais?

7. Qual o principal recurso utilizado nas aulas de Ensino de Ciência para a criança surda?

8. São utilizados suportes, recursos ou materiais didáticos específicos ou adaptados para os alunos surdos?

Não () Sim (X) Quais?

Alfabeto em libras numerais em libras e também uso em aplicativos chamado Proleaf morel (e) neste aplicativo podemos utilizar frase e o dicionário com diferenças palavras.

9. Como é a participação das criança surda nas aula de Ciência?

10. Você nota diferença no desempenho de alunos surdos nas aulas?

Não () Sim (X) Qual? Costumo dizer que há uma significativa diferença pois nem sempre a criança entende o que está ocorrendo ao seu redor. Porém a aula surda tem um desempenho mais a frente que alguns colegas, compreendendo e desenvolvendo habilidades melhores que de seus colegas.

11. Tem algum conteúdo sobre Ensino de Ciência que você sente mais dificuldade para transmitir para a criança surda? Qual (is)?

12. Relate alguma experiência vivenciada junto aos alunos surdos, que você considere relevante para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências.

APÊNDICE B:**Roteiro da entrevista com os professores do Centro de Educação Infantil Aurora****ENTREVISTAS PARA O PROFESSOR DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)**

Estimado (a) professor (a) de Atendimento Educacional Especializado (AEE),
 Apresentamos abaixo, questões que dizem respeito ao desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia que tem como tema: "ENSINO DA CIÊNCIA: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS".
 Nosso objetivo no estudo é compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências, considerando o exercício mental executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula e na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto.

Agradecemos o apoio.

Prof. Francisca Keila Feitas Amoedo e Dr. José Camilo Ramos de Souza

Data: ____/ agosto 2016

Área de Estudo: _____ Local: _____

Identificação: _____

Nome: _____

Formação: _____

Sexo: () F () M Idade: _____ Escola: _____ Série: _____

1. Qual a sua formação?

licenciatura plena em pedagogia

2. Você já havia trabalhado com alunos surdos antes de lecionar nesta escola?

Não (...) Sim (X)

3. Participou de algum curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou teve como disciplina na graduação?

Não (...) Sim (X)

4. Caso não tenha feito algum curso de Libras, gostaria de fazê-lo?

Não (...) Sim (X)

5. Quanto tempo trabalha na Unidade Escolar?

dois meses

6. Como se deu sua formação para o atendimento de crianças surdas?

primeiramente nos cursos de libras e estudando o AEE.

7. O que é o atendimento Educacional Especializado (AEE)?

É o atendimento ofertado no contra-turno para as crianças que não diagnosticadas com alguma deficiência, tem como objetivo o suplemento ou completo educacional dessas crianças, portanto não é reforço escolar.

8. Como o Atendimento Educacional Especializado (AEE) contribui para o ensino-aprendizagem da criança surda?

Principalmente através do ensino da Libras - língua materna do surdo - pois é através deste que as crianças poderão compreender melhor o português.

09. Você já participou de algumas práticas em sala de aula com a criança surda, referente ao ensino de Ciências?

Não () Porquê?

Sim (...) Destaque

Somente na perspectiva interdisciplinar, onde o tema central era a língua Portuguesa.

10. São relacionados problemas atuais da disciplina de Ensino de Ciências no Atendimento Educacional Especializado?

Não (...) Porquê?

Sim () Quais?

Queimados; meio ambiente; poluição; lixo;

11. Qual o principal recurso utilizado no Atendimento Educacional Especializado, para a criança surda?

Jogos de cartas com imagens e nomes.

12. São utilizados suportes, recursos ou materiais didáticos específicos ou adaptados para os alunos surdos?

Não (...) Porquê?

Sim (X) Quais?

jogos de cartas, piscina de bolinhas com datilografia, jogos da memória, família em cartaz;

13. Como é a participação da criança surda no Atendimento Educacional Especializado?

com o horário de 07:00 às 09:00 às vezes vem com im-
disposição, pois segundo os pais dorme tarde, mas depois
que começa torna-se extrovertido na sala, e parece se
contém mais um pouco.

14. Quais as dificuldades criança surda no Atendimento Educacional Especializado?

compreender sinais abstratos; raivade, tristeza, gestos;

15. Tem algum (ns) conteúdo (s)/assunto (s) que você sente mais dificuldade para transmitir? Qual (is)?

Os sinais abstratos;

16. Sobre o Ensino de Ciências, qual a maneira que você ensina os principais conceitos da disciplina, para a criança surda?

pareio sobre a escola, mandando a criança fazer
o livro no livro, mostrando imagens desenhadas.

17. Relate alguma experiência vivenciada junto aos alunos surdos, que você considere relevante para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências.

Depois que ensinei o sinal de lixo, a criança bus-
ca algo assim para sinalizar, eu quando tem bolinhas
de papel ou qualquer outro resíduo de material didático
está pedindo para eu jogar no lixo, para apertar e pes-
sar na vizinha.

APÊNDICE B:

Roteiro da entrevista com os professores da Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna

ENTREVISTAS PARA O PROFESSOR DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

Estimado (a) professor (a), de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Apresentamos abaixo, questões que dizem respeito ao desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia que tem como tema: "ENSINO DA CIÊNCIA: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS". Nosso objetivo no estudo é compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências, considerando o exercício mental executado pela criança para assimilar os múltiplos conteúdos ministrados em sala de aula e na perspectiva da transposição do abstrato para o concreto.

Agradecemos o apoio.

Prof. Francisca Keila Feitas Amoedo e Dr. José Camilo Ramos de Souza

Data: _____ / agosto 2016
 Área de Estudo: _____ Local: _____
 Identificação: _____
 Nome: Maria do Socorro Figueiredo Fernandes
 Formação: Pedagogia
 Sexo: F () M Idade: 47 Escola: _____ Série: _____

1. Qual a sua formação?

Pedagogia

2. Você já havia trabalhado com alunos surdos antes de lecionar nesta escola?

Não Sim (...)

3. Participou de algum curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou teve como disciplina na graduação?

Não (...) Sim

4. Caso não tenha feito algum curso de Libras, gostaria de fazê-lo?

Não (...) Sim (...)

5. Quanto tempo trabalha na Unidade Escolar?

14 anos

6. Como se deu sua formação para o atendimento de crianças surdas?

Cursei minha pós graduação em Educação Inclusiva e Libras, fiz cursos em Libras, e estagiei em turmas de surdos com professores experientes na área.

7. O que é o atendimento Educacional Especializado (AEE)?

São atividades desenvolvidas, no contra-turno, visando identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos, e de acessibilidade, que facilitem o desempenho do aluno eliminando as barreiras para a plena participação de todos.

8. Como o Atendimento Educacional Especializado (AEE) contribui para o ensino-aprendizagem da criança surda?

Ele desenvolve a competência gramatical bem como textual para que sejam capazes de gerar sequências linguísticas bem formadas. Também oferece ao aluno suporte sequencial e motivação para aprender, sendo de extrema importância para a inclusão do aluno na classe comum.

09. Você já participou de algumas práticas em sala de aula com a criança surda, referente ao ensino de Ciências?

Não (...) Porquê?

Sim (X) Destaque

. Sistema solar (concreto)
 . As partes da planta
 . O trânsito

10. São relacionados problemas atuais da disciplina de Ensino de Ciências no Atendimento Educacional Especializado?

Não (...) Porquê?

Sim (X) Quais?

É necessário uma mudança pedagógica no trabalho com os surdos, o ideal é que seja organizado o conteúdo partindo de uma perspectiva visual e tátil.

11. Qual o principal recurso utilizado no Atendimento Educacional Especializado, para a criança surda?

o material concreto visual e as atividades em libras

12. São utilizados suportes, recursos ou materiais didáticos específicos ou adaptados para os alunos surdos?

Não (...) Porquê?

Sim (X) Quais?

jogos, cartazes, maquetes, slides, teatro, dramatizações e materiais concretos de -
 reforçando no aluno a memória vi-
 sual.

13. Como é a participação da criança surda no Atendimento Educacional Especializado?

É bem atuante, eles participam bas-
 tante, não faltam e gostam de intera-
 gir na hora da aprendizagem.

14. Quais as dificuldades criança surda no Atendimento Educacional Especializado?

Ainda é a barreira linguística, o
 professor tem que ter estratégias didati-
 cas que contemplem o aspecto visual,
 a contextualização dos conteúdos e
 fundamental para o aprendizado do
 aluno surdo.

15. Tem algum (ns) conteúdo (s)/assunto (s) que você sente mais dificuldade para transmitir? Qual (is)?

Licença que não, pois me preparo bas-
 tante para que o aluno tenha um
 bom entendimento do conteúdo a ser
 explorado.

16. Sobre o Ensino de Ciências, qual a maneira que você ensina os principais conceitos da disciplina, para a criança surda?

Geralmente para que o aluno tenha
 o melhor entendimento sobre um deter-
 minado conceito e necessário que se te-
 nha o concreto para mostrá-lo, pois
 assim eles compreenderão melhor.

17. Relate alguma experiência vivenciada junto aos alunos surdos, que você considere relevante para compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de crianças surdas na Educação Infantil, tendo como base o ensino de ciências.

O aluno surdo precisa de aulas vivenciadas concretamente e muito bem planejadas para que ele tenha um bom entendimento do conteúdo explorado.

Tenho como experiência uma aula que ministrei sobre sistema solar. Nela usei uma maquete e utilizei um vídeo sobre o tema. Foi muito boa a aula, pois os alunos tiveram um entendimento relevante expressando suas ideias.

ANEXOS

ANEXO A: Ofício para escola

ANEXO B: Termo de consentimento de depoimento e uso de imagem

ANEXO C: Ofício para Secretaria de Educação

ANEXO A**Ofício n. 02/2016/CES-Parintins/GD Parintins, de 2016.****Senhora Diretora,**

Solicitamos a permissão de V.Sa. para desenvolver atividades de campo referente a pesquisa: **“ENSINO DAS CIÊNCIAS: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS/AM**

Tal estudo busca compreender através de estudos teóricos e práticos o processo de ensino e aprendizagem das crianças surda a partir do Ensino de Ciência neste educandário.

Informamos que no acolhimento da solicitação teremos a necessidade de contatos com alunos e professores participantes do projeto, para aplicação de questionários e observação do desenvolvimento das atividades pertinentes à relação entre a escola, à comunidade e o projeto. Tal pesquisa é desenvolvida sob a orientação do Dr. **Jose Camilo de Souza Ramos**, tendo como responsável pela execução a prof^a. **Francisca Keila de Freitas Amoedo**, estudante do curso de mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia.

Esperamos que o resultado da pesquisa contribua para o aperfeiçoamento da relação do projeto com a escola, bem como, para melhoria do Ensino de Ciências das séries iniciais. No mais reafirmamos a solicitação de autorização e apoio para o desenvolvimento das atividades da pesquisa. Encaminhamos cópia do projeto para conhecimento da comunidade escolar.

Sem mais para o momento, renovamos votos de elevada estima e apreço.

Atenciosamente,



Francisca Keila de Freitas Amoedo

Professora Pesquisadora

Fone: (92) 3533 – 6630 / 99101-6174

E-mail: keilamoedo@hotmail.com



ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO DE DEPOIMENTO E USO DE IMAGEM

NOME DA CRIANÇA: _____

NOME DO RESPONSÁVEL: _____

IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

OBJETO: Divulgar as entrevista gravada, fotografia, filmagem, questionário exclusivamente para o Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Amazonas.

DA PARTICIPAÇÃO: Autorizo meu/minha filho (a) participar da pesquisa: ENSINO DAS CIÊNCIAS: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS/AM.

“Esta pesquisa se realizará no período de março a junho de 2016, com observação participante em atividades realizadas na própria escola”.

DO USO: Autorizo o uso da Universidade do Estado do Amazonas- Curso mestrado em Educação em Ciências na Amazônia- Escola Normal Superior sito a Djalma Batista-Manaus- AM, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros e plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que minha/meu filho (a) prestará à pesquisadora **Francisca Keila de Freitas Amoedo**.

A Universidade do Estado do Amazonas- Escola Normal Superior- Curso de Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Parintins-AM, março de 2016.

Assinatura do pai e/ou responsável pela criança.

Assinatura da criança participante da pesquisa.



ANEXO C

Ofício n. 01/2016/CES-Parintins/

Parintins, 20 de Março de 2016.

Senhor Secretário,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, comunicamos a V.Sa. que precisamos desenvolver atividades de campo referente a pesquisa: **“ENSINO DAS CIÊNCIAS: DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA, NA CIDADE DE PARINTINS/AM”**. Tal estudo busca compreender através de estudos o processo de ensino e aprendizagem das crianças a partir do ensino de ciência

Informamos que durante a pesquisa teremos a necessidade de entrar em contato com alunos e professores participantes do projeto, para aplicação de questionários e observação do desenvolvimento das atividades pertinente a relação entre a escola, a comunidade e o projeto. Tal pesquisa é desenvolvida sob a orientação do Dr. José Camilo de Souza Ramos, tendo como responsável pela execução a prof^a.Francisca Keila de Freitas Amoedo estudante o curso de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia.

Esperamos que o resultado da pesquisa contribua para o aperfeiçoamento da relação entre o projeto e as escolas, bem como, para melhoria do ensino de ciências das séries iniciais. Para tanto, solicitamos de V.Sa. autorização e apoio para o desenvolvimento das atividades da pesquisa.

Sem mais para o momento, renovamos votos de elevada estima e apreço.

Atenciosamente,

Francisca Keila de Freitas Amoedo
 Professora Pesquisador
 Fone: (92) 3533 – 6630 / 99101-61-74

E-mail: keilamoedo@hotmail.com